LUCIO DE MENDONÇA
da Academia Brasileira

Murmurios e Clamores

POESIAS COMPLETAS

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DE S. PAULO
LICEU EDUARDO PRADO
BIBLIOTECA

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1902

IAMC
BIBLIOTECA

Poesias - Lit. brasil.

I ... C
BI...
DATA | ...ADA
02/04/80 | F M539
N.° DO VOLUME | R... POR:
21971 | Nanci

NO LIMIAR

Creio firmemente que é a ultima vez que, como fazedor de versos, compareço ao terrivel tribunal da opinião publica; e não venho como reincidente: as culpas, que hoje trago, são antigas, e aqui estou unicamente para pleitear attenuantes. Significa isto, em estylo menos forense, que, se ainda consinto na reedição de versos já publicados, intencionalmente o faço para delles expungir os defeitos mais graves. E desta mesma ordem quantos permanecem! Algumas paginas foram totalmente condemnadas e supprimidas desta edição definitiva. Não quero inculcar que valham alguma cousa as que ficaram; mas as outras ainda valiam menos.

Não apaguei as indiscrições dos carmes senti

mentaes, nem limei as asperezas das estrophes politicas; a umas e outras dará a critica a devida desculpa, attendendo á edade que as produziu.

A' ultima série publicada, as Canções do Outono, *que formam a parte IV deste livro, accrescentei tres composições avulsas, só para completar a collecção.*

Agora, ao despedir-me para sempre destes socios da mocidade, agradeço-lhes intimamente, como a bons filhos, as consolações que me deram.

Rio, 26 de julho de 1901.

L. de M

Chante l'amour à voix basse
Et tout haut la liberté !

V. Hugo.

NÉVOAS MATUTINAS

(1870-1871)

A MINHAS IRMÃS

. . . . . Não sonho gloria;
Escrevi porque a alma tinha cheia.

ALVARES DE AZEVEDO.

CARTA PRELIMINAR

Meu caro poeta.

Estou que quer fazer destas linhas o introito do seu livro. Cumpre-me ser breve para nao tomar tempo ao leitor. O louvor e a censura fazem-se com poucas palavras. E todavia o ensejo era bom para uma longa dissertação que começasse nas origens da poesia hellenica e acabasse nos destinos provaveis da humanidade. Ao poeta daria de coração um *away*, com duas ou tres citações mais, que um estylista deve trazer sempre na algibeira, como o medico o seu estojo, para estes casos de força maior.

O ensejo era bom, porque um livro de versos, e versos de amores, todo cheio de confidencias intimas e pessoaes, quando todos vivemos e sentimos em prosa, é caso para reflexões de largo folego.

Eu sou mais razoavel.

Aperto-lhe primeiramente a mão. Conhecia já ha tempo o seu nome, ainda agora nascente, e duas ou tres composições avulsas; nada mais. Este seu livro, que daqui a pouco será do publico, veio mostrar-me mais amplamente o seu talento, que o tem, bem como os seus defeitos, que não podia deixar de os ter. Defeitos não fazem mal, quando ha vontade e poder de os corrigir. A sua edade os explica, e não sei até se os pede; são por assim dizer extranhezas de menina, quasi moça; a compostura de mulher virá com o tempo.

E para liquidar de uma vez este ponto dos senões, permitta-me dizer-lhe que o principal delles é realisar o livro a idéa do titulo. Chamou-lhe acertadamente *Névoas Matutinas*. Mas porque *névoas?* Não as tem a sua edade, que é antes de céu limpo e azul, de enthusiasmo, de arrebatamento e de fé. É isso geralmente o que se espera vêr num livro de rapaz. Imagina o leitor, e com razão, que, de envolta com algumas perpetuas, virão muitas rosas de boa côr, e acha que estas são raras. Ha aqui mais saudades que esperanças, e ainda mais desesperanças que saudades.

É plena primavera, diz o senhor na dedicatoria do seu livro; e comtudo, o que é que envia á dilecta de sua alma? *Ide, pallidas folhas peregrinas*, exclama logo adeante com suavidade e graça. Não o diz por necessidade de compôr o verso; mas

porque effectivamente é assim; porque nesta sua primavera ha mais folhas pallidas que verdes.

A razão, meu caro poeta, não a procure tanto em si, como no tempo; é do tempo esta poesia prematuramente melancolica. Não lhe negarei que ha na sua lyra uma corda sensivelmente elegiaca, e desde que a ha, cumpria tengel-a. O defeito está em tornal-a exclusiva. Nisto cede á tendencia commum, e quem sabe tambem se a alguma intimidade intellectual? O estudo constante de alguns poetas talvez influisse na feição geral do seu livro.

Quando o senhor suspira estes bellos versos:

> A' terra morta n'um hinverno inteiro
> Voltam a primavera e as andorinhas...
> E nunca mais vireis, ó crenças minhas,
> Nunca mais voltarás, amor primeiro!

nenhuma objecção lhes faço, creio na dôr que elles exprimem, acho que são um echo sincero do coração. Mas, quando o senhor chama á sua alma uma *ruina* (1), já me achará mais incredulo.

Isto lhe digo eu com conhecimento de causa, porque tambem eu cedi nas minhas estréas a esse pendor do tempo.

Sentimento, versos cadentes e naturaes, idéas poeticas, ainda que pouco variadas, são qualidades que a critica lhe achará neste livro. Se ella lhe

(1) Referencia a uma poesia que foi supprimida.

disser, e deve dizer-lh'o, que a fórma nem sempre é correcta, e que a linguagem não tem ainda o conveniente alinho, pode responder-lhe que taes senões o estudo se incumbirá de os apagar.

O publico vae examinar por si mesmo o livro. Reconhecerá o talento do poeta, a brandura do seu verso (que por isso mesmo se não adapta aos assumptos politicos, de que ha algumas estancias neste livro), e saberá escolher entre estas flôres as mais bellas, das quaes algumas mencionarei, como sejam : *Tu*, *Campesina*, *A Volta*, *Galope Infernal*.

Se, como eu supponho, fôr o seu livro recebido com as sympathias e animações que merece, não durma sobre os louros. Não se contente com uma ruidosa nomeada ; reaja contra as suggestões complacentes do seu proprio espirito ; applique o seu talento a um estudo continuado e severo ; seja emfim o mais austero critico de si mesmo.

Deste modo conquistará certamente o logar a que tem pleno direito. Assim o deseja e espera o seu collega

MACHADO DE ASSIS.

Rio, 24 de janeiro de 1872.

NÉVOAS MATUTINAS

São meus versos uns pobres pensamentos
Que, na *manhã* da vida, me vieram;
Flores sem viço, que contrarios ventos
Desbotaram... de pallidas que eram;
Tristes flores ornando as sepulturas
De uns roseos sonhos, de umas crenças puras!

Minhas trovas, eu sei, não ha na terra
Uma alma que vos oiça e que vos queira...
Mas ide voadoras, quaes, na serra,
Quando desponta a aurora prazenteira,
— Repellidas e brancas peregrinas —
Vão a fugir as *névoas matutinas*.

A'...

E plena primavera; trinam aves!
E plena mocidade; riem creanças!
Toques de luz na terra, mais suaves,
Luzes n'alma d'esp'rança, mais intensas!

É plena mocidade; a alma encantada
Vae doida pelos céus a revoar!
Vae, perdida phalena deslumbrada,
Da gloria aos esplendores se offuscar!

Eu da gloria ás coroas não aspiro,
Quero a do amor divina ebriedade;
Meus versos mando ao placido retiro
Onde me ficou presa a liberdade.

Á deleitosa estancia, em que tu moras,
Dilecta de minh'alma, ó doce irmã,

Mando estas trovas. Ide, viajoras :
Ha depois do deserto a Chanaan!

Ide, pallidas folhas peregrinas!
Á sua casa chegareis; então,
Beijae-lhe as brancas mãos, as mãos divinas,
Alastrae-vos alli por todo o chão.

Rio, 1871.

ESTANCIAS A MARIA

Maria ! ao nome teu resurge-me o passado,
Paraiso de amor de sonhos povoado,
Aonde vae do mundo esta alma se abrigar !
Oh ! vinde ! inebriae-me a scismadora mente,
Horas de tanto amor volvidas docemente,
Brandas noites do lar !

Que sonho era existir ! que céu eram teus labios !
Que poemas no olhar, meu Deus !... a lua sabe-os,
A lua que passava a nos sorrir do céu !..
Agora o esquecimento... oh ! não ! eu morreria :
Eu vivo do passado !... oh ! dize-me, Maria,
Dize que não morreu !

Que delicias, meu Deus !... por noites nebulosas,
As nossas frias mãos cerravam-se amorosas,
Como em férvida prece unidas numa só !

Vinham bençams de Deus nos pallidos luares,
E levavam-me ao céu teus languidos olhares,
Escada de Jacob!

Que doce poesia!... em torno o valle, os campos
Cravejados de luz de esparsos pyrilampos,
Um outro firmamento a nos brilhar aos pés!
Além, vulto disforme, a negra serrania...
E uma luzinha ao longe a rebrilhar tardia
Das névoas através...

Uma vez a brincar — somnambula criança —
Me enrolaste na fronte a tua negra trança,
Almejado laurel, que nunca hei de cingir!...
Por elle de minh'alma os sonhos todos dera...
Toda a flôr, toda a luz de minha primavera,
Toda a gloria por vir!

Lembra-te aquella noite?... as mãos presas nas minhas,
Duas estrellas vendo a rutilar vizinhas,
A minha uniste a face, e a mais celeste voz
Dos labios teus manou assim: « Olha as estrellas!
« Vê como tão gentis alli fulgem aquellas...
Amam-se... como nós! »

Oh! sim! bem o disseste; ainda assim, um dia,
Aos pés de nosso Deus, ao lado teu, Maria,
Numa vida sem fim eu hei de estar tambem!
Este exilio no mundo em breve será findo,
E nosso paraiso espera-nos sorrindo
Dos tumulos além!

Julho de 1870.

ADEUS !

Souviens-toi de ce ciel vu de si près ensemble...
Du jour de la rencontre et du jour de l'adieu !

LAMARTINE.

Adeus ! não mais verei a luz dos olhos teus !
Eu morrerei no exilio... é o derradeiro adeus !
A aurora vem raiando, e, luminosa e pura,
A natureza arranca ao somno em que descança.
Ai ! só para minh'alma é noite, noite escura,
Sem estrellas no céu, sem luzes de esperança !

Porque, meu Deus, ergui-me aos páramos azues
Para rojar depois da terra nos paúes ?
Eu vi tão perto o céu ! tão juncto estive a Deus !
Eis-me agora no mundo, estranho, visionario,
Espectro da saudade, olhar volvido aos céus,
Pedindo para a chamma o gelo do sudario !

Foi tamanha a ventura! aquelle amor foi tanto!
Depois voltar do mundo ao frio desencanto!
Porque viver ainda o sonhador desperto?
Manda sorte fatal que, tudo morto, eu viva!
A meus olhos sem fim desdobra-se o deserto...
Eterno padecer! saudade rediviva!

E, ha tão pouco ainda, as nossas mãos unidas,
Os olhares casados, almas confundidas,
Fallavamos de amor, sonhando o paraiso!
E nos arroubos d'alma, em nosso doce enleio,
Juramentos no olhar, nos labios o sorriso,
Tu segredavas — amo! — eu respondia — creio! —

Seu manto rutilante a noita desdobrava
Sobre nossas cabeças; fria perpassava
A brisa enamorada alli por tuas tranças,
Que eu beijava amoroso, ouvindo-te fallar!
E minh'alma embalada em doces esperanças
Banhava-se na luz de teu celeste olhar!

E sobre tanto amor já sinto que se espalha
De teu esquecimento a gélida mortalha!
Já tudo vae tão longe! eu nada mais conheço...
Nem mais uma esperança alenta os passos meus!
Adeus! sê venturosa!... eu parto! eu enlouqueço!
Adeus! lembra-te sempre! adeus, minh'alma, adeus!

Abril de 1870.

FLÔR DA AURORA

E lenda que nasceu nas brumas lá de Minas...
O tempo... longe vae... nem mais me lembra agora...
Quando sobem do monte as névoas matutinas
Nasceu a flôr do valle, a branca *Flôr da aurora.*

Flôr da aurora não era o nome da menina,
Que vivia feliz á sombra de seus paes;
Chamou-se assim depois da desditosa sina
Que pela estrada a leva em caricias mortaes.

Lucilia se chamava a loura criancinha,
Por cuja perda ainda o patrio valle chora.
Que reflexos do céu nos brandos olhos tinha!
Meu Deus! como era linda a branca *Flôr da aurora!*

Amor de pae, não tinha; a mãe vivia ainda
A perdel-a de mimo e cegueiras de amor.

Que barbara lhe foi a pobre filha linda!
Fugiu doida e perdida; a mãe morreu de dôr!

Lá vôa a matricida; é já mulher sem nome!
Queima a tremula bocca em beijo que devora!
O rapido corsel o chão ardente come...
Ai triste flôr do valle! ai pobre *Flôr da aurora!*

Já vão longe, bem longe! as broncas serranias
Eriçam rudemente os cimos para o ar!
Sopram brisas d'hinverno asperrimas e frias,
Range a floresta ao vento em torvo blasphemar!

Passa a noite, o sol vem... a malaventurada
Tem a face desfeita e de medo descora.
Procura em torno o amante, e vê-se abandonada!..
Ai triste flôr do valle! ai pobre *Flôr da aurora!*

... Parou... tremeu convulsa a desmaiada bocca!...
Tremeu... cravou nos céus o desvairado olhar...
Correu depois a rir, a rir... estava louca!...
E foi pela floresta a rir, a gargalhar!
. . . . . .

Viajor da manhã, que assim te vaes sósinho,
Dá rédeas ao corsel, embebe aguda espora!
Viajor! viajor! demanda outro caminho...
Senão, tem de matar-te a branca *Flôr da aurora!*

Pena e arde a infeliz em lubricos desejos...
Ao seio o viandante aperta com furor...
Exhaurem força e vida aquelles torpes beijos!
Dá rédeas ao corsel! — ao largo, viajor!

DITHYRAMBO

Covardes, que choraes, bebei commigo
A Baccho, o generoso e bom amigo,
O jubiloso rei!
Ondas de vinho a scintillar fecundas
Trocae por essas lagrimas immundas...
Eia, imbecis! bebei!

Choraes perdidos beijos de devassas?..
Tendes nas boccas rubras destas taças
Mil beijos mais leaes!
A taça, a dedicada companheira,
Que vos dá num affago a alma inteira,
Que em beijos lhe exgottaes,

Depois de cada amor fica vasia,
Corpo sem alma, ou alma sem poesia,

Imagem da mulher!
E, se a rejeita vossa mão já langue,
Ella enthesoura lagrimas de sangue
No seio, que vos quer!

Choraes saudade amarga? o esquecimento
Bebe-se aqui; o coração sedento
Aqui o saciaes!
Orgia, miseraveis! dentro em pouco,
Ha de rir-vos na mente um mundo louco,
Covardes, que choraes!

Desesperardes? não: embriagae-vos!
Ha nas fézes das taças doces laivos,
Laivos quasi do céu!
Ao ebrio o coração já não estúa;
Não vê mais os horrores da alma núa:
A embriaguez é um véu!

. . . . . .

Eia, filha de Baccho, Orgia ardente!
Aplaca-me este sangue impaciente!
Queima-me o coração!
Queima-o fibra por fibra, o máu faminto,
Até que no meu peito caia extincto,
Resfriado vulcão!

Rio, 1871.

CONSUMMATUM EST!

Silencio! é tudo morto!... a paz dos tumulos
Esta alma desvairada amortalhou,
Que de sonhos do céu andava ebria...
Silencio! é tudo morto, e morto sou!

Ha muito fel nas fézes do supplicio!
Passa-se o inferno para entrar o céu!
Ainda aqui persegue-me a memoria,
O phantasma de tudo que morreu!

Que mais queres, passado? as minhas lagrimas
De fel, de sangue, todas não te dei?
Deixae o que é já morto, sombras! ide-vos:
Relembraes uma historia que bem sei!

Deixae fechadas essas tristes paginas,
Que já minh'alma tanta vez releu!...

Minh'alma, que se vae, sósinha, misera,
Fumo do valle, que não chega ao céu !

Não te maldigo, não, imagem pallida
De meus sonhos de amor, anjo e mulher !
Inda teu nome gemerão meus labios
Quando o frio da morte lhes vier !

•

Como eu te amava ! nos teus olhos humidos
Bebia a crença, a vida, os sonhos meus !
Meu céu era onde estavas ! minha gloria
Era um sorriso desses labios teus !

Era por ti que, á noite, na vigilia,
Eu supplicava ao céu a inspiração...
Para trocar as pallidas auréolas
Pelas corôas que teus olhos dão !

Quando a lua nos páramos ethereos
Ia a correr, somnambula do ar,
Eu lhe dizia : « Teus olhares languidos
Não são tão meigos como o seu olhar !

« Tu alumias a montanha, a varzea,
O campo, o lago, o mar soluçador ;
Mas seus olhos, fulgindo brandos, tremulos,
Illuminam minh'alma, que é maior ! »

. . . . . .

Que tristissima noite muda e rapida
Me foi a derradeira no teu lar !...

Ia o sol do outro dia, archanjo biblico,
Daquelle paraiso me expulsar!

. . . . . .

Alma, não quebres a mudez dos tumulos!
Tudo morreu, minh'alma! dorme em paz!
Não mais volteis, imagens saudosissimas!
Passado, ó meu passado, nunca mais!

1870.

ULTIMO ADEUS!

Adeus! o Desalento abre-me os braços,
A seus sombrios reinos me transporta!
Adeus! a ultima esperança é morta...
Na eternidade soam já meus passos!

A terra abre-me aos pés a escura porta!
Mortalha immensa vejo nos espaços!
Já se partindo vão terrenos laços...
E um doido de menos... ah! que importa?

O corpo — ao verme, o nome — ao esquecimento!
Onde, onde minh'alma, Senhor Deus?!...
Vacilla-me assombrado o pensamento!

Adeus, ó bem amados lares meus!
Adeus, celestes crenças de um momento!
Sonhos, sonhos de amor, adeus! adeus!

Barra do Rio de Janeiro, 1871.

A VOLTA

Ó tu, primeiro sonho que encantaste
As minhas pobres noites de poeta,
Mais saudosa visão do meu passado,
Do futuro esperança mais dilecta!

Eu volto para juncto de teus olhos,
Para juncto de tudo que adorei!
Trago sómente lagrimas de pena...
Perdôa-me!... não vês como voltei?...

Não me odeies; eu sou tão desgraçado!
Deixa-me contemplar-te, ó anjo, deixa!
Nunca mais ouvirás de minha bocca
Nenhum desejo mais, nenhuma queixa!

Eu juro... sim! eu juro que p'ra sempre
Esqueci-me daquelle amor tão louco!...

Era mesmo ousar muito, eu me arrependo,
E hoje só te peço muito pouco...

Deixa que eu imagine, a contemplar-te,
O que podia ser a f'licidade !...
Não me repillas, não... eu só te peço,
P'ra ser feliz, um pouco de amizade.

Isso não custa muito ; é uma esmola
Que a todos se reparte ; mas é vida
Para esta alma, que tu conheces tanto,
E que te abençoaria agradecida !

Eu sei que tu consentes : eu me lembro
Como eras boa e terna, minha amiga.
Pois bem ! tu me terás, fiel escravo,
Cão fiel, que te adore e que te siga ?

Bem vês, aquelle orgulho d'outros tempos,
Aquelle aspirar tanto, já morreu...
Ao pobre sonhador abandonado,
Só lhe resta o orgulho de ser teu !

De ser teu para sempre, e só lhe basta
Um sorriso, um olhar, por distracção...
Tu não sabes, talvez, que terra fertil
E de um pobre poeta o coração !...

Cae um sorriso nelle e se transforma
Num raio luminoso de esperança...

Cada olhar lhe parece um juramento,
Gera cada palavra uma lembrança!

Custa bem pouco assim a f'licidade!
Eu volto para o lar do meu passado,
E calmo viverá na paz da sombra
Meu pobre coração já calcinado!

S. Paulo, 1871.

ULTIMA SUPPLICA

Mon espérance à moi, mon Dieu, c'est ma mémoire
LAMARTINE.

I

Era um sonho encantado, um doido sonho immenso,
O céu á terra preso, — o sonho de Jacob
Qual eras tu, mulher!... ai Deus! porque inda penso?
Morreu tudo! morreu!... vive a saudade só!

Salve, saudade! salve, ó alma do passado!
Esposa do infeliz, celestial conforto!
No exilio acalentaste a Adão amargurado...
Feliz! que via n'alma o paraiso morto!

Sanctas recordações, no mundo a sós estamos!
Minh'alma só vos quer; sois tudo que ella tem!

Vinde ! da arvore sêcca aos despojados ramos
Vão as aves do valle a gorgeiar tambem.

Busquei-vos, dias meus, de luz do céu sedento,
E não moraveis mais no sancto lar antigo !...
Havia-o devastado o hinverno — esquecimento...
Dias meus, revivei... para morrer commigo !

Voltei a vêr o lar... o lar tinha esquecido !
Nem eram já de amor aquellas estações !
Assim tudo morreu ! assim tudo é perdido !
Somos de mais na terra, ó minhas illusões !

II

Je n'avais ici-bas conservé qu'une image...
Ne la ternis pas dans mon cœur !

LAMARTINE.

Como roja tão baixo pelo mundo
Quem tanta vez ao céu arrebatou-me !
E se deturpa no jurar mentido
O labio puro em que viveu meu nome !

Ó tão amada nunca ! para ama-la
Roubei a Deus amor e adoração !
Via tudo a meus pés — o céu e o mundo,
No delirio daquella perdição !

Tudo tu me mataste — sonhos, crenças,
Esperança e porvir e f'licidade...
Deixa-me pura, ao menos, a lembrança
Não me mates tambem esta saudade

Março de 1871.

MEIA HISTORIA

I

« Alvo ninho de amor, bemdicta estancia,
Quanto calor de affecto ha no teu seio!
Vae-se mudando em mocidade a infancia...
E nem sinto viver, no doce enleio!
Dizem que em torno deste paraiso
Existe um mundo que padece e chora,
Onde não ha sem lagrima um sorriso!...
Graças, graças, meu Deus, pela ignorancia!
Eu só conheço a ti, visão da aurora,
Alvo ninho de amor, bemdicta estancia!

« Como é bella a mulher de meus amores!
E que sanctos amores que nós temos!
Vê-nos a tarde junctos, sonhadores
Que em sublime sonhar nos esquecemos!...

E vem a noite e a lua peregrina...
Que harmonia do céu aqui resôa!...
Cae-lhe dos labios uma voz divina
Ás crenças minhas, como orvalho a flôres!
Como o lar de segredos se povôa!
Como é bella a mulher de meus amores!

« No lar abençoado, em que ella mora,
Tudo vive, sorri, palpita e ama!...
Porque um olhar de Deus a cada hora
Celeste felicidade alli derrama!
Descem anjos do céu a enamora-la...
Porque um sorriso della tudo encanta!
Porque os anjos entendem sua falla!
Meu Deus! minh'alma, em vez do céu, te implora
A vida eterna aqui, na casa sancta,
No lar abençoado em que ella mora! »

II

Eu passo ao longe... além, vulto indeciso,
Entre o fumo e a névoa mal diviso
O lar que ella habitou!

Foi lá... que bem lembra!... inda ha bem pouco,
Houve lá um amor immenso, louco...
Mas foi um só que amou!

E amava muito, o triste ! e mais não tinha
Do que esse unico amor na alma mesquinha,
Que inteira consumiu !

Mas foi um só que amou... e o sol, um dia,
Não mais junctos os viu, como antes via ;
Mas só, nem triste, a viu !

Elle partiu.... levava o desalento...
Ninguem lhe ouviu nem queixa, nem lamento...
Foi muda a immensa dôr !

Ella bem cedo se esqueceu da criança...
E ninguem, nem o lar, guardou lembrança
Daquelle pobre amor !

GALOPE INFERNAL

Away ! Away !
BYRON.— *Mazeppa.*

« Sopram ventos gelados de hinverno,
Fria névoa no espaço desceu...
Trago n'alma as angustias do inferno,
Tôrva chamma, que amor accendeu !
Não resvala por entre o granizo
Nem um raio de sol... nem tambem
Ha nesta alma gelada um sorriso...

Eia, além, meu corsel ! eia, alem !

« Tudo está pela bruma encoberto...
Mas que importa ? tambem meu futuro
É assim um medonho deserto,
E assim um oceano de escuro !
Já suffocam-me os duros tormentos,

Já lembranças maldictas me vêm...
Eia, além, abracemos os ventos !

Eia, além, meu corsel ! eia, além !

« Vejo um valle... no ar se ennovella
Pardo fumo, que sóbe de um tecto...
Que mysterios aquillo revela !
Que sonhados carinhos de affecto !
Ha lá dentro... quem sabe?... nest'hora
Tantos sonhos, que eu tive tambem !...
Foge, doido ! que mais te demora ? !...

Eia, além, meu corsel ! eia, além !

« Teu galope nas brenhas resôa ;
A teus pés o caminho estremece ;
A avesinha medrosa já vôa,
Mesmo a névoa, a nos vêr, se esvaece !
Tudo assim, meu corsel, nos evita...
Ai daquelle que affectos não tem !
Oh ! cumpramos a sina maldicta !

Eia, além, meu corsel ! eia, além !

« Desce noite de hinverno gelada,
E ninguem, meu corsel, nos abriga !
Na carreira infernal, desvairada,
O tufão minhas faces fustiga !
Neste insano correr nos matamos...

E não chora, e não sente ninguem !
Oh ! corramos ! p'ra sempre corramos !

Eia, além, meu corsel ! eia, além ! »

. . . . . .

E lá vão cavalleiro e cavallo
Na carreira satanica e louca !
Ai do triste ! que já p'ra traga-lo
Dum abysmo escancara-se a bocca !
Mas a febre daquelle tormento
Não morreu neste mundo tambem...
Que sua alma galopa no vento...

« Eis, além, meu corsel ! eia, além ! »

1871.

Á MORTE DE CASTRO ALVES

Salve no marco extremo o laureado athleta !
Homem, venceste emfim ! chegaste emfim, poeta !
Foi aspero o deserto, é branda a Chanaan.
Deixaste-nos, a nós, e vives no universo,
Porque para o immortal a sepultura é berço,
E a morte manhã !

Mais bello ainda assomaste ao pantheon — memoria.
Na fronte aureolada ha mais fulgir de gloria
Depois que a branca Morte a bocca ahi collou.
Ha mais suave uncção nos labios inspirados,
Scintilla mais o olhar nos olhos desvairados,
Que o genio electrisou !

Eis-te na patria emfim, ó pallido proscripto !
O alma de poeta, embala-te o infinito !
O lodo abriu o seio ao lodo que cahiu ;

Mas deslumbra-se a mente, e a mente se illumina...
Um immortal ergueu-se, uma visão divina
Esplendida fulgiu!

Não te choramos, não! erguemos-te um hosanna,
Ó remido captivo, ó alma soberana,
Que o mundo agrilhoava e o céu arrebatou!
Sacia-te de luz nos páramos empyreos!
Doideja no infinito, arrouba-te em delirios,
Ó brasileiro Hugo!

Desvelada vestal, musa de toda a edade,
A turba enthusiasta, a ardente mocidade
Ha de fallar de ti ás muitas gerações!
Espumas nos lançaste, ó *homem-oceano*,
Que, doiradas á luz de um genio sobrehumano,
Foram constellações!

Abrasava-te a fronte a mais sublime idéa!...
Ao clarão do porvir, gravaste uma epopéa
Ás victimas dos reis, do despotismo atroz.
A este pobre povo, idolatra e captivo,
Sangrentas as mostraste... e ouvimos Pedro Ivo
Fallar por tua voz!

Moço, poeta e livre! oh! salve, glorioso!
Ha de eterno viver teu nome luminoso...
Para o lavar da terra os seculos são vãos!
Recebe o nosso adeus até á eternidade!
Ouve ainda uma vez, é a voz da mocidade,
É o « salve! » dos irmãos!

S. Paulo, 18 de julho de 1871.

AO ERMO !

Quero paz, quero harmonias,
Liberdade, inspiração,
Que a poeira das cidades
Me atrophia o coração.

VARELLA.

Lyra minha, que a musa dos amores
Tangia nos delirios, sonhadora,
Que outr'ora resoavas em louvores
Aos divinos encantos da traidora;

Lyra minha leal, que de meus olhos
Bebeste tanta lagrima de fel,
Que mudavas em flores meus abrolhos,
Meu padecer, em cantos á infiel

Lyra tangida na soidão do ermo,
Companheira das noites sem dormir,

Balsamo nobre de meu peito enfermo,
Derradeira esperança do porvir !...

Vamos, bem longe destes céus escuros,
Onde mais livre pulse o coração !
Vamos, lyra ! terás os beijos puros
Das liberrimas auras do sertão !

Vamos onde não ha perjuras boccas !
Vamos lá onde tudo é livre e grande !
Onde no céu as nuvens são mais loucas
E as azas negras o condor expande !

Fujamos deste pantano — cidade,
Dos tripudios da tòrpe saturnal !
Abrigae-nos na vossa immensidade,
Virgens florestas do paiz natal !

CAMPESINA

Morena filha do ensombrado valle,
Vem nos meus olhos embeber teus olhos,
Teus olhos côr do céu!
Já desce fria névoa pelos montes.
Já lá na extrema do horizonte rubro,
Rubro o sol se escondeu.

Modula o sabiá saudosos threnos,
Occulto na folhagem,
Na folhagem das selvas verde-negras
Vogam no rio placidas canôas;
As saracuras cantam nas lagôas,
Nas lagôas da vargem.

Vem, morena gentil; meu peito frio
Anceia por teus braços.

Aquece minhas mãos em teus cabellos,
Meus labios nos teus labios; sim! amemos,
Emquanto nos espaços
Accendem-se as estrellas rutilantes.
E nós repetiremos
Muitas juras de amor, em mil abraços!

Quero eu teu seio repousar a fronte,
Que pallida se inclina;
Quero beber a inspiração divina
Nuns labios de mulher,
Nuns olhos amorosos,
Que entornem luz nas trevas de meu peito,
Na minha mente sonhos deleitosos!

Então, meu Deus, então
Como hei de amar a tarde que enrubece
E a festiva manhã! e quanta prece
Ardente se erguerá do coração,
Das redivivas crenças!
E que idéas immensas
De novo pelo cerebro voarão!

E, recordando as lendas do passado,
Idos sonhos e mortas esperanças,
Hei de rir-me, talvez!
E, se ainda uma lagrima restasse
Para, rolando quente pela face,
Chorar ainda uma vez

Aquelles doces dias seductores,
Eu a limpára, rindo, nos cabellos,
Nos humidos cabellos
Da morena gentil de meus amores!

PRIMEIRO AMOR

Era na primavera ; docemente
Deslisava a existencia, qual canôa
Que resvala nas aguas indolente,
Nas azuladas aguas da lagôa.

Era na aurora meiga da existencia ;
Sorria em cada sonho uma esperança...
Era uma alma illudida, alma de criança,
Face de lago em placida dormencia.

Nuvem a resvalar no firmamento,
No futuro minh'alma divagava ;
Transbordava de sonhos no momento
Em que nuns olhos se prendeu escrava !

Era eterno sorriso a natureza,
Azulavam-se os mares em bonança,

Que fallavam de amor e de esperança
Esses olhos de mádida belleza!

Primeiro amor! abençoada aurora
Que uma só vez as almas illuminas!
Ai! só nos resta, se te vaes embora,
O lugubre silencio das ruinas!

Por ti, mulher, o mundo me encantava
Em sorrisos de eterna primavera!
Astro, nem sabes tu quanta chimera
Á tua luz divina germinava!

Tu foste a promissora luz de Hero,
Que ao longe me acenaste com a ventura;
Luctei com o mar em doido desespero,
Nas vagas me cavei a sepultura!

Foram phanal teus olhos seductores;
Foi o mundo entre nós o mar de escolhos;
Luctei, porque brilhavam-me teus olhos,
Porque sonhava, além, os teus amores!

Ai meu primeiro amor! porque nasceste
Naquelles falsos olhos adorados?...
Minha aurora, em máu céu amanheceste!
Amor! os dias teus eram contados!

Á terra morta num hinverno inteiro
Voltam a primavera e as andorinhas...
E nunca mais vireis, ó crenças minhas,
Nunca mais voltarás, amor primeiro!

AMOR DE CRIANÇA

Era amor de criança...
E que puro amor não era!
Não tem a terra mais flôres,
Na donosa primavera,
Do que esperanças eu tive
Nesse amor que já não vive!

Era uma sombra bemdicta,
A que esta alma adormecia,
Velada por mil anjinhos...
Nem nos céus a noite fria
Põe mais astros do que sonhos
Me acalentavam risonhos!

Ella era um anjo cahido
Lá da morada de Deus...

Inda por isso trazia
Nos olhos a côr dos céus...
E quem podia escuta-la
Dos anjos ouvia a falla!

As flôres fallavam della
Nas conversas do jardim,
E por ella as borboletas
Tinham ciumes de mim;
E eu vivia de esperança
Nesse meu amor de criança.

Ella beijava-me a fronte
E com os olhos me affagava
E com as brancas mãos de neve;
E eu, em troca, lhe dava
O que só as crianças dão:
— As flores do coração.

Mas era tudo no mundo
Onde não dura a esperança,
E o mundo em breve levou-me
Esse meu amor de criança...
E nunca mais sonharei
Os sonhos que então sonhei!

ANGELA

Quando Angela nasceu, no valle umbroso
Onde a casa paterna se escondia,
O rio murmurou mais sonoroso,
As aves concertaram na harmonia ;
Houve canções do vento na palmeira ;
A veiga de perfumes rescendeu ;
Teve um sorriso a natureza inteira,
Quando Angela nasceu.

Quando Angela viveu, em torno della
O mundo em paraiso transformou-se.
Ao passar-lhe por frente da janella,
Enternecia o vento a voz tão doce!
Foi mais rútilo o sol e mais fecundo ;
Mais amorosa a lua enlanguesceu...
Como que Deus esteve só no mundo,
Quando Angela viveu.

Quando Angela morreu, quando ao degredo
Se resgatou dos anjos a irmã presa,
Os ventos soluçaram no arvoredo,
Os sabiás gemeram na deveza;
O rio teve lagrimas de espuma;
A luz vivida o sol amorteceu,
E amortalhou-se o valle em densa bruma,
Quando Angela morreu.

TU

Tu és um céu azul de primavera,
Das nuvens brancas nítido passeio...
Céu azul, ai! quem me dera,
Andorinha, perder-me no teu seio!

Tu és pallida lua viajora
Pelo céu estrellado, em noite fria...
Lua pallida, se eu fôra
Branca névoa, comtigo fugiria!

Tu és de Deus o anjo mais querido,
O mais formoso e puro, o mais perfeito...
Anjo, ai! se eu houvera sido
Nuvem doirada, a te servir de leito!

Tu és a flôr mais linda que enrubesce
Nos terrenos jardins... Em molle adejo,

Flôr mais linda, ai ! se eu pudesse,
Borboleta, morrer num só teu beijo !

Tu és a Inspiração, musa divina,
Cuja voz embriaga-nos a mente...
Musa angelica, me ensina,
Que a teus pés cantarei eternamente !

A VIZINHA

Como formosa não era
A triste moça vizinha!...
Que negros olhos que tinha!
Que lindo olhar era o seu!

Olhos assim como os della
Nunca no mundo brilharam,
Que no mundo revelaram
Segredos que eram do céu!

Nunca os labios descerrou-lhe
O mais ligeiro sorriso,
Que aos homens o paraiso
Para sempre se fechou!

Nem sei que estranho mysterio
Aquelles olhos buscavam

No céu, que nunca deixavam,
No céu, que emfim os ganhou!

Que os ganhou, sim, para estrellas
Do seu luminoso manto,
Que roubam com o brilho tanto
Toda a luz dos olhos meus!

E chora a terra perdida
A belleza peregrina,
Que para a plaga divina
Foi carregada por Deus!

Nem lhe deu o sol do hinverno
O calor que lhe trouxera,
Que ao morrer da primavera
Ella morrêra tambem!

Morrêra... á hora da tarde,
No quadro azul da janella,
Não vi mais o rosto della...
Nem nunca mais vi ninguem!

Nos labios já não ha risos,
Já flôres não ha na terra,
E nem mais a noite encerra
Dos sonhos a embriaguez...

Eras-me a vida, e morreste...
E morro, e sigo-te, ó morta!
No cemiterio... que importa?
Serás vizinha outra vez!

FOLHA VERDE

Folha verde forasteira
Nas azas do vendaval,
Que máu genio te arrebata
Das companheiras do val?

— O meu valle harmonioso
Quanta delicia não tinha!
E vou longe, longe delle,
Qual viajora andorinha...

Foi um temporal de hinverno
Quem do valle me perdeu...
Andorinha, vou em busca
Da primavera do céu!

O tufão é a desgraça,
E no tufão me alevanto...

E subo... o céu se avizinha...
Róço de Deus pelo manto !

E desço já semi-morta,
Nos ares arrebatada...
E depois do espaço — o lodo...
E depois da gloria — o nada.—

Folha verde peregrina,
Que perdida vaes além,
Folha verde, a tua historia
É minha historia tambem :

Foi no val de minha infancia,
Gêlo d'hinverno choveu...
Andorinha, vou em busca
Da primavera do céu !

1871.

ALVORADAS

(1872-1874)

A MEUS IRMAOS

ALVORADAS

O titulo escolhido para esta collecção de versos não é novo. Depois de já o haver adoptado, mesmo por guardar tal ou qual relação com o do meu primeiro livro, *Névoas Matutinas*, li a noticia de um volume de poesias com o mesmo titulo de *Alvoradas*; quiz, desde então, baptisar diversamente o meu livro; não m'o consentiram alguns amigos, a cujo delicado empenho tive de ceder. Estas cousas, tão pouco interessantes, digo-as sómente para me desculpar do apparente delicto de me haver apropriado de um pensamento alheio.

Alvoradas chamam-se estes versos, que nem têm a luz nem as harmonias do amanhecer... Serão como as madrugadas chuvosas, — desconsoladas, mudas e monotonas.

Alvoradas são tambem os toques militares com

que se despertam do somno os soldados... Não poderão chamar-se assim os clamores da minha poesia, obscura sentinella republicana, bradando aos soldados da causa sancta que é tempo de accordar?

L. DE M.

Rio de Janeiro, 1874.

A...

Amo-te muito, encantadora criança
De olhos divinos, de sorriso casto.
No pobre coração enfermo e gasto
Os balsamos verteste da esperança.
Todo eu te pertenço — o meu futuro,
Onde raia a esperança entre esplendores,
E o meu passado inteiro, abysmo escuro,
Onde ha gemidos de profundas dores.
— Oh ! sejam-te uma auréola á fronte calma
Estas pallidas luzes de minh'alma !

S. Paulo, 1874.

A TARDE

Quando a fogueira do poente arde
E começa um torpor suave e lento,
Embebe-se tambem o pensamento
Na tristeza monotona da tarde.

Esbatem-se os contornos ; quanto existe
Lento esmorece em ondas esfumadas ;
Tudo amenisa-se ; as paixões veladas
Tornam-se calmas como a hora triste.

Como os passaros vôam mollemente
Demandando dos ninhos o repouso,
Passaros d'alma, vão buscando o pouso
Os pensamentos, no saudoso ambiente...

O pouso hospitaleiro que, á distancia,
Aos olhos nos occulta a sina austera,

Aonde a esposa de nossa alma espera,
Onde passou-se a descuidosa infancia.

Onde, nas horas em que a noite desce,
De longas sombras inundando as almas,
Nossa mãe, nossa irmã, com as frontes calmas,
Erguem por nós affectuosa prece.

Branda melancolia nos invade
Com a doçura de um bálsamo divino...
Ó dona de minh'alma e meu destino,
Eu lembro-me de ti... com que saudade!

S. Paulo, Ponte Grande, 1873.

ALICE

Os seus olhos são como os das pombas,
sem fallar no que está occulto dentro.
CANTICO DOS CANTICOS.

Imagina um sorriso só de criança,
Todo candura, e juncta-lhe a meiguice
De um sorriso de mãe; e tens ideado
O sorriso de Alice.

Imagina um olhar — mysterio e sonho,
Cheio de luz, de gloria, de doidice...
Com a seducção dos olhos da mãe-d'agua;
E tens o olhar de Alice.

Imagina uma grave melodia,
Tão doce como nunca mais se ouvisse,
Como nunca se ouviu na terra ainda;
E tens a voz de Alice.

Já viste como o cysne fende o lago?
Como deslisa a névoa na planicie?
Como anda na clareira a pomba rola?
E vêr o andar de Alice.

Olha o macio pétalo corado
De rosa que de todo não abrisse,
O mimo da conchinha nacarada;
E a bocca de Alice.

Se um dia visses no alcantil dos cerros
A immaculada neve que cahisse,
Verias, ai de mim! do que é formado
O coração de Alice.

1874.

A INSENSIVEL

Chamava-se Idalina, e tinha vinte e um annos.
Era alva, esbelta, loura... entre mulher e fada.
Diziam que era estranha aos affectos humanos,
Pois nunca a viram rir e nem chorar de nada.

Se désse para o mal, enchia dous infernos
De reprobos. Tambem, se désse para amar,
Que d'almas para o céu! Mas os gelos eternos
Cobriam-lhe a alma inteira, a sua alma polar.

Era Idalina assim. Poetas em manada
Sagravam-lhe do estro a luz brilhante e fatua...
Mas a poesia aos pés morria-lhe esmaiada
Como alvores de lua em pedestal de estatua.

Dir-se-ia que Deus, vendo-a bella, estupenda,
E não querendo dar ao mundo a perfeição,

Ao envez do que fez o Prometheu da lenda,
Poz estatua a mulher : tirou-lhe o coração.

Amor, intimo hymno, harmonia divina,
Musica d'anjos n'alma, eólio murmurio,
Porque não lhe animaste a fórma peregrina?
Porque lhe não encheste o coração vasio?

Se pudesse um momento aquella creatura,
Por milagre de Deus, amar na terra álguem,
O amor que ella inspirasse era a extrema loucura,
Pois ser amado della era o supremo bem!

Muito peito adorou-a em sancto amor acceso,
Mas a chamma voraz se extinguia ao despreso.
Mais de uma vida em flor por ella se perdeu
Em negro desespero; e nem se commoveu.

Elle era bello e louro, um alto cavalheiro
De aspecto senhoril e modo sobranceiro.
Era sceptico e rico ; amára amantes mil.
Tinha um limpido olhar sereno e varonil,
Olhar de rei, olhar de fria magestade.
Formoso como a fé, triste como a saudade,
Tambem nunca sorria. Aqui tendes Raul.

Era uma linda tarde ; o céu estava azul
Como uns olhos de ingleza. Oh! á tarde, o Passeio
Como fica bonito! Estava mesmo cheio
No dia em que isto foi. Raul estava lá ;

Idalina lá estava : aonde o homem está,
'Stá e perigo, diz-se, e tudo a crêr me inclina.

Era, como já disse, uma tarde divina.
No terraço, Raul, farto de olhar o mar,
Voltava, quando viu Idalina passar.
Olharam-se. No olhar existe um magnetismo.
O olhar de uma mulher tem sempre um quê de abysmo.
Não sei bem o que foi ; mas, logo horas depois,
Em um baile, essa noite, encontraram-se os dois.

Dizia-se mais tarde, a uma voz, na cidade,
Que partira Raul, depois da felicidade
Maior que já na terra um homem poude ter.
Perdêra-se Idalina. Eu não podia crêr.
Mas assim foi. Um dia, aquella paixão toda,
Abafada, insurgiu-se : amou como uma douda !
Mas a um homem sem fé, que por isso a perdeu.
E sabem o que fez a insensivel ? Morreu.

S. Paulo, 1873.

GALATHÉA

E uma deusa lendaria,
Gelada perfeição rara,
Um primor de estatuaria,
Que um grego artista assignára.

Para ser fiel, retrato-a
Sem sentimento ; que importa ?
É uma belleza de estatua,
Perfeita, correcta e morta.

S. Paulo, 1874.

GALATHÉA

Nos olhos tens a transparencia pura
Do nosso céu, e abysmos de ternura
E promessas de luz e perdição!
Nos labios tens rosados paraisos,
Jaspe, ambrosia, nácar e sorrisos...
Como és bella, mulher sem coração!

Quando a cabeça languida reclinas
E essas tuas palpebras divinas
A meio cerras indolente, e a mão
Deixas pender abandonada aos beijos,
Tens um seio que arfa de desejos,
Mas o que tu não tens, é coração!

Bem sabes a delicia que me invade
Quando, em horas de febre e mocidade,

Beijos de luz os nossos olhos dão !
E mal me vou embora tudo esqueces !
Olha ! a suprema perfeição pareces,
Só o que tu não tens, é coração !

Rio, 1873.

LUSBELLA

Embalde contra ti, quando perdi-me,
Sancto nome invoquei como exorcismo :
Ha nos teus olhos tanto magnetismo,
Que á sua tentação ninguem se exime.

Lembrando-me de ti, mulher sublime,
Tenho a loucura n'alma quando scismo !
Ha nos teus olhos a attracção do abysmo !
Ha nos teus labios o sabor do crime !

Quando sorris, perversa, tomba um ente
Na eterna sombra onde não chega Deus
E ha dentes a ranger eternamente !

Oh ! eu trocára a luz toda dos céus
Pela chamma do inferno mais ardente,
Por um só beijo nesses labios teus !

S. Paulo, 1873.

ANGELA

Ah! yo imagino á Angela, pisando estrellas en el cielo, resplandeciente de hermosura, entr los coros de los angeles, entonando el cantic de la bienaventuranza. CASTELAR.

Fica na tua placidez divina,
Alva e loura visão, que nunca sintas
Da paixão que devora, que hallucina,
As torvas chammas infernaes, famintas!

Nem chores nunca as illusões extinctas!...
Foge, foge do amor, que é triste sina.
Esse *demonio interno* não consintas
No immaculado seio de menina.

Sonho-te sempre assim, anjo radioso,
Com o sorriso cheio de carinho
E de um como luar mysterioso...

Postas as mãos, mais alvas que o arminho,
E embebido o olhar no azul saudoso
Do céu, como seguindo-lhe o caminho.

Rio, 1874.

HINVERNO

Chove como um diluvio ; as azas da procella
Rufam-me um festival nos vidros da janella.
Escrevo mansamente, e aqui tenho ao pé,
Aberto sobre a mesa, um livro de Musset,
O querido poeta, o grande libertino
Que nas taças bebia em cada gotta um hymno.
Depois, é já hinverno... Ah ! como sou feliz
Quando vejo na terra o amarello matiz
Deste bom velho amigo e de feições austeras !
Eu prefiro um hinverno a vinte primaveras.
Não gosto do verão ; qual um amante audaz,
Louro raio de sol, malcriado rapaz,
Entra pela janella, enche de claridade
A sala, e me perturba a doce obscuridade.
No hinverno ha o socego, ha o tranquillo estar,
A intima conversa, o braseiro a estalar.
Contemplam-me da estante, amigos costumados,

Poetas que eu reuno em casa, encadernados,
Hugo — o semi-deus — e Uhland — o mimoso,
O doce Lamartine e o Byron tumultuoso
E o Méry musical, e, junctos acolá,
Tres livros que contêm cantos de sabiá,
Os *Cantos* do Varella.

Hinverno, meu amigo,
Escuta-me um segredo, e guarda-o bem comtigo :
É ridiculo e triste. Em proximo porvir,
Quando no esquecimento eu gelado dormir,
Tu alastra-me o chão de folhas amarellas.
Terão cahido já, mais mortas do que ellas,
As minhas illusões. É que a vida se esvae
Como a fumaça azul do louro *bird's eye*.

S. Paulo, 1874.

O ANJO DA GUARDA

A rua estava calada.
Em torno tudo dormia.
No céu, a lua, afogada
Pela névoa, nem se via.

Subito, assoma á janella
Que deita para o jardim,
De uma casa, branca e bella,
Uma visão. E ao fim

Da longa alameda escura
Um vulto a não sorprehende.
Chega-se elle, e com ternura
Beija-lhe a mão que ella estende.

A mão trava-lhe da sua,
Attrahe-o para o balcão.

— Limpido raio de lua
Illumina a scena então.

Retrahe-se o crime sombrio
Deante dessa luz tão alva!
Com a face accesa em brio,
A doce virgem se salva.

Já tudo quêda em repouso,
E só se ouve, por fim,
O perpassar amoroso
Da aragem pelo jasmim.

Está na camara sua
A moça; a dormir não tarda.
— Aquelle raio de lua
Era o seu anjo da guarda.

1873.

O ADEUS

Quando cheguei, a camara resoava
De alegres risos, de gazil vozear.
Juncto á lampada estava,
Bella de hallucinar,
A mesma que me poz esta alma escrava.

Quando na sala entrei, ella sorria,
A creatura linda !... E era amor
Que naquelle momento desteria
Seu labio encantador...
Porque o sorriso della é uma harmonia.

Quando a fitei, bem juncto, palpitante,
Casando olhares com olhares seus,
Estava o seu amante.
E aspirava-lhe, ó Deus!
Os magicos effluvios do semblante.

Quando me viu, saudou-me distrahida,
Voltou-se para o outro, e, de cruel,
Em minh'alma dorida
Verteu ciume, — fel
Para amargar-me toda a triste vida.

Quando fui despedir-me, ella sorria...
Roçaram só de leve os dedos seus
Pela minha mão fria...
No entanto aquelle adeus
Era o ultimo adeus que eu lhe dizia!

1872.

O LENÇO BRANCO

Lembras-te, Anninha, perola roceira
Hoje engastada no ouro da cidade,
Lembras-te ainda, ó bella companheira,
Dos velhos tempos da primeira edade?

Longe dessa botina azul-celeste,
Folgava-te o pésinho no tamanco;
Eras roceira assim quando me déste,
Na hora de partir, teu lenço branco.

Como aquella camisa que, na lenda,
Deu a noiva ao cruzado, e a qual a salvo
Sempre o trazia da peleja horrenda,
Assim o lenço que me déste era alvo!

Muito chorei depois que te partiste;
Mas ainda agora as lagrimas estanco

Chegando aos olhos, em silencio triste,
Aos turvos olhos, o teu lenço branco.

Ai ! de esquecer-te no baldado empenho,
Ainda acendra-se a constancia minha !...
Que longos beijos imprimido tenho
No alvo lenço que me déste, Anninha !

E das saudades as sombrias flôres
Lavram-me n'alma como em solo franco ;
E o adeus foi morte aos infantis amores ;
Foi um sudario este teu lenço branco !

Talvez, — por isso que a cidade mata
As flores d'alma com seu brilho immenso, —
Talvez agora, creatura ingrata,
Nem mais conheças o teu pobre lenço !

Mas quando o peito, que a paixão devora,
Cahir após o derradeiro arranco,
E d'entre os vivos eu me fôr embora...
Cubra-me as faces o teu lenço branco !

Rio, 1872.

NO INTIMO

Inda mais uma vez, meus olhos, vistes
O vosso enlevo, a creatura sancta
Por quem minh'alma se extasia e canta...
E verte depois lagrimas tão tristes.

Estava pensativa, ainda mais bella!
E distrahida os olhos demorava
Em vós, meus olhos... e afastei-vos della,
Porque meu coração por vós olhava...

E eu já lhe disse muitas vezes: — Cala!
Occulta-mé este amor muito em segredo...
Póde ella perceber, e tenho medo
Que não vamos com isso contristal-a.

Porque turvar-lhe a placidez da face?...
Porque fallar de dôr aos seus prazeres?...
Ella é tão boa que talvez chorasse...
E melhor fôra, coração, morreres!

1872.

A FAMILIA

Riquissimo e, coitado ! orpham quasi ao nascer,
Emfim o saciára a taça do prazer.
Havia naquella alma esta esterilidade —
Que nem uma esperança e nem uma saudade
Alimentava mais ! Pobre filho do pó,
Tens um recurso extremo — a morte, unico e só.
Tudo é deserto aqui ! Ó alma envilecida,
Levanta-te uma vez ! É um direito a vida !
É um peso ? Está bem : pódes deita-lo fóra,
E raiará, quem sabe ? a divinal aurora !

Vem a noite a cahir... que cerrado nevoeiro !
Que triste anoitecer !... e é o derradeiro !
Já de pontos de luz o amplo céu se cobre.
Quantos astros de Deus serão teus cirios, pobre !
Vae ! ouviste a razão : não póde ser um crime.
Ouves ? lá brame o mar ; é profundo e sublime.

Nas frias ondas, olha ! em menos de uma hora
Tu boiarás sem vida. É quasi como agora.
Partiu. Pelo caminho, olhava para os lados.
Elle ia pela rua. Os homens, fatigados,
Recolhiam-se á casa. Então, porque é que pára?
Eis por uma vidraça o quadro que avistára :

Era elegante a sala, e quente e confortada.
Á mesa, juncto á luz, estava a mãe sentada.
Cosia. Mais além, um bello par de crianças,
Do tranquillo futuro amaveis esperanças,
Olhavam junctamente um livro de gravuras,
Inclinando sobre elle as cabecinhas puras.
Num gabinete, além, que entreaberto se via,
Um homem — era o pae — calmo e grave, escrevia
Emfim, uma velhinha. Estava agora só
Porque estava rezando. Era, de certo, a avó.
E em tudo aquillo havia uma paz, um conforto!...
Oh ! a familia ! o lar ! o bonançoso porto
No tormentoso mar ! abrigo, amor, carinho!...

O moço esteve a olhar.
E voltou do caminho.

1873.

SIC FATA...

Assim, Marilia,
Se acaba tudo.
GONZAGA.

Barbara lei do destino!
Era amor, é amizade.
Prosaica realidade
Fez-se o poema divino.

Tu eras criança e tão linda,
Eu era terno e tão criança...
Lembras-te quanta esperança?
Mas, dize, lembras-te ainda?

Quantas vezes eu dizia,
Fascinado de teus mimos:
— Tudo isto quanto sentimos,
Tudo ha de acabar-se um dia! —

E tu ficavas tão séria
A olhar-me tristemente
Com o teu olhar innocente
Embebido em luz etherea!

Eu bem dizia, estás vendo,
Já nada resta daquillo!
O sonho azul e tranquillo
Aos poucos se foi perdendo.

Pobre affecto casto e doce!
Pobre amor! pobre coitado!
Dorme na paz do passado.
Era destino, acabou-se.

Icarahy, 1874.

ANNIQUILAMENTO

Ouves? morrem no espaço
Da ave-maria os derradeiros dobres...
Era assim nesta hora que, sentada
Na cadeira cingida por meu braço,
Escutavas a merencoria toada
Das minhas canções pobres.

Meus olhos, estás vendo,
Enxutos brilham; tambem eu já posso
Sem lagrimas lembrar-me do passado.
O primeiro martyrio foi tremendo,
Por Deus! mas hoje do romance nosso
Está tudo acabado.

Ás vezes, por acaso,
Quasi a perder-se, fugitiva, incerta,

— Raio de um sol que se abysmou no occaso,—
A tua imagem me atravessa a mente...
Mas nenhuma saudade mais desperta,
E passa indifferente.

Por culpa tua se extinguiu a chamma.
Mas á vaidade resta-te um conforto :
É que este coração, que te não ama,
Está gelado e morto.

1873.

DUAS NOITES

Hontem, no baile, estavas tão bonita,
Mas tambem tão esplendida !... ai de mim !
Porque minh'alma fica triste e afflicta
Quando te vejo deslumbrante assim.

Quando te vejo assim, belleza altiva
A dominar a turba que se humilha,
De te vir a perder, apprehensiva,
A alma se me confrange. Escuta, ó filha :

Mais formosa te achei, de olhos vermelhos,
Aquella noite, em camara sombria,
Velando caridosa, a sós, de joelhos
Ao pé da velha escrava que morria.

1872.

A VOLTA

E tudo o mesmo. No arvoredo ao lado
Inda as brisas murmuram como d'antes;
Inda no céu da tarde avermelhado
Grupam-se as mesmas nuvens cambiantes.

Os mesmos grillos cantam no terreiro;
Inda embebem-se as auras nos perfumes
Do morro agreste. No hervaçal fronteiro
Accende a noite os mesmos vagalumes.

Era assim mesmo outr'ora. Pela estrada
Volta o trabalhador e vem cantando,
E das aves em busca da pousada
Passa nos ares o ligeiro bando.

Nada os astros perderam do seu brilho;
A serrania está como deixei-a.

Assim te via sempre o ausente filho;
Tu eras mesmo assim, ó minha aldeia!

Nos labios da mulher com que eu sonhava,
Ha o mesmo sorriso; ainda caricias
Tem o candido olhar que me enlevava
E me embebia o peito de delicias...

Nada mudou aqui... Só eu que venho
É que o mesmo não sou!
Ai! não sou, não! sómente as fórmas tenho
De um outro que sonhava, e que acabou!

1872.

EXPERIENCIA

Conta a fabula que um dia
No monte estava um pastor;
Era de tarde; fazia
Um tempo esplendido; a côr
Do occaso punha vermelhas
As aguas lisas do mar.
Na relva, as brancas ovelhas
Pastavam manso pastar.

Lá na extrema do horizonte,
Que bem longe se avistava,
Nesse momento passava
Uma vela peregrina.
O pastor viu-a do monte,
E cahiu a meditar
Na sua misera sina
De levar a vida inteira

Nesse pobre apascentar
Os seus rebanhos; emquanto
Que essa vela aventureira
Ia ganhar tanto! tanto!
E era tão manso o mar!

Ei-lo que rapido se ergue,
A ambição todo o accende;
Já sem mais demora vende
O rebanho, o campo, o albergue.
Que sonhos grandes que tem!
Que de visões seductoras!
Ás verdes ondas traidoras
Aventura-se tambem.

Cedo volta e abatido,
Pobre naufrago, sem nada!
Chora o albergue perdido
E a pacifica manada...
Mas trabalha, e recupera
Os calmos bens que tivera.
E quando, á tarde, no monte
Foi sentar-se como dantes,
E viu limpido o horizonte
E velas brancas distantes
E as ondas verdes e planas,
Disse, lembrado, e sorrindo:
« Ó mar, estás muito lindo,
« Mas a mim, já não me enganas! »

Era um tempo de gloria e de esperança,
Quando a meu lado tu surgiste, um dia...

Nos teus olhos azues quanta bonança!
E como o teu sorriso promettia!

Ousei, ingenuo trovador sem nome,
Sonhar grandezas de paixão comtigo!
O teu olhar sirenico enganou-me...
Que estólida ambição, e que castigo!

Perdi naquelle amor os meus thesouros
Immensos de ternura, e a Esperança,
A alegre musa de cabellos louros,
Esquivou-se de mim na aerea dansa.

Hoje meu peito em novo amor se inflora...
Novamente de sonhos enriqueço...
Embalde o teu olhar me tenha agora:
Já não me enganas mais, eu te conheço.

Rio, 1873.

O CAVALHEIRO DO LUAR

(LENDA)

Estava Julia, á noite, na janella,
Numa noite lindissima de lua,
Embevecida no amoroso encanto
Que no ambiente magico fluctua.

Então, como num sonho,
Embaixo, pela rua,
Passava estranho moço,
Bello ao clarão da lua.

Era noite de festa no castello,
Uma noite lindissima de lua,
Julia estava com o noivo na janella:
Presas as mãos, a face unida á sua.

Então, como num sonho,
Embaixo, pela rua,
Passava entranho moço,
Triste ao clarão da lua.

Era noite de luto no castello,
Uma noite lindissima de lua.
Estava Julia morta no seu leito,
Velava o noivo na amargura crua.

Então, como num sonho.
Embaixo pela rua,
Passava estranho moço,
Alvo ao clarão da lua.

1874.

NO ANNIVERSARIO DE UMA MENINA

Bella flôr em botão, linda mulher na infancia,
Guarda bem dentro d'alma, afim que não se mude,
O celeste perfume, a divinal fragrancia,
Na criança — innocencia, e na mulher — virtude.

1872.

NUDA ANIMA

Elle era um desgraçado!
Pois nem tinha esperanças no futuro,
E nem saudades tinha do passado!
Ai! que destino duro!

Nem ter saudade, ao menos!
Viver, passar, e não se lembrar mais!
Caminhar, caminhar, e nunca atraz
Volver olhos serenos!

Que alma pobre!... não era?
No entanto, eu sei, senhora:
Tinha em si muita luz! oh! mais que a aurora!
Mais festivas canções que a primavera!

Tambem ha para as almas um hinverno:
É o desalento. Quando

Elle vem devastar o mundo interno,
Vão-se as crenças em bando!

Compadecei-vos delle... infortunado!
Chorae-lhe o fado escuro,
Que é não ter illusões para o futuro,
E lagrimas não ter para o passado!

1872.

OITAVA RIMA

> Quia fortis ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio; lampades ejus lampades ignis atque flammarum.
>
> CANT. CANTICORUM.

Que vivo amor o meu, que não se apaga
Ante o gelo de tanta indifferença!
Antes, mais violenta se propaga
A sua chamma immorredoura, intensa.
Ella vingou do tempo a fria vaga!
Já commigo não tenho com que vença
Esta paixão indomita, insensata,
Que me devora, que me abrasa e mata!

Eu não lhe deixo nem uma esperança,
Uma unica apenas, que a alimente!
Os meus ultimos sonhos de criança,
Consumiu-m'os a chamma vehemente!

E sobre as cinzas hoje ainda se lança,
E faz-me ainda palpitar ardente
O coração, que após tanta agonia,
A paz da morte, ao menos, merecia.

Longe, bem longe vim desse olhar terno
Que me ateou no peito a luz maldicta!
Nem quando os montes embranquece o hinverno,
Nem quando a terra no verão palpita,
Voltei a vêr o brando lar paterno
Aonde a doce creatura habita.
Mas como é nulla a ausencia quando o ausente
Leva comsigo o amor incandescente!

Doida paixão que excede a natureza!
Não cabe tanto amor em peito humano!
Bem o quero vencer... baldada empreza!
Nem o poude matar o desengano!
Mas ha de se apagar a chamma accesa,
Ha de extinguir-se emfim o fogo insano...
Um dia, coração, has de ter cura...
É bem funda, é bem fria a sepultura!

1873.

CORAÇÕES E MARAVILHAS

Umas flôres de petalos mimosos,
Que fechados estão á luz do dia,
Abrem os seios ao celeste orvalho
Quando a alameda está muda e sombria.

Os corações, mysteriosas flôres,
Têm um sancto recato melindroso :
Fecham-se á luz do sol, e só se expandem
Quando desce o crepusculo saudoso.

Emquanto a rosa, a grande presumida,
Os rubros labios sem pudor, sem medo,
Francos ostenta, dessas castas flôres
Guardam timidos labios o segredo.

Abrem-se á noite, quando em céu discreto,
O branca lua, teu caminho trilhas.
Assim tambem o coração da gente
Abre-se á noite — como as maravilhas.

1874.

NOITE DE LUAR

Pelo céu alvacento vae a lua
Meiga e serena como uma alma boa.
Ha perspectivas vaporosas, calmas,
Que se esbatem ao longe na garôa.

Talvez fluctuem namoradas almas
Na doce claridade compassiva
Destes luares brancos e encantados.
Do sonhador a mente pensativa

Sente olhares dos olhos adorados
Da amada longe ausente; e, na miragem
Da saudade, mais viva lhe apparece
A sua abençoada e sancta imagem.

A natureza quêda-se; parece
Que, recolhida, extatica, suspensa

IAMC
BIBLIOTECA

Escuta algum mysterio das alturas.
Ó bellas almas que viveis na crença,

Ó bemaventuradas creaturas
Que vos amaes! Nos braços ter cingida
A mulher adorada, em noite destas...
Pois não é mesmo ter o céu em vida?

S. Paulo, 1874.

A MINHA LUZ

A luz que eu mais adoro, a que illumina
Meu triste peito apaixonado e ancioso,
Não é a tua luz, ó sol glorioso,
Que alegra e doira o monte e a campina.

Do astro melancolico e saudoso
Não é a branda luz alabastrina,
Em cujas ondas calmas, branca ondina,
Banha-se a alma do poeta em goso.

A luz que me consola no degredo,
A luz que me alumia na procella,
A luz que adoro em timido segredo,

É uma luz que eu vejo da janella,
Coada pelas ramas do arvoredo.
É a luz frouxa do aposento d'*ella*.

S. Paulo, 1873.

PELO RIO

Eh ! vogue, ma nacelle !
BÉRANGER.

Eramos dois na canôa,
Sómente os dois. Eu remava,
Ella a cabeça apoiava
Ao hombro meu.
Roçando pelas barrancas
Iam névoas menos brancas
Que o collo seu.

Bella manhã que essa estava,
Gorgeiada, luminosa !
Quando a luz o mundo gosa,
Que bello é amar !
Alli, a onda azulada ;
Perto, a terra embalsamada,
Tranquillo o ar.

Claro verão confortado,
Alegre estação bemdicta!
Como a terra está bonita!...
Que luz de amor!
Meu Deus! que ventura immensa
Cae do céu em recompensa
Da humana dôr!

« Pallida moça formosa,
O céu é estar a teu lado!
Dá-me esse beijo rogado,
Agora, emfim!
E assim corra tua vida
Como esta agua adormecida,
Assim... assim...»

Disse-lhe eu, e no hombro
Senti trémula a cabeça
Da bella criança. A travessa
Corou. Depois...
O lenho vogava á tôa...
E eramos dois na canôa,
Sómente os dois!

1873.

NA MATTA VIRGEM

Estou na matta virgem; amo a caça;
Amo o beijo dos ventos perfumosos,
Nas florestas, abysmos de verdura,
Com os seus longos silencios religiosos.

Aqui o homem sente-se, orgulhoso,
Filho da natureza, mãe perfeita,
Mãe que o gera, alimenta, educa, enterra...
Mãe sublime que os filhos não enjeita.

Aqui estou entre os meus; as velhas frondes
Me abençoam com lagrimas de orvalho;
Os ventos da manhã beijam-me a face,
E tenho saudações de cada galho.

E o pensamento, passarinho alegre,
Estende as azas, se espaneja e vôa

E canta e folga na harmonia immensa
Da franca natureza calma e boa.

Eu, minha amada, eu não ambiciono
Mais thesouros; nem cuido mais de tel-os.
Quero as perolas só do teu sorriso,
E peço o ouro só dos teus cabellos.

Basta-me o céu azul sobre a cabeça,
E o claro sol, o meu brilhante amigo,
E dentro de minh'alma a tua imagem,
Essa porção do céu que está commigo.

Amo a minha espingarda; creio nella,
Companheira fiel, ardente e linda.
Creio num Deus que nos protege e ama;
E creio nos teus olhos mais ainda.

Que brilhos da cidade são mais bellos,
Que estas manhãs purissimas e claras?
Que nectar é melhor que a agua bebida
Pela amphora selvagem das tacoaras?

Aqui, no meio da floresta virgem,
Quando a distancia se interpõe tamanha
Entre nós dous, eu sinto-te a meu lado...
É que o teu pensamento me acompanha.

E se da morte na estação gelada
Resvalarem as minhas primaveras,
Hão de chorar-me as lagrimas sinceras
De teus olhos azues, ó minha amada!

Rio Bonito, 1874.

A MEIA VOZ

Aimez, car tout est là !
TH. GAUTIER.

Não, amar-te, não te amo bem, creatura :
Para amar-te não basta um peito humano.
Ouve ! a musica cheia de docura
Que ha pouco ainda soluçava ao piano,
Imita a adoração que, em culto ignoto,
Aos teus celestes dons timido voto.

Assim tambem a voz de meus desejos
Aos teus ouvidos trémula esmorece.
Dos labios a soltei — bando de beijos,
Mas ao chegar a ti — era uma prece...
Oh ! dá-me ainda uma vez um doce engano
Nessa amorosa falla do teu piano.

As notas, ao nascerem-te dos dedos,
Cahem-me n'alma com celeste afago,

Como alvores de lua, entre arvoredos,
Na lisa face de dormido lago.
E quando a voz encantadora exalças,
É como aura a gemer por entre as balsas.

Minh'alma, ouvindo a musica tão grata,
Acima voga das sombrias maguas,
Como, ao chorado tom da serenata,
Batel azul a resvalar nas aguas.
Ao piano ainda uma vez, um só momento,
Adormece-me o triste desalento!

Oh! tu nem sabes que ambição, que anceio
Ha nest'alma, coitada, que sómente
Occulta os éstos no profundo seio
E mostra a face placida, dormente...
Olha! os pallidos louros da poesia,
Todos os dera pelo amor de um dia!

S. Paulo, 1873.

VERGASTAS

(1873-1889)

A MEU PRIMEIRO FILHO

A MEU PRIMEIRO FILHO

Meu filho ! uma onda de emoção sagrada
Encheu-me o coração quando vieste
Alumiar-me a vida, qual, doirada,
Rompe a manhã depois da noite agreste.

Eras meu filho !... Trémula avesinha,
Um sopro bastaria a dar-te morte...
Oh ! como então, vida da vida minha,
Para te proteger senti-me forte !

E via-te já homem, a meu lado,
Intrepido soldado do Direito,
Amparando-me o braço fatigado,
Accêso em nobre fé o altivo peito.

Não me desmintas a visão solemne
Deste esplendido sonho ! e apenas basta

Que honestamente cumpras o que ordene
Teu coração de moço enthusiasta.

Ama o povo; abomina o tyrannia;
Defende o fraco; lucta com a maldade
Sem tréguas nem perdão, filho! confia
Na Justiça, no Amor e na Verdade.

Chovam-te minhas bençams aos milhares!
E se meu coração todo desejas,
Segue-me os passos; — mas se apostatares,
Filho de meu amor, maldicto sejas!

4 de dezembro de 1882.

AS MONTANHAS

FRAGMENTOS

Quando ao magico verbo o nada fez-se mundo,
E o oceano bramiu, e o sol brilhou fecundo,
Deus fallou á montanha : « Em ti sempre achará
« A sancta Liberdade um refugio e um abrigo. »
Veio o homem e o vicio e as aguas do castigo,
E os eleitos de Deus pararam no Ararat!

Vem aos hebreus Moysés, biblico Xenophonte
Do povo peregrino. Eil-o que sóbe a um monte,
— O Sinai — p'ra trazer as leis á multidão.
Erram pelo deserto; alenta-os a esperança;
E Moysés p'ra morrer ainda um monte alcança
— O Nebo, donde, ao longe, avista a Promissão!

Quando ao povo de Deus, passado, já proscripto,
Dos Persas a Alexandre, e de Alexandre ao Egypto,

Querem roubar ainda as crenças dos avós,
Insurgem-se os fiéis á voz de Matathias,
E têm os Machabeus nas broncas serranias
A porfiada lucta e a liberdade após!

Volvei o olhar agora a essa Grecia antiga,
Cujo nome immortal ainda não ha quem diga
Sem pasmo, e vêde alli o que as montanhas são!
Luctam por ter Messenia os féros espartanos,
E o monte Ira defende, em sitio d'onze annos,
Os messenios heróes, que morrem á traição!

Galeras mais e mais arroja a Persia aos mares,
E vão de um monte ao pé quebrar-se aos centenares!
Vae com Xerxes um mundo, e pára, e não vae mais!
Quem os detem? Sómente uns montes e uns soldados.
Mas não, persas, passae! passae, que são tombados
Os trahidos heróes, os gregos immortaes!

Grecia! Grecia! ai de ti! descendo vêm do norte
As armas de Philippe. Elle não traz a morte,
Traz a tua vergonha e traz os teus grilhões!
Mas inda tens heróes, ainda tens montanhas,
Onde vás asylar as tradições tamanhas,
Onde vão pelejar teus derradeiros leões!

E luctaram ainda, e muito! a hora extrema
Da Grecia foi ainda homerico poema!
Que seu ultimo olhar transido illuminou
Sobre tanta ruina um vulto sobranceiro,

Philopœmen, o achaico, o grego derradeiro!
No sudario da Patria a Gloria o amortalhou!

. . . . . .

Era na velha Roma. A realeza ousada
Morrêra com Lucrecia, a heroica deshonrada!
Mudara-se sómente o nome do senhor:
Já não era mais Tullio, o escravo enthronisado;
Não era mais Tarquinio; agora era o senado.
Se não havia o rei, havia o dictador.

Da longa escravidão está cançada a plebe.
Ella que tudo paga e que nada recebe,
Ella que seu suor gotta por gotta o dá
Aos patricios ladrões, abandona a cidade,
Vae para o Monte-Sacro; eis, surge a liberdade!
Quando dalli voltou, tinha tribunos já!

. . . . . .

Montes! que lenda a vossa! Á deusa foragida,
Á Liberdade, sois baluarte e guarida!
Ergueram-vos de Deus as invisiveis mãos!
Oh! o monte Calvario!... ajoelha-se áquelle
Berço da eterna luz, tribuna donde Elle
Os homens proclamou — livres, eguaes, irmãos!

. . . . . .

Stamos na média edade. O musulmano ardente
Deixa as tendas da patria, os sonhos do Oriente.
A ambição o impelle, o enthusiasmo, a fé!
Sonha já do outro mundo as plagas encantadas...

« Está o paraiso á sombra das espadas »,
Allah lh'o prometteu por voz de Mahomet!

Desventurada Hispanha! a guerra fratricida
O seio gangrenou-lhe; e agora ei-la vendida
Pela facção infame ás invasões brutaes!
Polue-se a donzella; a Egreja é profanada;
Vence o Korão a Biblia; o alfange vence a espada;
E a onda da invasão avança mais e mais!

Não! não succumbe a Cruz ao peso das injurias!
Em torno de Pelagio, em meio das Asturias,
Inda ha godos leaes! e a patria vive lá!
É lá o altar da Cruz! E é lá dessas montanhas
Que a aurora redemptora, ó terra das Hispanhas,
Rubra de muito sangue, um dia surgirá!

. . . . . .

Vede a brava Suissa, os livres montanhezes!
Que tigres no luctar!... Austriacos, francezes,
Ella é pequena... e vós, vós immensos, recuaes?!
Venha Gessler sicario, inundem-na de Alfredo
Os assassinos mil, que á lucta não têm medo
Da livre patria agreste os filhos immortaes!

A tamanhos heróes sómente essas montanhas
Foram digno theatro e são dignas peanhas!
Ás ondas da invasão foram-se alli quebrar!
Loucura, insensatez de coroadas frontes!
Quem vencerá um povo em meio dos seus montes!
Quem domará na selva as sanhas do jaguar?

. . . . . .

Ó patria brasileira! ó terra das montanhas!
Um embryão immenso agita-te as entranhas...
Tu sentes do futuro a grande gestação!...
Nossas almas viris, aguias das cordilheiras,
Remontam para o sol! Entre as livres bandeiras
Havemos de plantar teu grande pavilhão!

S. Paulo, 1871.

A UM PULPITO QUEBRADO

Estás inoffensivo, estás vasio,
Velho caixão malvado,
Que trazias de Roma, consignado
Ás multidões beatas
O preconceito estupido e sombrio
E o dogma bestial, de quatro patas.

Tu nunca foste compassivo e terno :
Ao pobre, quasi nú,
Que lhe dizias tu?
Os terrores dramaticos do inferno!

Por todos os tres lados,
Blasphemavas feroz contra o Progresso,
Que foi 93? foi um possesso,
Crivado de peccados;

A Liberdade, um sonho sedicioso ;
A Sciencia, uma cynica atrevida ;
Só a Religião é que é a vida,
E a reza, o largo porto bonançoso.

Da Imprensa tu disseste mais horrores
Do que Mafoma disse do toicinho...
E o pestifero ninho
Dos abutres do mal e da impiedade,
Covil de peccadores
Que têm de arder por toda a eternidade.

Hoje, cahida em ruinas a capella,
Estás á chuva e ao vento e ao sol aberto...
Estás melhor, decerto.
Hoje, em logar do cirio, vês a estrella.
Do máu cheiro de incenso desinfecto,
Agora perfumou-te
A viva aragem fresca da campina ;
E tens por vasto, esplendoroso tecto
A cupola divina,
A constellada abobada da noute.

Em vez do orgam fanhoso, ouves agora
O cantico das aves,
As musicas da aurora.
E sobre as tuas traves,
Donde escorria a onda das asneiras,
Gemem de amor as pombas forasteiras.

Novo padre Jacyntho, sacudiste
O teu jugo catholico romano,

E em vez de velho pulpito tão triste,
És um digno caixão, livre e profano.
E, pois te restituiste
Á grande communhão da natureza,
Acharás, com certeza,
Um fim mais nobre, donde te provenha
De ser util a esplendida alegria :
Acabarás em lenha
Para aquecer de um pobre a noite fria.

1882.

A BANDEIRA APEDREJADA

In hoc signo vinces.

O République universelle,
Tu n'es encor que l'étincelle,
Demain tu seras le soleil!
VICTOR HUGO.

Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança!
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança!
CASTRO ALVES.

Na cidade de Cesar, alta noite,
Como um propheta em meio de uma orgia,
Um phantastico vulto apparecia
A rutilar de esplendidos signaes.
Traz em lettras de luz palavras sanctas...
Das nações livres os pendões hasteia...
No meio delles fraternal ondeia
Auriverde pendão sem nada mais!

O novo Balthazar, que se embriaga
Na taça do poder que já transborda,
Vacilla... manda a famulenta horda,
Que a mesa serve dos festins reaes,
Contra a visão que lhe perturba a orgia!
Ladra a matilha que o senhor açula...
E em cima, calmo como a idéa, ondula
Auriverde pendão sem nada mais!

Eil-o, no meio das bandeiras livres,
O vulto immenso, o semi-deus dos *crentes!*
É Castelar, o apostolo das gentes,
O tribuno dos grandes ideaes!
É o Moysés das gerações modernas,
Que leva o povo á Promissão dos povos!
Saúda-o, voz dos brasileiros novos,
Auriverde pendão sem nada mais!

Os novos phariseus lhe atiram pedras!
Apedreja-se o Christo desta edade!
O promettido este é da humanidade!
A nossa redempção este é que traz!
As suas sanctas leis são leis humanas!
Curve-se ás leis do povo a terra inteira!
Inscreve-as tu, bandeira brasileira,
Auriverde pendão sem nada mais!

Neste evangelho sagram-se os direitos!
Está é a lei da terra, *que se move!*
Banha-se em plena luz de Oitenta e Nove
Nossa bandeira, a das nações eguaes!

Clame, esbraveje a soldadesca infrene;
É o estertor de um corpo moribundo!
Erga-se, á luz em que naufraga o mundo,
Auriverde pendão sem nada mais!

Essa bandeira apedrejada é o hymno
Da geração que altiva se levanta!
Nas verdes côres a esperança canta,
A côr doirada diz riqueza e paz!
Guerra de morte ao coroado roubo!
Quebrem-se os élos da servil cadéia!
Erga-se grande, a resplender da ideia,
Auriverde pendão sem nada mais!

S. Paulo, 1.º de julho de 1873.

O REBELDE

E um lobo do mar ; numa espelunca
Mora á beira do Oceano, em rocha alpestre.
Ira-se a onda, e, qual tigre silvestre,
De mortos vegetaes a praia junca.

E elle, olhando, como um velho mestre,
O revoltoso que não dorme nunca,
Recurva o dedo, como garra adunca,
Sobre o cachimbo, unico amor terrestre.

Então, assoma-lhe um sorriso amargo...
É um rebelde tambem, cerebro largo
Que odeia os reis e os padres excommunga.

Dorme sem rezas a palhoça torta...
Mas como um cão fiel, guarda-lhe a porta
O velho mar soturno que resmunga.

1878.

A UM SENADOR DO IMPERIO

Ora estás no apogeu da gloria reluzente :
Subiste para sempre ; és vitaliciamente
Nosso legislador, grande homem, se é que o ha.

Perdôa como um deus a grande alma de Allah.

Es columna e pharol da vasta monarchia.
Tens uma firme gloria enorme que irradia
Ante uma multidão immensa de fiéis...
E, além de toda a gloria, alguns contos de réis.
Vê, se já pódes vêr, os homens com que hombreias :
Octaviano — o cantor que venceu as sereias,
Feiticeiro que muda em joias o papel,
Atheniense que tem o labio ungido em mel
E que põe na palavra os brilhos do diamante;
Como o archanjo Miguel formoso e coruscante,
Vê José Bonifacio, alma gêmea do sol.

Que illuminada altura e que brilhante escol!

No velho Pantheon do campo de Sanct'Anna,
Cinge-te o louro eterno a fronte soberana.
Senador e ministro! — estás sentado á mão
De Deus Padre; e nem vês, embaixo, a multidão
O povo, a plebe vil sem nome e sem dinheiro,
Corja de pedinchões vadios e venaes...
Tu campeias no céu — e vê-te o mundo inteiro...

Judas de Kerioth, pagaram-te demais!

De feito, que eras tu? Vaidoso como um ôdre
Vasio, e, quanto ao mais, uma consciencia pôdre.
Como Troplong, o infame, ao vil Napoleão,
Jurista, te vendeste a Pedro, o bom patrão.
Quizeste ennodoar ao mesmo tempo, traste!
A blusa popular com que te apresentaste.
Mas não! manchado és tu, manchada é a libré
Que tu vestes agora; o infimo galé
Teria nojo della!
És hoje um poderoso
Ministro e senador; pois olha, um cão leproso
Fugiria de ti, por não sujar-se mais.
Transpuzeste orgulhoso os augustos umbraes
Do senado, e a curul que sob ti se infama
Ha de ser como aquelle ominoso Hakeldama
Com o preço da traição comprado, um máu logar
Esteril e sem luz — campo de sepultar.

Refere a tradição que um despota romano
Fez consul um cavallo. O nosso soberano,
Caligula jogral, tyranno bonachão,
Para nos aviltar, faz senador um cão!

Minas, 1881.

A MORTE DO CZAR

Odiar os tyrannos é amar os povos.
VICTOR HUGO.

Graças! louvado seja o braço nihilista
Que acertou afinal!
Matou-se a velha féra, o abutre da conquista,
O urso imperial!

É bom que estes velhacos,
Estufados de orgulho e reis pelo terror,
Vejam que custa pouco a reduzir a cacos
Um grande imperador.

Martyres que jazeis nos gêlos da Siberia,
Polacos, exultae!
Ó Pestel! Ryleief! a região funerea
Com *urrahs* atroae!

Aquelle real patife
Era um devorador de carne humana : então
Applicaram-lhe em cheio a pena de Talião :
Fizeram delle um bife.

Mas dizem : « Libertou milhões de servos. » Sim !
Ganhou em cada servo um novo tributario :
Libertou em favor do imperial erario.
Graça de rei, por fim !

Acabou de pregar uma nação na cruz,
Depois esbofeteou-a !
E a Polonia morreu, estrangulada leôa !
Assim tivesses, czar ! mil vidas para o obuz !

Tu quizeste encerrar o Futuro e a Esperança
Num circulo de ferro — a corôa. Afinal,
Pagaste menos mal
O teu erro infantil, decrépita criança !

A Russia, sacudindo o secular quebranto,
Livre e grande entrará na união fraternal
Dos Povos. Entretanto,
Apodrece p'ra ahi, pedaço de animal !

Minas, 1881.

HYMNO DA PLEBE

Ça ira! ça ira!

Eis-nos de frente, á luz do dia erguidos!
Eis-nos de pé no turbilhão da praça!
Ao Despotismo com o morrão ardente
Mortal sentença a mão do Povo traça!
Eia, bandidos! a vingança espera!
Pretorianos, alguazis armados,
Vireis bater nos baluartes vivos
Dos nossos peitos de plebeus honrados!

Ha muito vemos, em feroz silencio,
Rolar aos pés da Lei, tôrva homicida,
As altas frontes dos tribunos martyres!
E o cadafalso — em vez da estatua erguida!
E em vez da gloria — decretada a infamia!
E em vez da patria e os lares seus amados

— O exilio... É muito ! Estão ardendo em brio
As nossas faces de plebeus honrados !

Ha muito tempo que estertora em ancias
O nosso peito comprimido e forte,
E que sonhamos, no captivo somno,
Uns sonhos rubros de vingança e morte !
Ha muito tempo em nossas almas francas
Toca a rebate a consciencia em brados !
Reage agora revoltado em fogo
O nosso sangue de plebeus honrados !

Quando um tyranno nos assanha os brios,
Pula-nos dentro um coração-serpente !
Em féros botes nos devora o peito ?...
Surge na praça a barricada ardente !
A chamma oppressa se levanta incendio !
Eis-nos erguidos ! com os grilhões quebrados,
Saltam na lucta com um furor de tigres
Os nossos braços de plebeus honrados !

Quando a cratera escancarada, horrenda,
Vomita lavas, que sublime cousa !
São como as lavas as paixões do Povo,
E todo throno num volcão repousa !
Os opprimidos se revoltam sempre !
E sempre a historia dos leões domados !
Eis-nos erguidos ! só a morte curva
As nossas frontes de plebeus honrados !

Nunca ! nem ella abaterá do Povo
(A historia inteira das nações que o diga !)

As livres frontes, que renascem novas
Quaes as cabeças dessa hydra antiga!
Morrer que importa? Com fervor votamos,
Grandes, com a gloria dos heróes tombados,
Da Liberdade nas sagradas aras
As nossas vidas de plebeus honrados!

S. Paulo, 1873.

A UM MAGISTRADO DO IMPERIO

« Eu o entrego ao opprobrio e á execração de todas as almas bem nascidas ; e. pudesse a tóga, pretendida honoraria, concedida por preço do feito abominavel, que daqui vejo sórdida da cal do sepulcro profanado, grudar-se-lhe ás carnes como a tunica do centauro, e ser-lhe flagello incessante e eterno em vez do remorso que não sente. »

J. F. Lisboa. — « *Discurso sobre a amnistia.* »

Quando esse bronzeo verbo incandescente
O eterno estigma te imprimiu na face.
Decerto estremeceste interiormente,
Como se dentro em ti algo accordasse...
Qual da entranha do globo rompe a lava
E vae ruborisar a neve fria,
Era a tua consciencia que irrompia
E tuas faces ambas flagellava !

Nunes Machado! os moços desta era,
Honrado cidadão, rendem-te culto.
Infeliz luctador d'estreita esphera,
A affronta sublimou teu nobre vulto.
No dois de fevereiro morto em lucta,
Repousavas no tumulo sagrado...
Então, ás ordens de um chacal togado,
Dalli veio arrancar-te a força bruta!

Pelas ruas da attonita cidade,
« No meio dos baldões da vil gentalha »,
Arrastaram-te morto! Ó Liberdade,
Musa dos fortes, toma essa mortalha
Do livido cadaver profanado,
Torce-a nos dedos, vibra-a como um raio,
Corta, fustiga as faces ao lacaio,
E atira-o para a Historia, deshonrado!

Aquelle que Littré poz, sabiamente,
Entre o rei d'Yvetot e o rei Bobêche,
Deu-lhe alta posição em que se assente
Até que a morte as palpebras lhe feche
E a vil carcassa a terra lhe reclame...
Mas a Justiça, a deusa inexoravel,
Toma contas ao velho miseravel
E estampa-lhe na fronte o estigma: — INFAME.

Infame, emquanto houver memoria humana,
Emquanto se extremar crime e virtude,
Infame, dos palacios á choupana,
E desde o sabio ao proletario rude.

E quando o Juiz terrivel da *outra vida*,
A Historia, convocar a julgamento
Os mortos, para dar gloria ou tormento,
Treme de horror, hyena fratricida!

Minas, 1882.

AO MENINO REPUBLICANO

SYLVIO DE ALMEIDA

Dizem as tradições que Hercules, no berço,
Infante, estrangulou, sorrindo, uma serpente...
Um monstro mais traidor, um collo mais perverso,
Tu, herculea criança, esmagas egualmente.

Mata-o com toda a luz da verdade inclemente
Tua palavra ingenua.— O tôrvo monstro adverso
Chama-se o Despotismo... (E, trémulo, o meu verso-
Ruge, de o nome só lhe ouvir, tigre impaciente!)

Sylvio, o velho cantor que eternos versos grava
Diz que um menino grego, ao vêr a patria escrava,
Pediu polvora e balas, o anjinho!... o chacal!

Assim tu, que já vês o nosso captiveiro,
Queres a todo instante, horrivel petroleiro,
Essa metralhadora esplendida — o jornal!

Pouso Alegre, 1879.

AGUIA MORTA

(Á MORTE DE JOSÉ BONIFACIO)

Viu-se emfim que era humano aquelle espirito :
A Morte o quiz provar,
E, temendo o protesto, impoz-lhe aos labios
O sello tumular.
Ó revoltante iniquidade! o Oceano

É grande, abraça a Terra e a esbofeteia,
Lucta com o tôrvo Céu, que o chicoteia
Com os látegos do raio, e soberano
Triumpha e canta indomito e selvagem.
O Céu é grande; — imagem
Da eterna Força nunca fatigada, —
Apenas aplacada
A tempestade, a dôr que ulula e chora,
Volta-lhe a azul purissima alegria,

Riem-lhe as graças infantis da aurora,
Ou tem do occaso a ardente maravilha,
Ou dos astros a accesa pedraria.
O Rio é grande, e eterno o Rio corre.
O Sol é grande, e eternamente brilha.
— O Genio é grande, e morre!

. . . . . .

Quando á tribuna olympico assomava
Como se o genio da eloquencia fôra,
Rápido o vôo poderoso alçava,
Aguia, dos altos céus dominadora.
Já não ha que subir, e sóbe avante,
Sóbe a perder-se á vista
Dos que a seguem, attonitos, pasmados;
E quando volta e queda-se arquejante,
Traz na febre dos olhos desvairados
Os clarões da conquista!

A aguia está morta; no seu ninho alpestre
Pousou para morrer, entre o nevoeiro
Da terra idolatrada. O derradeiro
Hymno lhe canta agora a harpa silvestre
Do Cubatão, tangida pelos ventos.
Exhala o mar soluços e lamentos
Pela deserta praia. No horizonte,
Como uma guarda de honra se perfila
A Cantareira.
A aguia está morta; agora
Levante a negra iniquidade a fronte!
Roje a serpe tranquilla,
E o môcho insulte a aurora!

« Como um tambor ao fim duma batalha »,
Rompeu-se o altivo coração estoico,
Que pelo bem pulsára em desatino.
Nunca nas brancas dobras a mortalha
Outro envolveu mais puro e peregrino.
— Chora e abençoa, Patria, o filho heroico,
E tu, Justiça, o morto paladino!

Protege-nos d'além, sombra bemdicta!
Grande espirito, não nos desampares!
Tu, — como o genio tutelar que habita,
Para os antigos, nos accesos lares, —
Na alma da mocidade
Brasileira, que te ouve eternamente,
Abrasada no amor da liberdade,
Tens culto eterno em ara sempre ardente!

Valença, oitubro de 1886.

VOZES DO SECULO

Um dia, na sombra immensa
Do velho mundo pagão,
— Arrebol da luz eterna —
Brilha um fulgido clarão!
Depois... tragico e sereno
Morre o grande *visionario*...
Doce Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

E o mundo inteiro estremece
Quando o pallido Jesus
No derradeiro gemido
Inclina a fronte na cruz;
E o seu *verbo incendiario*
Propagou-se... — Liberdade!
Fraternidade! Egualdade!
E a revolução da luz!

E das serenas alturas
Onde Elle morreu, então,
Desce uma caudal de graça
Um luminoso Jordão...
Eil-o, inunda a terra inteira,
Bom, fecundo, humanitario...
É o teu olhar do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

Então Themis, a Justiça,
A austera deusa sem dó,
A musa do estoicismo,
Viu que já não estava só...
A seu lado, luminosa,
Anjo bom da nova edade,
Caminhava a Caridade,
Que o Christo erguêra do pó.

A arte, a bella impudica,
A núa grega, a visão
De Phidias e Praxiteles,
Velou as fórmas... e então
Viu-se a idéa — casta e sancta.
— Sancto revolucionario!...
Doce Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

E a poesia, a companheira
Do velho Homero sem luz,
A ébria amante de Ovidio,
De olhar langue e seios nús,

Córa, — nova Magdalena..,
Pede álguem que o céu lhe ensine...
Chama-se hoje Lamartine,
Casta fronte, olhos azues...

Na alma da humanidade
Entra um divino clarão...
A mulher sente-se sancta,
O homem sente-se irmão.
A verdade, o bem, o bello
Brilham na alma-sanctuario!...
Graças, Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

... Oh! mas eis que tudo muda
Um negro genio infernal!
Abysma-se o mundo em trevas,
Na noite agita-se o mal!
Nos corações morde o odio...
Amarga n'alma a vingança...
Ai! só se sente a esperança
Na mão que aperta o punhal!

Que horrenda tragedia é esta
Que em meio da escuridão
Invade o mundo, accendendo
As febres da indignação?!
Ah! destes demonios negros
Cada qual é teu vigario,
Louro Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

Elles, os sanctos obreiros,
São uns bandidos, meu Deus!
Cada padre é um Anti-Christo!
Elles é que são atheus!
Mais que Pedro, elles te negam
Mil vezes, filho do Eterno!
E o teu coração paterno
Ferem mais que os phariseus.

Tu enxotaste do templo
Os mercadores, em vão!
Olha como mercadeja
Pio Nono, o vendilhão!
S. Pedro, avido porteiro,
Abre o céu — a preços fixos!
Ai, Christo dos crucifixos!
Ai, bella religião!

Olha! a Sancta Madre Egreja,
A esposa celestial,
Impõe as mãos ao carlista
E abençôa-lhe o punhal!
Assim, outr'ora, á Vendéa,
Velha beata assassina,
Deitou-lhe a bençam divina
E fez-lhe o sancto signal.

Assim cobrira de bençams
A Luiz Napoleão,
Rei cobarde e assassino,
Rei traidor e rei ladrão!

Como já sagrára o *Grande*,
Torvo monstro sanguinario...
Por ti, pomba do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

Assim, — divina criancice! —
A filha de Nazareth,
A meiga esposa do Christo,
Para reanimar a fé,
Que se apagava, um bom dia,
Quiz um fogo d'artificio,
E accendeu-se o Sancto Officio...
Pois é tão simples, não é?

Agora, na livre Hispanha,
Resuscitada nação,
Eil-os, os sanctos carlistas,
Bacamarte e cruz na mão!
Os bandidos arvoraram
Por bandeira o teu sudario,
Meigo Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

Oh! attende, Deus piedoso!
Rezam tremulos aqui
Os catholicos romanos,
Que ainda esperam de ti
Um *golpe de Providencia*...
Essas frontes inclinadas
Têm umas visões douradas...
Sonham Saint-Berthélemy!

Sancto Deus de minha infancia,
Sagrada religião
Que minha mãe, de seus labios
Me verteu no coração...
Tudo esvaiu-se... Mas brilhas
No meu intimo sacrario,
Doce martyr do Calvario,
Homem de amor e perdão!

S. Paulo, 15 de outubro de 1874.

LUPUS IN FABULA

« Fallar no máu, apparelhar-lhe o páu. »
Cet homme avait tué le caractère,
la pensée, la vertu, le travail.
PELLETAN. — *Décad. de la monarchie.*

Orava um professor do Imperial Collegio
De dom Pedro II : « Acerca deste rei,
Gloria da monarchia, honra de sua grey,
Que ao seculo que o viu legou seu nome egregio,

« E ainda que o dizel-o aqui é um sacrilegio,
Sacerdote da Historia, impávido direi
Que era um tyranno vil, alma sem fé nem lei,
Que enthronisou comsigo o arbitrio e o privilegio.

« Infatuado e máu, comilão e devasso,
Governou este rei corrupto e corruptor
Um grande povo exhausto e morto de cançaço.

« Tal era Luiz XIV, o rei-sol, protector
Das lettras... » Neste instante, em magestoso passo,
Entrou pela aula dentro o nosso imperador.

Minas, 1880.

NO TREM DE FERRO

Vinha sentado gravemente, mudo,
D'olhos baixos, obeso e venerando,
Mãos cruzadas no ventre, ruminando
Velhas rezas ou sancto e duro estudo.

Ergue o timido olhar, triste; comtudo,
E paternal e bom; de quando em quando
Ao céu o volve, ao céu que vae passando
Pelas vidraças, empoeirado. Tudo

Nelle respira a fé e cheira a egreja.
Por todos os seus póros Deus poreja.
Do seu breviario agora pasta as folhas.

Pio varão! para este já começa
O reino do Senhor!... mas sahe á pressa
E cahe-lhe da batina — um saca-rôlhas.

1883.

O PESADELO

Deo nihil impossibile.
FERREIRA VIANNA.

Esta passada noite, alli em Sancto Antonio,
Onde se refugiou das traições do demonio
O pensador austero, houve um caso de horror.
Tudo dormia, o claustro e o angelico doutor
Num forte resonar, alternado de arrôtos,
Mas nobres, não de mel silvestre e gafanhotos,
Senão da pescadinha e do Pontet-Canet
Com que se mortifica hoje um ventre que crê.
Dormia o justo, pois, quando na cella escura
Entrou subitamente uma estranha figura...
Magra, mais do que magra, esqueletica... o olhar
Desvairado de febre, a bocca a vomitar
Negro; e pondo-lhe a mão fria na testa ardente,
Disse, vociferou:

— Lacaio da Regente,
Esmoler-mór do Paço, eis o conto de réis
Com que me injuriaste as afflicções cruéis,
A agonia mortal. —

E cuspiu-lhe na face
Oiro candente, e mais... até que ella corasse!
E calcou-lhe no peito, e ajunctou :

— Vae dizer
Á beata imbecil que me deixe morrer
Em paz, que não preciso irmãs de caridade
Á minha cabeceira, eu, a heroica cidade
Que abriu á Escravidão foragida a alma e o lar!
Esta gloria não póde a hypocrita usurpar,
E eu disto me contento, e isto só me conforta,
No momento da angustia, a entranha semi-morta.
Recolha a adulação da vassallagem vil
A embusteira; eu, na dôr da morte varonil,
Vejo, por sobre mim, mão reivindicadora,
A da Historia, insculpir : Santos, a Redemptora.

Esvaiu-se a visão; mas surgiu, logo após,
Outra mais alta ainda, e outra mais alta voz :
— Dorme teu somno vil de famulo repleto,
Miseravel! O crime atroz está completo.
Bem se póde dormir em regalada paz...
Deus, afinal, é justo — e pessoa capaz.
No paço imperial diz-se, atraz das cortinas :
« Louvado seja Deus, está morta Campinas.
« Aquillo era uma praga, o diabo, o coração
« Do republicanismo e da revolução.

« Agora, boa noite ! era uma vez a aurora...
« Póde tranquillisar-se a Imperial Senhora. »

Mentis como villões, como cães, como vós !
Quanta vez me mataes! como o medo é feroz !
Aqui estou, viva e rija. A hora é de perigo :
O throno imperial póde contar commigo.
Como Santos, lhe devo a vida — e este chapéu.

Ó tu, que sempre estás a relamber o céu
Com o sonso olhar, dahi da escuridão da cella,
Rojando aos pés do altar a alma, magra cadella
Que anda a ver como abócca a eterna gloria, vae
Mandar engorolar, com rótulo a Deus Pae,
Umas missas a bem destes pobres finados
Que esperam pela cóva e o perdão dos peccados :
O pundonor e a fé monarchica, o amor
Dos subditos fiéis ao velho imperador,
E o teu proprio governo apodrecido... —

Um grito
Fez dissipar-se o espectro, accordando o preclto
Alagado em suor de agonia. E entre ais
Exclama : « Peixe e vinho á noite, nunca mais ! »

Rio de Janeiro, 6 de maio de 1889.

A REVOLUÇÃO

Enthronisou-se a treva, e cresce e augmenta
O lugubre reinado da oppressora
Rainha que baniu a luz da aurora;
E a terra anceia, soffrega, sedenta...

Mas é chegada a hora! Austera e lenta,
Qual se de um deus-juiz sentença fôra,
Róla no enorme espaço aterradora
A grande voz solemne da tormenta.

. . . . . .

Que é do estupendo horror?!... Em calma e pura
Gloria, fulgem os astros immortaes,
Rebrilha toda a constellada altura!

Assim te sonho, ó terra de meus paes,
Desaffrontada desta noite escura,
Gigante alegre ao sol dos ideaes!

Campinas, 1876.

VISÕES DO ABYSMO

I

A ENJEITADA

A casa tem as apparencias ricas
Duma infamia feliz, alvas, rendadas
Cortinas, bronzes, galas alugadas,
Miseria que se ostenta! Ai! como ficas

Tristonha ahi, com as faces tão pintadas,
O pobre rapariga! e nem replicas
Ás torpezas que as boccas impudicas
Te lançam, do tumulto das calçadas.

A noite vem cahindo das alturas...
Hora de amor! No olhar que levantaste
Agora ao céu, havia idéas puras.

Depois, qual murcha flor que pende na haste,
A fronte inclinas languida e murmuras:
« O minha mãe! porque me abandonaste?...»

II

O ANJO DO PROSTIBULO

A casa é um antro : é o lar do vicio e do peccado.
Aluga a baixo preço o corpo desgraçado
A triste que alli mora, — emmurchecida flôr
Que nunca em vida teve um raio só de amor !

Apodreceu de todo — e tem dezeseis annos !
Traz nos olhos febris, mais bestiaes que humanos,
O vinho da luxuria, a embriaguez do mal.
E alli, naquella casa ignobil, immoral,

Existe uma criança, uma loira pequena,
Meiga como o perdão do Christo á Magdalena,
De limpido sorriso e claro olhar azul.

Raio louro de sol na face do paul,
Alvo lirio do céu brotado na immundice,
Flori naquella ruina aquella meninice.

III

A BESTA MORTA

Na senzala, no chão, numa esteira amarella,
Jaz o filho de Cham, o maldicto. É um velho.
No mal coberto hombro os vestigios do relho
Traçaram-lhe uma cruz, — a unica que o vela.

Cruza no peito as mãos roidas do trabalho.
Sobram do cobertor os grossos pés informes.
— Dorme, descança emfim, que do somno em que dormes
Já não póde accordar-te a sanha do vergalho!

Como unica oração que tua alma proteja,
Por sobre a podridão de tua bocca fria
Vibra no ar zumbindo a mosca de vareja...

Emquanto, ao longe, o sino, em voz cançada e lenta,
Reza, doce christão, a sua *ave Maria*,
E o moribundo sol as nuvens ensanguenta.

IV

A RELIGIÃO

Vasto palacio esplendido, a morada
Scintilla ao sol, por entre o magestoso
Parque cheio de sombra e de repouso.
Lacaios, de libré, guardam-lhe a entrada.

A aléa, de roseira e myrto orlada,
Vae morrer juncto ao marmore ostentoso
Duma ampla escadaria. — Nunca o pouso
Pede a probreza alli, de envergonhada.

Habita-o, com certeza, um millionario,
Um principe, talvez... — Nada! ao contrario,
Um peccador de Christo mui pequeno:

Sua Excellencia o bispo diocesano,
Que nunca, por um nobre orgulho humano,
Imitou servilmente o Nazareno.

V

A RELIGIÃO

É na roça, num rancho ao pé da estrada.
Ha pouco amanheceu. Do limiar,
Diz para dentro, irado, a gaguejar,
Um velho de estatura agigantada :

« Então, a um pobre paga-se a pousada
« Deshonrando-lhe a filha ?!... Máu logar
« Escolheste, meu cão, para ficar !... »
Diz, e aponta a garrucha engatilhada

Para um vulto no canto encurralado.
Move-se este, ergue o braço e diz, pausado :
« Attende ! por tua alma ! por quem és ! »

E descobre a cabeça. — « Ó Virgem Madre ! »
Exclama o velho... « Me perdoe, padre ! »
E vae cahir-lhe ajoelhado aos pés.

VI

O AMOR

Menina, por amor de um estudante,
Longas noites velou entre chimeras,
E amava-a elle como em bellas éras
Á Dulcinéa o cavalleiro andante.

Mas o doce romance interessante
Atalha um pae burguez : as mais austeras
Lições recita á filha : « Tu, devéras,
« Não sabes vêr a vida um palmo adeante...

« Pois sim, pequena ; casa com o taful,
« E vae depois morar... p'ra o céu azul. »
E assim mais coisas deste peso disse.

Casou rica, está bem ; hoje, feliz,
Enfeita a testa do marido, e diz
Que essa historia de amor é uma tolice.

VII

O AMOR

(PALAVRAS DE UMA ADULTERA)

« Toda alma é irmã de uma alma : Deus creou-as
« Aos pares, e as fez mulher e homem » (1).
Raro permitte a sorte que se somem
Essa divinas gêmeas... Agrilhoas,

Catholicismo, as almas, ruins ou boas,
P'ra todo o sempre ! Quantas se não somem
Nos vórtices do mal ! Vamos ! perdôem-me !
Ao menos tu, religião, perdoas !

(1) Lamartine, *Jocelyn*.

Ai! como o inferno dos remorsos arde!
Porque vieste, ó alma irmã, tão tarde
Que só na infamia posso estar comtigo?!

De que me vale amar e ser amada?...
É uma grande loucura condemnada
Esta paixão, meu crime e meu castigo!

VIII

A FAMILIA

Home, sweet home.

Abrasa o sol; chilreia no cerrado
O canto das cigarras estridente;
Vem um vago torpor do dia quente,
Do monotono céu enfumaçado.

No rancho de sapê, de beira rente,
Apagou-se o fogão, de abandonado.
Num berço de taquara, para o lado,
Chora um pequeno lastimosamente.

Toda curva no cepo em que se senta,
Alisa as dobras do vestido sujo
Feia moça tristonha e macilenta.

Entra o marido. « Cruzes! quem supporta
« Este inferno?! e maldiz-se quando fujo!...»
Pragueja, e sahe arremessando a porta.

IX

A FAMILIA

(SOBRE UMA PAGINA DE EÇA DE QUEIROZ)

São as paredes de uma côr sympathica...
Mavioso perfume no ar ondeia...
Está-se bem na sala : é alta, cheia
Duma discreta luz aristocratica.

Juncto á condessa, muito branca, apathica,
Um gorducho marido papagueia.
Ao lado que o piano mais sombreia,
Em absorpção deliciosa, extatica,

Um rapaz louro, encantador e serio,
Escuta, com adultero mysterio,
Do rechonchudo a esposa sensual.

Emfim sahe : e o olhar della vehemente
Pela janella o segue longamente...
E pensa do marido : « Este animal ! »

X

A PROPRIEDADE

Está silencioso o rico palacete
Do opulento senhor barão de qualquer cousa :
Volta do baile agora acompanhando a esposa ;
E alta madrugada. Ha pouco, ao lansquenete,

Perdeu Sua Excellencia uns contos... seis ou sete...
Já lhe não lembra quanto... A mulher, carinhosa,
Chama-o ; faminto olhar no alvo collo pousa,
Que as delicias febris do thalamo promette.

E é um seio de mãe, aquelle ! mas não cria ;
A mesma hora, o filho, em camara sombria,
Mamma em seio plebeu e livre de espartilho.

E o filho da ama chora... Ó magro pequenino,
Começas a sentir teu lugubre destino.
— Alugas, ó mãe pobre, a fome de teu filho !

XI

A PROPRIEDADE

(ART. 219 DO CODIGO CRIMINAL)

Enche longo silencio mortuario
A pobre habitação, toda fechada.
É a casa dum triste octogenario,
Rude e pobre ; pois eil-a deshonrada.

Entrou-lhe a porta, em hora malfadada,
Um fidalgo. Fingia-se operario.
Mão de esposo promette á namorada,
E tem franco o indefeso sanctuario.

Rouba, como um ladrão, a honra alheia,
E á pobre gente que na dôr anceia
Sem braço d'homem que a proteja e vença,

E á pobresinha que nem hoje o odeia,
E ao fraco velho que succumbe á offensa,
Responde : « A lei m'a offereceu : comprei-a. »

XII

A PROPRIEDADE

Súa, rasgando o seio á terra dura,
Ao sol ardente, o rude jornaleiro;
E na lôbrega mina fria, escura,
Lida e mata-se o intrepido mineiro.

No inclemente oceano traiçoeiro,
O pescador, que o negro céu tortura
Com as gélidas cordas do aguaceiro,
Em cada onda á morte se aventura.

Na cidade, entretanto, o gordo agiota
Farto digere e consolado arrota,
Pousando o calix de licor enxuto.

O que o Trabalho ganha em todo um dia,
Sua Alteza o Capital, que se enfastia,
Em meia hora o fuma — num charuto.

XIII

A PROPRIEDADE

(NO CEMITERIO)

Aqui jaz o calor da juventude,
As generosas ambições de gloria,
O amor — a luz da vida transitoria,
O enthusiasmo e os sonhos e a virtude...

Tudo enterrou-se aqui : o aspero e rude
Egoismo, e o orgulho e a illusoria
Esperança... Aqui jaz toda uma historia
Encadernada em cada um ataúde.

Neste fenebre pouso derradeiro
A eternidade no silencio falla...
Mas ainda tem altares o dinheiro,

Que nem a Morte a humanidada eguala :
Para o rico — o epitaphio lisongeiro,
E para o pobre — o anonymo da valla!

XIV

O CONSORCIO MALDITO

Elle é um rude sujeito honrado e generoso,
Forte e trabalhador. Ella é toda franzina;
E de antiga nobreza; e é da raça felina
O seu mavioso gesto electrico e nervoso.

Jura-lhe amor, e tem-lhe um odio rancoroso.
Sobre o peito do athleta o régio busto inclina,
E mette-lhe no bolso a mão fidalga e fina
E despoja-o. E elle, o bom e cégo esposo,

Deixa-se despojar, e trabalha, calado.
Ella com uns padres vis anda de mancebia,
E, fartos, riem delle, o enorme desgraçado.

Ella é a Messalina, a barregã sombria,
Elle, um trabalhador estupido e enganado.
Elle chama-se — Povo, e ella — Monarchia.

XV

NO FUNDO DO ABYSMO

(PARAPHRASE DE UM DICTO POPULAR)

Parámos de descer e de rolar,
Parámos : é o fundo já do abysmo.
Tirou de todo a mascara o cynismo;
É noite negra na alma popular.

Nasceu esta miseria deste par
— A Monarchia e o Ultramontanismo.
Despojou-nos o negro banditismo,
No covil-throno e no balcão-altar.

Ó Patria ! surge deste inferno em que ardes !
Concidadãos ! debalde esperareis,
Se das mãos do oppressor tudo esperardes.

Não ! vós não vos salvaes se não bebeis
Todo o sangue do ultimo dos padres
Pelo craneo do ultimo dos reis !

Minas, 1879.

Á MOCIDADE MILITAR

Recuperare aut mori; nunc aut nunquam.
Divisa de MAURICIO DE NASSAU.

Moços, ó meus irmãos! a hora se approxima!
Alerta nas fileiras!
O sol, rútila trompa, entorna lá de cima
Alvoradas guerreiras!

Em pávido refluxo, a noite vae-se embora
Ante a enchente de luz que o espaço todo invade.
Erguei-vos, mocidade!
Fraternisae com a aurora!

Sob o azul pavilhão deste céu brasileiro,
Entre visos de serra audazes como brados,
Não póde haver soldados
Senão da Liberdade e contra o Captiveiro!

Sois a força, o valor, o « braço ás armas feito »;
Pois que já mostra a garra a tyrannia mansa,

Atirae na balança
A espada da Justiça, ó Brenos do Direito!

Á honra da Nação votastes vosso braço;
Da Monarchia, não, da Patria é que sois guarda:
Mostrae que a nobre farda
Não é libré do Paço!

Suscitam contra vós os comicos uhlanos
Da Guarda Nacional... Venturosa lembrança,
Dar uma farça em guarda á farça de Bragança,
Á realeza imbecil e aos papos de tucano.

De pé, moços! abaixo o throno! acima o povo!
Sôe o hymno triumphal do palacio ao casebre!
Accenda da paixão democratica a febre
O vosso altivo sangue audaz, vermelho e novo!

Certo lobo do mar, pendente duma verga
Fará boa figura...
Emquanto pela altura
O livre pavilhão se desenrole e se erga!

O governo está forte — e os ventres socegados...
Já do Terceiro Imperio as torpes gargalheiras
Vão nos estrangular os derradeiros brados...
Agora ou nunca mais! — alerta nas fileiras!

Rio, outubro de 1889.

A BANDEIRA APEDREJADA

Toda esta poesia allude ao apedrejamento do edificio da *Republica*, pela policia, nesta capital, em fevereiro de 1873, ao festejar-se alli a proclamação da Republica em Hispanha.

Achava-se a frente do predio illuminada e adornada com as bandeiras de todas as nações republicanas. Entre estas havia a bandeira brasileira, mas sem a corôa que a macula. Entre as bandeiras estava, num transparente, o retrato de Emilio Castelar. Liam-se em uma inscripção a gaz, sobre a taboleta da casa, estas palavras: *Viva a Republica!*

A MORTE DO CZAR

Mas dizem: libertou milhões de servos.

Entre nós, disse-o, se bem me recordo, a *Gazeta de Noticias* desta capital, commentando o grande acto revolucionario que anniquilou o despota, não tendo podido, infelizmente, anniquilar tambem o despotismo na Russia.

Responda á *Gazeta* o immortal Michelet, no seu bellissimo opusculo *La France devant l'Europe*, pags. 102 e 103:

«...La fameuse émancipation des serfs s'est trouvée en fait une aggravation du czarisme. Il est curieux de voir combien les Américains et autres se trompent là-dessus.

«... Remarquez pourtant deux choses: c'est qu'en allégeant ainsi le paysan du côté du seigneur, le czar le charge d'autant pour son trésor impérial. En quatre ans, il a plus que doublé l'impôt direct (v. Wolowski) »

A Russia, sacudindo o secular quebranto,

«... le bon et infortuné peuple Russe, âme en peine, horriblement *enchantée* dans cet Empire du diable qui lui a ôté toute vie, tout développement.»

(Michelet, obr. cit., pag. 99.)

A UM MAGISTRADO DO IMPERIO

É já fallecido o magistrado a quem se referem estes versos ; não importa : sigo o adopto a opinião de meu respeitavel correligionario politico dr. Americo Brasiliense, nas suas *Lições de Historia Patria* : « Justiça aos vivos e aos mortos ».

« *No meio dos baldões da vil gentalha* »

Phrase do mesmo discurso de João Francisco Lisbôa que forneceu a epigraphe.

AO MENINO REPUBLICANO SYLVIO DE ALMEIDA

A criança fervorosamente republicana a quem fiz este soneto é hoje homem feito e distincto professor.

Sylvio, o velho cantor que eternos versos grava

Allusão a Victor Hugo, nas *Orientaes*, XVIII, *O menino*.

O PESADELO

Versos distribuidos em avulsos no theatro D. Pedro II, na noite de 6 de maio desse anno, no espectaculo promovido pela Imprensa Fluminense a beneficio das victimas da febre amarella em Campinas, espectaculo a que assistiu a princeza imperial.

CANÇÕES DO OUTONO

(1874-1895)

A MINHA MULHER

C'est l'instant des amours et des nids.

Mme DESBORDES-VALMORE.

PREFACIO

A Poesia lyrica e as Canções do Outono

A genese do estado poetico, tal qual eu a comprehendo, explica-se por um conceito contido em todas as religiões e em todas as philosophias. Esse conceito apparece tanto na trimurti vedica, na harmonia das espheras e na metempsychose de Pythagoras, nos mysterios de Isis, na dualidade zoroastrica, como no idealismo de Platão, nos turbilhões de Epicuro, nas leis de Newton e de Kepler e no evolucionismo de Spencer.

O espirito humano, manifestação suprema da nossa especie, progride em uma linha determinada: — entre o mytho do selvagem e o aphorismo do philosopho a differença não é tão fundamental quanto muita gente suppõe. As superstições mythicas, na opinião de Fiske, Mannhardt, Tylor,

Lang, Bergaigne e outros, são explicações de phenomenos naturaes, formuladas por individuos incapazes de elevar-se á noção abstracta das forças que agem no mundo subjectivo e objectivo. Tanto no mytho como no conceito philosophico, reconhece-se a tendencia para ligar o facto esthetico a potencias ou forças que se perdem nas fronteiras da incondicionalidade do pensamento. Saber se na nebulosa já se agitava um broto de poesia é curiosidade que pouco ou nada influe para delimitar o estado poetico de outras situações physicas; para isso, basta remontar ao momento da evolução humana em que a vida mental se denunciou de modo apreciavel.

A poesia é a transformação do sentimento da força, — consiste, talvez, inteiramente nesse movimento psychico. Encarada sob esse aspecto, a poesia não passa de uma irradiação organica; dadas certas condições, é a resultante da circulação da vida, na sua maior intensidade relativa.

Cada individuo encerra no systema nervoso carga de electricidade sufficiente para a producção desse estado dithyrambico, que toda a gente mais ou menos vagamente conhece. Não ha quem ignore qual o effeito da flacidez organica que se opera quando ao erethismo dos centros nervosos succedem o abatimento e a apathia. A amplitude da

força produz a alacridade do organismo inteiro; percorre-o uma vibração indefinivel; e a vida, em sua intensidade maxima, diffunde-se nas eloquentes manifestações desse estado physiologico, que affirma o poder elaborativo e transformista da Natureza, em completa opposição á hypocondria e a tantos outros estados precursores do anniquilamento e da morte.

Em tudo isto opera-se um jogo visceral muito complicado, que seria difficilimo acompanhar. Se é exacto que esse estado dithyrambico surge como um facto real, não menos certo parece que tal estado nunca deixa de resolver-se numa descarga, mais ou menos completa, dos centros nervosos, phenomeno que nas naturezas superiores, nos artistas, mais commummente toma as formas assignaladas com o nome de *obras d'arte*. Ora, neste ponto, precisamente, incide o paradoxo, tantas vezes repetido, de que o sentimento da vida se confunde com o sentimento do amor, e de que, sendo a poesia a manifestação desse prolapso da força, o lyrismo viverá eternamente ligado á funcção tão essencial á natureza humana, que poderia ser considerada o aferidor do equilibrio organico da energia vital e, portanto, das alegrias da especie.

A importancia de tal correlação não passou despercebida a Mantegazza, que, na sua *Physiologia*

do amor, ao occupar-se das relações deste sentimento com o pensamento, indica á critica litteraria um novo caminho — na sua opinião cheio de admiraveis pontos de vista physio-psychologicos — para as questões de esthetica.

« A influencia do amor sobre a força, diz elle, e sobre a fórma do pensamento é dupla. Como sentimento, quer nasça na juventude, quer rejuvenesça na velhice, todo o seu valor consiste nas excitações que provoca, sobretudo na phantasia, afiando as aptidões para a reproducção do Bello, em uma palavra, exaltando essas aptidões mentaes, que, de ordinario, chegam ao apogeu na edade em que o amor desenvolve a sua maxima energia.

« Não ha possibilidade, continúa o mesmo auctor, de chegar a ser um grande artista, ou um grande poeta, se esses talentos não fôrem impellidos por uma correspondente capacidade de amor. A castidade, imposta ou voluntaria, póde eclipsar o amor; mas, no fundo do coração, reviverá uma imagem, mais visinha do anjo do que da mulher, imagem que estará sempre prompta, ao lado do genio, para, nos momentos de inspiração, inflammar o fogo sagrado da Arte, no canto lyrico e no traço do pincel. O genio dos maiores poetas, artistas ou escriptores encontrou no amor o primeiro companheiro, o excitante soberano; e é bem de crêr que, sem este sentimento, os seus nomes fossem totalmente igno-

rados. O amor, que nasce em um cerebro sublime, accumula forças gigantescas, e, aperfeiçoando-as, reduplicando-as, transforma-as no genio... O amor feliz e triumphante eleva todos os cerebros acima da temperatura média e torna-os fecundos em novas energias ».

Mantegazza viu, todavia, os factos muito abstractamente. Para elle, o amor é apenas um accidente favoravel á poesia, ao lyrismo, um accidente variavel e dependente de circumstancias especiosas. Eu, no entanto, penso que o amor, ou melhor a funcção genesica, é o *substractum*, o elemento propulsor e inconsciente de toda e qualquer manifestação poetica. O canto *anacletico* do forte, daquelle que se sente viver, o canto do victorioso — são o centro proprio da poesia. Tudo mais são derivados ou perturbações do sentimento de alegria, essencial á progressão e á vida da especie. O *væ victis* é o ponto de partida de toda a poesia humana.

Uma extraordinaria irradiação vae pelo universo além, de horizonte em horizonte, exaltando o movimento e integrando a vida.

Foi por uma especie de antecipação do espirito moderno que o poeta da *Divina Comedia* attribuiu a direcção da machina celeste á contracção do amor...

..... Che tuto muove
Per l'universo penetra; e risplende
In una parte più e meno altrove.

Com effeito, ninguem ha que, attendendo ao espectaculo da vida, com o espirito preparado pela synthese, ou desprendendo-se, por instantes, da familiaridade obscurecedora da existencia pratica e quotidiana, desconheça que tudo neste mundo se reduz a uma successão de polarisações, e que essa *machina* imperscrutavel, de que somos diminuta parte, é o producto de uma *contracção* universal. Bastaria que este facto pudesse traduzir-se directamente em uma consecutiva expansão psychica para que a poesia fosse explicada como expressão, propriamente dita, da ordem do universo.

O espirito observador, que se tenha impressionado com as vibrações que percorrem o seu *habitat*, no momento de se manifestarem phenomenos atmospphericos depressivos ou expansivos, deve ter notado que o ambiente, e, com elle, não só as especies vegetaes, mas tambem as animaes e o homem, abrangidos num accordo geral, se entristecem ou se alegram, envelhecem ou adolescem, como se se tratasse de um organismo concreto, physiologicamente classificado pela sciencia. Não é verdade que, em certos momentos, a natureza, como que entra em symphonia? Num perimetro dado, pelo menos, quando se exaggeram as condi-

ções de vitalidade, quando os parenchymas se dilatam, quando o *grande sympathico* da região, chamemos-lhe assim, permitte a exaltação das forças e das faculdades em acção e coordena a *consciencia do logar* — é certo que, no conjuncto du tudo quanto nessa região se agita, consciente ou inconscientemente, ha um hausto indefinivel para o movimento, é raro que esse hausto, progredindo em um *crescendo* energico, não termine por traduzir-se nas manifestações luminosas do sentimento da SOLIDARIEDADE TERRESTRE. Quantos poetas não têm sentido, embora vagamente, a presença dessa onda, na multiplicidade dos phenomenos exteriores; quantos não terão até descripto, com variada nomenclatura e com imagens abstrusas, as oscillações dessa electrisação e os cambiantes dessa portentosa circulação da vida? No entanto, o que é exacto é que nem um só atomo, nem uma só molecula, nem um só vivente escapa a esse movimento clonico; e momentos ha em que, por uma especie de hyperesthesia dos nossos sentidos, manifestada em toda a extensão da escala zoologica, chegamos, com um pequeno esforço de attenção, a discernir todas as gradações daquelle *crescendo*, desde as manifestações automaticas dos mais baixos representantes da especie, até ás rutilantes elações do genio do homem.

Verifica-se, então, que a poesia é identica á força

procreadora, que a poesia é um crescimento e que o homem, projectando-se na linha indefinida das aspirações de augmento de capacidade cerebral, como instrumento complexo e timbrado, transforma os excedentes da potencia, que o dirige para o amor, nas harmonias da Arte e nos poemas da belleza ideal. *Poiesis*, em grego, quer dizer acção de fazer alguma coisa; *Poiêtes*, fazedor, creador.

É verdade, porém, que nem sempre o homem e a sociedade adolescem para esse estado dithyrambico, resultante do prazer de viver e de propagar-se. Casos ha em que a dynamica da poesia soffre intercurrencias. O homem envelhece; a humanidade entra em periodos de decadencia, a vida desenvolve-se fóra do seu eixo proprio. Nestes momentos de crise, os instinctos conduzem o homem ao descobrimento da felicidade, e, perdida a verdadeira orientação, esses instinctos retrocedem á animalidade bruta e desviam-no, por muito tempo, do caminho ao longo do qual via o amor da vida e o amor da mulher transfigurar-se no amor da gloria, da humanidade e do Bello ideal. A força desorientada converte-se na dôr. O homem — decrepito, abatido, deslocado da harmonia universal, collocado numa sociedade devastada pelas resistencias que ao crescimento do enthusiasmo oppõem religiões gastas, philosophias exgottadas e costumes degenerados — o homem enlouquece, deprava-se

e começa a conceber o amor e, portanto, a poesia tal qual o pessimismo de litteraturas decadentes nol-o têm apresentado: — bestial, materialisado, mal sobredourado pelas formas do erotismo mythico dos gregos.

Eis a parte tenebrosa do assumpto, sobre a qual haveria um longo capitulo a escrever.

A teratologia do amor já encontrou, é certo, quem a escalpelasse.

Binet, em um dos seus mais interessantes trabalhos (1), tratando deste assumpto, com rara felicidade, designa sob o nome de *ruminantes eroticos* os individuos, que, perdendo a noção equilibrada da força, cedendo, de cada vez mais, á propulsão cega da animalidade, soffrem a hypertrophia da acção, no sentido de uma tendencia exclusiva; muitas vezes, dominados por uma subdivisão dynamisada dessa mesma tendencia, chegam a apresentar os mais extravagantes productos de ordem psychica.

« Haveria, diz elle, immenso interesso em mostrar como certas pessoas conseguem satisfazer as suas necessidades genitaes construindo e amontoando na cabeça os mais disparatados romances de amor, substituindo uma sensação por uma ima-

(1) *Fétichisme dans l'amour*, in *Revue philosophique*, fascic. de set. de 1887.

gem, por isso que lhes é vedada a sensação que acompanha a approximação sexual ».

Todos conhecem os episodios de D. Cesar de Bazan, degustando cartas de namoro, dirigidas a outros, ou aspirando voluptuosamente emanações de uma cozinha cujos acepipes não lhe podiam chegar aos labios. Desde o hypondriaco, citado nos livros de clinica psychiatrica, que, indifferente á mulher real, se entrega ao delirio erotico quando vê uma botina feminina de salto á Luiz XV, desde os fanaticos por mãos delicadas, desde os adoradores de pés pequeninos, desde os loucos por olhos femininos, até aos idealistas ou grandes fetichistas symptomaticos, como Abeilard, Tasso, Thereza de Jesus e Rousseau — ha uma successão de ancenubios, nos quaes facilmente se conteriam muitas hypotheses, muitos casos, que, na vida commum ou na litteraria, exigiriam da critica uma classificação muito differente da que ordinariamente se encontra em livros.

A poesia não reside, não poderá residir nunca, nesse erotismo deliquescente, nem nessas depravações. Só o pessimismo dos degenerados deste fim de seculo se atreveria a procurar em taes desdobramentos o diapasão para a esthetica moderna. Mas, tambem, se a poesia, o lyrismo, não reside

nos *ruminantes eroticos*, é inutil buscal-a nos reaccionarios da ultima hora, que, odiando os excessos do *zolismo*, anesthesiados para o verdadeiro sentimento do que vive, do que tem força, andam pelos *in-folios* dos monges da edade média a inspirar-se na iconographia pallida e mystica das *madonas*, sonhadas entre as arcarias gothicas de cathedraes derruidas. O amor, assim haurido através dos retabulos amarellentos das sacristias, das biblias raras, dos cimelios, dos incunabulos, póde ser transcendente e até dantescamente caricatural; mas, em todo o caso, é um amor mumificado pela reflexão *in excelsis*, emasculado pelo extase de seres sepultados em vida. Incondicional, abstracta, essa poesia não revela a natureza em seu frescor, e, vasia de sentido humano, diffunde-se, com um gesto da Vida que perdeu a lei da sua existencia. A isso chamavam os mysticos cauterio ou amor seraphico, « por ser causado pelos seraphins, que, investindo a alma inflammada em uma chamma de fogo vivissimo, a traspassavam e cauterisavam subitamente ».

Felizmente, esses movimentos insensatos da alma são lettra escura e indecifravel para os poetas brasileiros.

Aqui, o halito dos tropicos e a conflagração dos temperamentos não permittiram ainda que os poetas se librassem em azas de archanjos, para

accender cirios na capella mystica de Sancta Thereza de Jesus.

No Brasil, o amor e a poesia lyrica apresentam-se em festa rútila, em continuas explosões da vida; quando a musa esquece o tom meigo das lyras de Dirceu ou as quixas lancinantes do auctor d'*As Primaveras*, não chega, ainda assim, a ultrapassar o transcendentalismo da adoração de Edgar Poë por Ligeia, — uma Ligeia morena, vivida, soberana, mas capitosa e entontecedora, dotada tambem daquella singular belleza e *estranheza* a que Bacon se referia, e sem a qual a poesia do mundo seria a inercia profunda.

Corra-se todo o Parnaso nacional, desde Gonçalves Dias até os trovadores de hontem, e vêr-se-á quanto a musa mystica é antipathica aos nossos poetas, ainda mesmo aos que têm procurado imitar as manifestações dos ultimos symbolistas.

Como escaparia o auctor das *Canções do Outono* a esta lei ineluctavel?

Pertencente a essa raça dos poetas de animo egual e alma alegre, sem preconceitos, e que, de ordinario, buscam no amor o que se vae encontrar na flôr — aroma e colorido — Lucio de Mendonça mostra, a cada instante, no seu livro de versos, abeberar-se daquillo a que propriamente se póde dar o nome de *brisa da felicidade*.

A musa deste poeta já teve coleras azues, já ver-

gastou inimigos da Republica, enrubescendo o verso com o jacobinismo das suas idéas politicas. Houve dia em que o seu estro, para traduzir a indignação do patriota, pediu a *furia grande e sonorosa que o peito accende e a côr ao gesto muda;* mas, embalde o fez, como embalde o farão todos os brasileiros que se lembraram de solicitar o enthusiasmo dos antigos epicos. A sina é outra; os bardos brasileiros, note-se bem, que foram inspirar-se no valor das raças autochtones, como Sancta Rita Durão e Basilio da Gama, salvaram as suas epopéas pelos episodios de amor. O *Caramurú*, o *Uraguay* vivem da vida de Moema e de Lindoya.

Lucio de Mendonça desprezou, pois, a tuba heroica. A lyra pulsa mais naturalmente nos seus dedos celebrando o Eterno Feminino : e os seus versos, em ameno outono da vida, defluem como uma ridente manifestação das festas que no seu coração desperta a contemplação de Ligeia. Como o insigne *conteur* americano, elle poderia ter dito que « pela expressão dos olhos da sua Ligeia, esses grandes, esses rutilantes, esses divinos orbes, afiguravam as estrellas gemeas de Leda e faziam delle o mais fervoroso dos astrologos ».

Sim, a sua inspiração é profundamente brasileira. Se no fundo da tela do seu espirito presentimos a existencia de uma nevoa de ironia, não é difficil perceber que essa ironia — como se verifi-

cará lendo a poesia *A minha amante* — é dissolvida sempre numa jovialidade muito conhecida dos amigos, que lhe monopolisam as palestras. A candidez do seu poetar revela-se, aqui e além.

« Crêde, eu enlouqueceria
De negros remorsos mil,
Se perturbasse a alegria
De vosso olhar infantil ».

Por excepção, é attrahido pela meditação dos poetas preoccupados de metaphysica. Quando muito, a alma enamorada do poeta estringe-o na cogitação do infinito, concretisada na descripção de um coelho, que, silencioso, se immobilisa na varzea, em noite de luar.

« É o coelho, pobre alminha
Que em doido amor se anniquila:
Ama a pallida rainha,
A branca lua tranquilla ».

Bem depressa, porém, aquella jovialidade affavel se transformou no mais puro dos sentimentos, no amor grave e imperturbado.

Eil-o no templo, deante de uma formosa creatura. O seu coração, que ainda agora se lamentava, « arquejante », « velho vaso de amor, partido e frio », nesse momento exulta de alegria casta, e blasphema como blasphemam as crianças:

« E, quando se rezava *Ave, Maria*,
Eu sósinho commigo repetia:
Ave cheia de graça ó Marieta ».

Se na poesia de Lucio de Mendonça apparece um ou outro toque de sensualismo, póde affirmar-se que é sem macula, mas não do peccado original dos lyricos brasileiros. Dir-se-ia que essa macula se manifesta nas suas estrophes, como se fora a leve resina acre de alguns fructos, muito doces e muito brandos, que amadurecem nos pomares tropicaes.

Sirva de resgate á culpa, se culpa existe, no *Ainda e sempre*, a contrição daquelle dithyrambo sobre o beijo —

« ... da vida a chave abençoada ».

T. A. Araripe Junior.

Riachuelo, dezembro, 1895.

IDEAL !

C'est la « soif de la gazelle », qui toujours renaît et jamais n'est assouvie.
FLAMMARION, *L'Atmosphère.*

Desde bem cedo me sorriste,
O luz da alma contemplativa!
Na minha noite escura e triste
Has de brilhar, emquanto eu viva.

Astro do enlevo solitario,
Occulta flôr do ermo saudoso,
Lampada do intimo sacrario,
Etherea fonte de almo gozo,

Tu és, na altura inaccessivel,
O eterno premio que eu almejo
E sigo; brilhas impassivel,
E eu vivo, emquanto ainda te vejo!

Por mais que neste inferno pene
E arder-me a vida toda sinta,
Adoro-te, ósonho perenne!
Ó ambição da alma faminta!

Astro amigo, fulge e scintilla,
E, roto á vida o fragil nexo,
Venha-me á fronte, emfim tranquilla,
A extrema-uncção do teu reflexo!

1886.

AINDA E SEMPRE

Em vão de ti quero esquecer-me, em vão
De rumor e de lucta me embriago :
No mais profundo de minha alma trago
O teu olhar, eterna tentação.

Tortura-me sem trégua esta paixão!
Com a honra embalde a esbofeteio e esmago!...
Se eu sinto ainda o derradeiro afago
De tuas mãos!... Covarde coração!

Hoje teu corpo sensual, saciado,
Conhece todo o poema do peccado,
Conhece-o todo emfim! mas que me importa?

Seja um momento embora, e custe a vida,
Hei de em meus braços te apertar vencida,
Has de ser minha ainda, ou viva, ou morta!

1877.

FLÔR DE IPÊ

Na clara estação gorgeiada,
Em flôr o ipê se desata;
O bella arvore dourada!
O loura filha da matta!
O tronco, o pae, se revê,
Todo ufano, todo zelos,
Nesses teus aureos cabellos,
Que o sol beija, ó flôr de ipê!

As abelhas, joias vivas,
Adereçam-te o toucado;
Diz-te phrases expressivas
O sabiá namorado;
De ramo em ramo o tiê
Cahe, como gotta de sangue;
E a *coral* se enrosca langue
Nos teus braços, flôr de ipê!

Mas, ai! tanta formosura,
Tão festejada e querida,
Pouco tempo vive e dura,
Logo cahe a flôr sem vida;
E sombrio e nú se vê,
Mudo, tragico, isolado,
Como um pae desamparado,
O velho tronco do ipê.

Na alegre quadra encantada
Dos sonhos e da esperança,
Vestiu-te a illusão dourada
O coração de criança;
Surgiu-te — meu Deus! porque? —
Ante os passos peregrinos
Criança de olhos divinos,
Loura como a flôr do ipê.

Sonhos de que te cobriste,
Coração em primavera,
Cahiram todos, ai, triste!
Quanta dourada chimera!
Eis-te da sorte á mercê,
Já sem viço, já sem flôres...
Aquelles pobres amores
Foram como a flôr do ipê!

1878.

BOA NOITE

«Boa noite! » disseste-me risonha,
Hontem, na vez de nossa despedida;
Noite infernal, em scismas consumida,
Foi a noite que eu tive, atroz, medonha!

Tem boa noite o que tranquillo sonha
A ventura ideal appetecida
De unir á tua vida a sua vida,
Sem que noutro cuidado a mente ponha.

Eu, no leito da insomnia esbraseado,
Ardendo em ciume, vejo-te a seu lado,
Branca vestal de amor, vencida e terna...

E ambiciona então meu pensamento
A inalteravel paz do esquecimento,
A minha « boa noite », a noite eterna!

1879.

NUPCIAL

A A....

Vem! que já voltando vejo
As andorinhas do exilio...
Ha em cada raio — um beijo,
Em cada sombra — um idyllio.
Que mais nosso amor espera?
Tudo nos convida : vem,
Noiva minha! a primavera
E um noivado tambem!

Tu verás, por onde fores,
Que longo extase innocente!
Cada voz declara amores,
Cada silencio consente...
O céu azul abençôa,
Os labios teus dizem — sim...

Como a natureza é boa!
Como és boa para mim!

A fronte é lyra em que trago
Mil harmonias divinas,
Á espera só de um afago
De tuas mãos pequeninas.
Brotam raios de poesia
De teus dedos ao roçar,
Como as flores de ardentia
Que os remos abrem no mar.

A vida inteira me invade
Noite negra, que apavora;
Abre nesta escuridade
Teus olhos, cheios de aurora.
Á doce luz de alvorada
Que nasce de um olhar teu,
Vê minha alma deslumbrada
Todo o caminho do céu!

NO MATADOURO

Si quelqu'un méritait de finir sans souffrance,
Un soir, au bord des champs fraîchement labourés,
Sans autre perspective et sans autre espérance
Que de dormir sans fin sous la glèbe des près, —
C'était bien vous, amants des campagnes fleuries
Robustes pionniers, encore plus doux que forts,
.....
.....

FRANÇOIS FABIÉ, *Poésie des bêtes.*

Vão pelo estreito corredor, tangidos,
Os bois; percebem do ambiente hostil
Funesto annuncio; acolhem nos ouvidos

Rumor estranho; pica-os no quadril
A aguda mordedura da aguilhada;
Tremem de horror presago e medo vil.

Mas já não ha voltar: agora nada
Póde esquivar o epilogo fatal!
Na lugubre carroça dão entrada.

Agora tu, ó matador bestial!
Crava-se a choupa na cerviz submissa,
Cahe fulminado o válido animal!

Mas eis que rompe na sangrenta liça,
Hallucinado, um grande e forte boi;
Estaca: os ferreos musc'los inteiriça;

Sólta um surdo mugido; aquelle foi
O seu adeus á vida. Quem conhece
Final gemido que mais triste soe?

Talvez, se alguem o traduzir soubesse,
A saudade das limpidas manhãs
Nas campinas sem fim, nelle entendesse...

Extensos chapadões... varzeas louçãs,
Onde ao cocho do sal todo a boiada
Ao meio-dia vinha... Ó sombras vãs...

Mas, na rude cabeça condemnada,
Que insignias trazes tu? que argolas são
Essas que as pontas te ornam?... Pois de nada

Ante o estupido algoz te valerão?!
— Foste um trabalhador, um boi carreiro,
Annos e annos lidaste na oppressão.

E vão matar-te assim?! O companheiro
Do cançado labor! tardo e senil,
Entrega a carne ao monstro carniceiro.

Ingratidão dos homens, como és vil!

Sancta Cruz, 1885.

AMOR E AMOR

Il y a fagots et fagots.
MOLIÈRE, *Le Médecin malgré lui.*

As ondas do Hellesponto, que o separa
Da meiga Hero, que com a luz o envida,
Vence a nado Leandro, e perde a vida
No mar, que depois colhe a amante rara.

Sapho, a poetisa, que Phaon amara,
Suicida-se de amor. Só na jazida
Funerea, a sorte, emfim compadecida,
Une Romeu a Julieta. Na ara

Do extincto amor do prófugo troyano
Immola Dido a vida.
Um prestimano,
Doutor em artes de amoroso enliço,

O seu consorcio á gente communica
Com velha mumia insaciada e rica.

Morria-se de amor; vive-se disso.

1883.

CANÇÃO DE VIAGEM

A manhã já doura os montes;
Chega a hora da partida...
Vou levar a errante vida
Para estranhos horizontes.

Por tua alma de criança,
Como nuvem de tormenta,
Passa esta alma turbulenta,
Passa — e não deixa lembrança.

Fica em riso e felicidade,
Fica em festas e alegria,
E leve eu na alma erradia
Toda a noite da saudade.

Eu de nada mais preciso,
Que dentro da alma, escondida,

Levo luz p'ra toda a vida,
Levo a luz do teu sorriso !

Adeus ! nos valles sombrios,
Onde soluçam as aguas,
Derramarei minhas maguas,
Chorarei meus desvarios.

Por meus labios entreabertos
Roçará, fugindo, o vento,
E levará meu lamento
Para os barbaros desertos ;

E talvez que as feras brutas,
Ouvindo o vento que passa,
Deplorem minha desgraça,
Pelas solitarias grutas.

Mas eu de nada preciso,
Que nesta alma forasteira
Levo luz p'r'a vida inteira,
Levo a luz do teu sorriso !

1885.

A TAPÉRA

Les temps sont accomplis, les choses se sont tues.
LECONTE DE LISLE.

A meio valle escuro, á beira do caminho,
Está silenciosa a velha casa em ruina...
Deshabitado lar, abandonado ninho,
O horror da solidão phantastica o domina.

O horror da solidão, porque? tambem na matta,
Na virgem, secular, inhospita floresta,
Ha uma calma grande, em que a alma se dilata;
E, ao envez do terror, que portentosa festa!

Mais funda é a solidão na agreste cumiada
Onde não pisou nunca o bipede tyranno;
Mas lá quanta alegria aberta e illuminada!
— O cunho do terror vem do vestigio humano.

Vê-se um velho postigo escancarado ao poente...
O tôsco parapeito apodreceu... e vê-se
Que alli chorou, talvez, de saudades do ausente
Uma noiva fiel, que de esperar morresse...

A bella porta, franca outr'ora, está fechada...
E ninho de reptis a trepadeira amiga,
Que convidava a entrar na placida morada,
Que já ninguem procura e a ninguem mais abriga

Pobre, inutil ruina! Olhemos de mais perto,
Pelo tecto, que abriu dos temporaes o açoite...
Brotam hervas do sólo esquecido e deserto...
E era este o coração da casa, ao lar, á noite!

Aqui se reunia, em pacifico bando,
A familia, a sonhar os dias do futuro,
Emquanto, fóra, o vento andava praguejando
E a noite ia seguindo o seu caminho escuro.

Alli, para o nascente, havia um aposento
Pequeno e recatado... ai! alli, porventura,
Morava a sinhá-moça, o riso, o encantamento
Da rustica vivenda, a doce creatura!

No vão dessa janella aberta para a estrada
Quanta scena de affecto ainda se imagina!...
Um cavalleiro ao longe a sumir-se, e, inclinada
Ao parapeito, a branca e chorosa menina...

Desconjunctado, já cahindo-lhe os pedaços,
Vê-se um velho oratorio... e, coberto de poeira,

Um Christo mutilado abre os divinos braços...
Quanta fé o beijou na angustia derradeira!

Cá fóra, indifferente, ingratamente alheio,
Passa o vento da matta, o alado vagabundo,
Sem um beijo, sequer, ao esqueleto feio
Da ruina sem dono, esquecida no mundo!

Sómente á noite agora, ao ter da lua triste
A compassiva luz phantastica e serena,
Reanima-se a tapera e resuscita e existe
De um sombrio existir que mette medo e pena.

Existe uma alma assim... Outr'ora foi ruidosa,
Clara, feliz, brilhante á luz da primavera...
Agora é núa e só, — sombra silenciosa,
Morta á beira da vida... a lugubre tapera!

1886.

O PELICANO

Sacia todo o ardor da tua sêde
No melhor do meu sangue : bebe ! exgotta
O coração, a rubra taça... Embota
A garra, dos meus musculos na rêde.

Qual mergulha nas ondas a gaivota,
Embebe-te em meu seio amargo... Quêde
Teu impeto feroz ante a parede
Que meu peito lhe oppõe. — Mas eis que brota

A recalcada lagrima insistente,
Que já nos olhos, trémula, me brilha,
E pela face róla comburente.

Ah !... ninguem viu !... e esta alma não se humilha !...
— Acaba-me sem dó, mas mudamente,
O minha dor ó minha nobre filha !

1887.

BEIJO PAGÃO

Fora de baile a noite, uma noite agitada
De hinverno e temporal; pela estrada sombria
Rolava surdamente o carro em que ella ia;
Clareava, cor de leite e chumbo, a madrugada.

Encostada a meu hombro, alva pomba amorosa,
Sentia-lhe a cabeça, um peso amado e doce;
E a sofrega ambição de meus labios fartou-se
Na sua bocca rubra, quente e voluptuosa.

Longo beijo profundo, em que meu amor todo
Toda inteira a beijou! Coaste-me nas veias
Veneno e mel e febre e cantos de sereias,
Beijo que me deixaste hallucinado e doudo!

Déste a paixão mortal que ensandece e anniquila,
Que apaga o entendimento e que dissolve a força.
Tinhas a languidez de seus olhos de corça
E enfraqueceste um forte, ó beijo de Dalila!

1879.

ETERNO AMOR!

Amavamo-nos tanto! e nada, nada existe
Daquelle pobre amor! É, no entanto, bem triste
Pensar que tudo passa e morre e acaba assim!

Uma tarde, em dezembro, ao fundo do jardim,
Fallavamos os dois, a sós; eu lhe dizia
Que a misera alma humana, ao expirar do dia,
Chega a sonhar na terra o infinito amor!
O seu olhar azul, trespassado de dôr,
Cravou-se em mim:

« Não crês no amor além da morte? »
E apertava-me as mãos com febre, com transporte.
« Existe o eterno amor! sei, porque o sinto em mim!
« Não póde perecer o que é profundo assim;
« Juras amar-me sempre e sempre, sempre! »
» Juro! »

« Hoje, ámanhã, depois, e sempre no futuro ?
« Amar-me mais que a vida, amar-me mais que aos paes?
« E (perdoa!) ainda mais que aos filhos ? »
« Ainda mais!»

Bêbeda de paixão, doida de amor, beijou-me.

. . . . . .

E seus filhos não têm, nem sabem, o meu nome!

1878.

NA CAÇA

Na matta. Chove em torrente;
O sitio é ermo e sombrio;
Desce um crepusculo frio,
Que enregela a alma á gente.

A noitinha já vem rente,
E este macuco bravio
Não pousa, por mais que espio!
Mas, deliciosamente,

Scismo na sala fechada
Da pacifica morada
Da criança que eu adoro...

Vejo-a daqui, pensativa,
Accordando a alma captiva
Do seu piano sonoro.

1878.

O BEIJO

Era no Eden, ao morrer do dia...
Adão, o moço Adão recemcreado,
Olhava a natureza enthusiasmado...
A *sombra era nupcial* (1)... e Eva sorria...

No paraiso então nasce o Desejo,
E no labio de Eva, ainda impolluto,
Gera Adão, tremulo, o primeiro beijo,
Flôr do peccado de que somos fructo.

No beijo principia a humanidade :
Elle é da vida a chave abençoada...
Porque o maltratas, pois, com a estrophe ousada,
Apostolo da luz e da verdade?

(1) Pensamento de Victor Hugo, no « Booz adormecido », da LENDA DOS SECULOS.

O beijo só te lembra Lovelace,
O colibri dos labios amorosos...
Pois beijos tem havido em casta face,
Purissimos, ideaes, religiosos.

Ha castos beijos na poesia : — envio
A Shakespeare, o immortal poeta :
É o beijo de Romeu a Julieta.
Já morta e fria no sepulcro frio.

Na historia ha um beijo — e é gloria que reflecte
Naquelle negro nome, e o faz brilhar :
É o beijo de Maria Antoinette
Na pensativa fronte de Mozart !

E o beijo a mais doce recompensa,
É a gloria melhor ! ai ! merecel-a
De uns labios virgens ! cahe como uma estrella
Na altiva fronte do que sonha e pensa !

So é um beijo de noiva, que delicia !
Que céu aberto — o beijo de uma amante !
Queres num traço o quadro da caricia ?
— E a mãe a beijar o filho infante.

O beijo é um hymno a quatro labios ; sina
Inditosa não ha p'ra quem o canta...
Nasce do beijo o amor, que tudo encanta,
Como Eloá, da lagrima divina !

E existiramos nós, dize, em verdade,
Sem essa flor do amor e do desejo ?
Se, pois, amas sincero a humanidade,
Ó poeta e pensador, adora o beijo !

Minas 1877.

AVE, MARIETA

Hontem no templo viste-me ajoelhado,
E sorriste do teu racionalista...
Não era o crente, não, era o artista,
Não deante do altar, mas a teu lado.

Não me importava nada, á tua vista,
O pallido Jesus crucificado,
E nem a Virgem Mãe, nem o coitado
Do S. Sebastião, a quem Deus vista.

Eu só via, meu anjo, e idolatrava
O artistico encanto que te dava
Sobre a espadua morena a trança preta.

E quando se rezava *Ave, Maria*,
Eu sósinho commigo repetia :
Ave, cheia de graça, ó Marieta !

Christina, 1877.

DUO DE AMOR

(VERSOS A DOIS LAPIS)

Ó Musa! a estas horas, minha amiga,
Ah! que infeliz lembrança!
Pois tu não vês abertos sobre a mesa
Os meus livros de estudo, rapariga?
Pois queres me obrigar, noiva divina,
A dar ponto amanhã na sabbatina?

Viste-me, ha pouco, triste
Na longa tarde pallida e chuvosa,
E pensaste, vaidosa,
Que eram saudades tuas? Presentiste
Que eu estava querendo o teu consolo
Para algum infortunio? Pois escuta,
Adivinhaste; estou em grande lucta

Commigo mesmo. Senta-te a meu lado
E escuta, Musa; e não me chames tolo.

Tu sabes, minha amiga, o triste estado
Em que este pobre coração jazia...
Era... era um montão de cinza fria,
Um velho fogareiro abandonado.
Pois houve uma perversa creatura
Que accendeu fogo ahi!

Então! de que se ri
A minha linda amiga? Talvez queira
Dizer-me que foi má esta figura,
Que reduz minha nova namorada
Á condição de simples cozinheira?...
Pois bem: é uma fada,
Que veio despertar o adormecido
De um somno que era quasi morte já.
É uma estranha beldade
De olhos negros; morena; tem nas veias
Ou fogo, ou sangue d'Africa, talvez...
Canta como as sereias;
E tem no andar a altiva magestade,
A soberana, a olympica altivez
Da famosa rainha de Sabá.

Ahi tens, Musa, ahi está
O meu lindo romance começado.
Ora deixa-me só e socegado:
O estudo me reclama.
Olha, alli o vizinho do outro quarto

Está já a dormir como um lagarto,
E é um sujeito que namora e ama!

Olá, Ezequiel! salta da cama!
É cedo ainda pr'a dormir, amigo.
Lá vae a Musa conversar comtigo.

— Sonhava... em quê? Recordações da roça,
Recentes impressões de um baile... a imagem
De uma visão poetica de moça,
Pontos para o exame e uma saudade.

. . . . . .

Mas quem vejo a meu lado?
Sois vós, senhora Musa?
E nem vos indiquei uma cadeira!
Heis de perdoar a grande irreverencia
De vos ter eu deixado
Ahi, em pé, na posição confusa
Que sentem as senhoras
De boa sociedade
No gabinete de um rapaz.
A edade...
O silencio, as deshoras,
E este imprevisto despertar de um sonho...
Vossa Excellencia fuma?
Nada mais ha aqui para offertar-vos
Senão cigarros, livros...
— Obrigada.

— Peço-vos mil perdões. Para provar-vos
Minha pobreza, é sufficiente o aspecto
Deste *Kiosque*. Bem sabeis... a *onça*...

— Basta, senhor, estou enfastiada
Desse tagarellar.
— Vossa Excellencia
Que ordena mais?
— Tenho uma confidencia.
— Quem vos mandou?
— O Lucio de Mendonça.
O auctor das róseas *Névoas Matutinas*
Prendeu-se nas cadeias venusinas
De duas tranças negras e tão longas!...
E deixou-se vencer das harmonias
De uma voz de mulher,
Lindas como o cantar das arapongas.
Está doido, que quer?
Ella reune no semblante augusto
A seducção magnetica
De uma andaluza, e a correcção esthetica
De um velho e grego busto.
Formosa apparição!...

— Da meia-noite,
Musa, tambem a vi: aquellas tranças,
Que lhe serviam de moldura ao collo,
Tinham, meu Deus! a negridão funesta
De um limpador de pennas; e seus olhos
Eram da côr de fundos de tinteiros.

Nessa esplendida festa
E ao agitar febril daquellas dansas
A cutis rosea desmaiava o nacar
Da vermelha camelia.
E embora a pallidez não lhe trahisse
Pronunciada queda ao romantismo,
Ia-lhe bem a *pose* enlanguescida
E uns ares melancolicos de Lelia.
Que donaire no andar!...

— Então, que é isto?!
Foram ambos rolar ao mesmo abysmo?!

— E elle que nada me contou! Olá,
Vizinho do outro quarto, venha cá.

— Que temos?
— Temos uma collisão
De amores, entre nós; sabia?
— Eu, não.

— Oh! como é que não sabe todo o mundo
Deste fogo do inferno em que ardo vivo?!
Pois eu tambem confesso-me captivo
Daquelle olhar satanico e profundo.

— Pois não te basta a *niña* feiticeira
De olhos travessos, que te adora inquieta?
Nem aquella suavissima estrangeira
Que encontraste uma tarde no Passeio?
E nem aquella...? Ó coração do poeta,

Ó tonel de Danaides nunca cheio!
Com tantas já, pretendes ainda a minha,
A minha unica e só, por quem eu déra
A tua propria vida?!
A que accordou esta alma adormecida,
A unica andorinha
De minha primavera!

— Amas então devéras, heim?
— Pudera!
— Pois um de nós, senhor...
— Duelo, não!
Ora, escuta-me: um bom remedio temos.
Somos rivaes? Pois bem, meu caro, amemos
Em collaboração!

Lucio de Mendonça.
Ezequiel Freire.

VOSSO OLHAR

Vosso olhar... fora preciso
Para imital-o, senhora,
O mais doce alvor da aurora
Das manhãs do paraiso...

Pois tem a clara alegria,
A ingenuidade, a innocencia
Do alvorecer da consciencia
Do infante que balbucia.

Vosso olhar... ah ! se eu pudera
Vél-o, vél-o eternamente,
Perdera de boamente
Toda a luz da primavera !

Vosso olhar... quando o contemplo
De minha alma embevecida,

Lembra a luz amortecida
Que inunda as naves do templo.

Ás vezes, como saudoso
Da patria azul das alturas,
Tem as languidas doçuras
Do olhar da rola ao esposo.

Aos vossos olhos, querida,
Quando tão triste os fitaes,
Dera-lhes eu toda a vida
Para vêl-os brilhar mais!

Que se este olhar se extinguisse
Na noite dos dias meus...
Ai, Deus piedoso! o que eu disse!
Não me oiças isto, meu Deus!

Crêde, eu enlouqueceria
De negros remorsos mil,
Se perturbasse a alegria
De vosso olhar infantil.

Sancto olhar que não illude,
Benigno, esplendido, são,
Tem o brilho da virtude
E a clemencia do perdão.

Rio, 1878.

VOTO

Quando tornei a vêr-te, ó doce e pura
Resurreição do meu melhor passado,
No baile, e sobre o collo immaculado
Revôlta do cabello a onda escura;

Quando em teu rosto d'anjo e de menina,
De meu olhar sentindo o avido beijo,
Vi accender-se a purpura do pejo,
Qual ao poente a nuvem peregrina;

E quando os régios olhos soberanos
A medo ergueste e vi-os face a face,
Como um morto que então resuscitasse
Da muda morte de compridos annos,

O coração ergueu-se-me arquejante.
Velho vaso de amor partido e frio,

Teve saudades do remoto estio,
Da extincta primavera exuberante.

Ave accordada pela luz da aurora,
Como esquecida da passada noute,
Cantou de novo o teu louvor, saudou-te,
Estrella d'alva das manhãs d'outr'ora !

Mas logo veio da região sublime
Ao raso mundo que te espera ainda,
E a Deus pediu que te depare, ó linda,
Um bom marido honrado que te estime.

1881.

A DESPEDIDA

No largo leito, que o aposento corta,
Dormem duas crianças, e terceira
Em convulsões horriveis vibra inteira.
A mãe chora, blasphema, ulula, exhorta.

O pobre anjinho a fria bocca entorta.
A doce presa a morte espreita e abeira.
Desmaia-lhe no olhar luz derradeira...
Ó mãe desventurada! — está bem morta!

No deliquio suspensos os sentidos,
Dá trégua ao choro, aos funebres gemidos.
Mas um raio de limpida alegria

Brilhou!... cada uma das crianças ria...
No sonho dos irmãos adormecidos
A morta, alma gentil, se despedia.

1882.

JOBISMO

(HORA DA VIDA DE ESTUDANTE)

Assim, pois, acabou-se! é sina: está cumprida.
Se tem horror ao... cheio este meu bolso incrivel!
Ó dura realidade! ó coisa indiscutivel!
Meu Deus, o fim do mez é como o fim da vida!

Ó festas, ó ideaes encantos do impossivel!...
Ceias monumentaes de noite não dormida!...
Huris de negro olhar que ao doce amor convida
Entre o beijo e o Xerez!... ó despertar horrivel!

Que dizes tu, folhinha?! ainda 27?!
Tres dias tarda ainda o dia que promette
A mesada gentil, a aurora do *vidão*?

De delirios de amor a noite está repleta...
Mas, ai! *nem todos vão a Corynthо*, poeta!
... E foste cem mil réis, ó nickel de tostão!

1877.

A MINHA AMANTE

É uma alta perfeição, sinceramente,
E das mais ideaes e consummadas.
Tem as fórmas gentis arredondadas,
Como uma tentação armada á gente.

Vêl-a é ter um desejo vehemente
De a possuir por horas dilatadas...
Traz ás macias costas adoradas
Fino crivo de linho, um meu presente.

Adoro-a com amor terno e constante;
Entre os braços da austriaca faceira
Esqueço-me da vida de estudante.

É austriaca, sim, essa estrangeira;
E não tem os perigos de outra amante,
Porque é, singelamente, uma cadeira.

1877.

VERSOS A UMA MENINA

Como falla a abelha ás flores,
Quero dizer-te ao ouvido
Um segredo... ouve! não córes...
Estou perdido de amores...
Não brinques, estou perdido.

E é comtigo o segredo...
Bem vejo que não sabias...
Este amor veio tão cedo,
Criança, que tenho medo
Que não me entendas... não rias.

Minha alma, livre andorinha
Que vôa, vôa e não cança,
Paira agora, coitadinha,
Sobre teus olhos, Ritinha!
Sobre teus labios, criança!

Não sentes, linda, uns adejos
Invisiveis, que te agitam?
São, carregadas de beijos,
As azas de meus desejos
Que em torno de ti palpitam.

Os teus labios purpurinos
São do paraiso as chaves...
Ha nos teus risos divinos
Esses trillos argentinos
Que só têm crianças e aves.

E ventura que endoidece
Só contemplar-te, criança!
Minha alma toda estremece
Se em teus olhos amanhece
— Alva de amor — a esperança.

Se ergues a fronte aureolada
Desse olhar que brilha tanto,
— Triste phalena abrasada,
Cahe minh'alma fascinada,
Ebria de luz e de encanto!

Ai! quando os olhos brilhantes
E os labios virgens risonhos
Vejo-te, em doidos instantes,
Tenho uns sonhos delirantes,
Toda a loucura dos sonhos!

Loucura! dera alma e vida
— Quizesse Deus recebel-as! —

Só para te vêr, querida,
De nuvens brancas vestida
E coroada de estrellas!

. . . . . .

Emquanto eu fallava, rias!
Cobriram-me o meu segredo
Sonoras perolas frias...
Bem vi que não me entendias..
Pobre de mim! era cedo!

Minas, 1877.

FASCINAÇAO

Na varzea, em hora tardia,
Quando a lua desditosa
Enche o espaço com a magia
De sua luz amorosa,
Vê-se um vultosinho quédo,
Mudo, extatico... dir-se-ia
Estranha visão do medo,
Na varzea, em hora tardia.

A branca lua tranquilla
Reflecte languidamente
Em deslumbrada pupilla...
Aquillo contempla e sente...
E o coelho, pobre alminha
Que em doido amor se anniquila :
Ama a pallida rainha,
A branca lua tranquilla.

Ai, misero amante agreste,
Nas sombras do ermo nascido,
Como tão alto puzeste
O teu olhar seduzido!
Amas a eterna impassivel,
A alva princeza celeste!
Que insano amor impossivel,
Ai, misero amante agreste!

Ebrio, tonto, fascinado
Daquella luz que o extasia,
Passasse-lhe a morte ao lado,
Que nem della saberia.
Venha o caçador cruento,
Que o ha de matar parado
Naquelle deslumbramento
Ebrio, tonto, fascinado!

O alma contemplativa,
O' bella alma enamorada,
Assim vives tu captiva
Da luz de uns olhos de fada.
Vêl-a sempre é tua sina,
Que a saudade mais aviva
A imagem que te fascina,
O alma contemplativa!

Esta insana ebriedade
Te escravisa toda a vida,
O futuro, a mocidade,
A alma inteira embevecida!

E vês sempre e em toda a parte
O olhar, a luz que te invade!
Olha que póde matar-te
Esta insana ebriedade!

Na embriaguez do teu sonho
Já nada póde comtigo
O infortunio mais medonho,
O mais tremendo castigo.
Venha a morte mais temida,
Que te colherá risonho,
Revendo a imagem querida
Na embriaguez do teu sonho!

Rio, 1878.

AVE, MARIA

... à l'heure où la joie nous quitte...
ASMIN.

Ave, *Maria*... Era esta mesma a hora,
Este mesmo o logar quando ella veio...
Quando perdi-me no amoroso enleio
Descia a noite como agora desce...
Ella os humidos labios entreabria
Para o céu, num sorriso, ou numa prece...
Ave, *Maria!*

Ave, *Maria*... Quanta vez as tardes
Viram-nos ambos num sonhar de doudos!
Ao longe os montes se perdiam todos
Nos véus sombrios que d'além baixavam...
Minha alma á sua numa só se unia,
E os labios della e os labios meus rezavam:
Ave, *Maria!*

Ave, Maria... Que formosa tarde
Era aquella da nossa despedida!
Era fatal partir, e foi cumprida
Minha sorte cruel: arrebatou-me!...
E a bocca linda, que não mais sorria,
Na prece ardente murmurou meu nome...
Ave, Maria!

Ave, Maria... A hora ainda é a mesma,
Ainda o mesmo o logar... mas já não vive
Aquelle apaixonado amor que eu tive
E que tanto em saudade se revela...
Ella, a formosa desleal, mentia...
Fica, minh'alma, para orar por ella...
Ave, Maria!

1877.

PELAS VICTIMAS DA SÊCCA DO CEARÁ

Musa christã, nascida no Calvario,
Do ultimo olhar do Christo moribundo,
Quando, no atroz momento legendario,
Calmo e solemne contemplava o mundo;
Musa christã, que o rôto miseravel
Acalentas ao seio protector,
Ao generoso seio inexgottavel
De consolo e de amor;

Tu és, ó Caridade, com a Justiça
— A inexoravel musa do Direito —
Da gloria eterna lucida premissa,
Porque ser justo e bom é ser perfeito!
Filhas gêmeas que sois da Divindade,
Espalhaes pela terra a luz dos céus...
Mas a melhor és tu, ó Caridade,
Predilecta de Deus!

Tu, que veneras da velhice as rugas,
Amas da infancia as rosas purpurinas...
Teus por joias — as lagrimas que enxugas,
E por flôres — os risos que germinas.
Pão do faminto, estrella dos captivos,
Mãe da orphandade, manto da nudez,
Anjo de meigos olhos compassivos,
Olha-nos bem! que vês?

Lá nas plagas ardentes do Norte,
Onde o sol do Equador arde em chamma,
Representa-se um horrido drama,
A tragedia da sêde e da morte!
Os sepulcros dos mortos sem nome
São os corvos vorazes e os cães...
E ha crianças que morrem de fome
Sobre o seio mirrado das mães!

Nem só tu, Morte horrivel, te nutres
Dos famintos nos magros enxames;
Torvos crimes e vicios infames
Nelles ceram-se, — negros abutres!
E um pae... contemplae-o... seguide-o...
Desespera... recorre ao punhal...
Suicida-se, ou rouba, — suicidio
Mais hediondo, — que é morte moral!

Os enlêvos do lar, as donzellas,
Semi-núas, febris, foragidas,
Vão chorando as grinaldas perdidas
Pelo lodo de immundas viellas!

Ai! a fome é inimigo selvagem!
Desgraçadas! como hão de luctar?!
Tudo sorve a medonha voragem:
Seu porvir, sua honra, seu lar!

O mães que me escutaes, vossas crianças
São a gloria de vossa mocidade,
E são tambem as louras esperanças
Da tremula, cançada e velha edade!
Pois as meigas crianças adoradas
São para aquellas mães, não bens de amor,
Mas inimigas boccas esfaimadas!
Horror! horror! horror!

Ante este quadro, que consterna e espanta,
Surdo e cégo parece o Deus clemente!
Pranto da Caridade, chuva sancta,
Extingue o fogo desse inferno ardente!
O Norte altivo, que a miseria assola,
Arqueja e estende a mão; implora aos seus!
Dae-lhe, ó almas christãs, a vossa esmola!
Dae pelo amor de Deus!

1878.

GLORIA IN EXCELSIS

(NOS FUNERAES DE FLORIANO PEIXOTO)

Alas! que passa o defensor estrenuo
Do bom nome e da honra do Brasil.
Vae para a grande sombra, em paz insolita,
Seu peito varonil.

Filho do Povo, ergueu-se a uma alta gloria,
Mas sempre popular,
Qual procellosa vaga aos céus eleva-se
E não deixa, ainda assim, de ser o Mar.

A sua terra amou como um fanatico...
E morto agora está.
Seu nobre coração, parado pendulo,
Nunca mais baterá.

Alas e continencias a esse féretro!
Grandes Mortos da Historia, recebei

O paladino sem temor nem mácula,
O frio, o austero Defensor da Lei.

Soldado, tinha o heroismo placido,
A tranquilla coragem do dever.
Era um estoico: — a vida é coisa minima;
Vale é saber morrer.

Quando a revolta — bando sanguinario —
Ás fratricidas armas se lançou
E contra o seio as converteu da Patria,
O seu braço de ferro a estrangulou.

Chore no espaço a artilharia funebre,
Ulule dos canhões a rouca voz.
Alto este egregio cidadão deplore-se,
Não por elle, por nós.

Tomba para o repouso o forte cerebro...
Descance emfim, que bem o mereceu,
Pois já nessa cabeça, agora exanime,
Toda a nossa esperança se acolheu.

Alas, ó Mocidade! este pertence-nos!
E para o protegermos dos baldões
Dos cobardes, dos reprobos, ao prestito
Façam alas os nossos corações!

Já da Immortalidade abre-se o portico.
E num largo clarão de luz triumphal,
Constellado das bençams da Republica,
Entra na Historia o Grande Marechal.

6 de julho de 1895.

A CASCATA DO IMBUHY

A F. Süssekind.

Entre dous morros, o Imbuhy e o Prata,
Fada branca, phrenetica e selvagem,
Salta do leito a esplendida cascata
E arremessa-se louca na voragem
Subitamente, com tigrina graça,
Inda ao cahir intrepida e casquilha,
Bamboleia, contorce-se, arregaça
Na anca de pedra as rendas da mantilha.

Mas, alquebrada pelo salto enorme,
Constringida em canal profando e estreito,
O fatigado corpo estende, e dorme
Como sultana em preguiçoso leito.
De um lado e de outro a selva, escrava afflicta,
O somno guarda á trefega menina,

E sobre o collo tremulo lhe agita,
Leque subtil, a gaze da neblina.

Neste recesso placido da matta,
Como tão longe tudo mais se sente!
Rola o esquecimento esta cascata!
Como adormece tão serenamente
Um coração ralado pelas maguas!
Ah! quem tivera a sepultura aqui,
Juncto ao abysmo destas frias aguas,
Ó magestoso, ó tragico Imbuhy!

Therezopolis, 13 de abril, 1900.

A SERRA DOS ORGAMS

A minha mulher.

I

Sobre um fundo de azul vivo e cantante
Recorta-se o perfil da serra agreste.
Ás vezes vem o nevoeiro e o veste;
Outras vezes o sol, sofrego amante,
Para a noiva, brutal, se precipita,
Rasga-lhe as roupas de neblina fria,
Os rijos peitos beija e acaricia
E em deliquios de amor vibra e palpita.

II

Desmembrada estructura de gigante,
Que um cataclismo horrendo dispersasse,
O monstro inculto de groseira face
Vê de um lado a paizagem verdejante,
Do outro lado a Cidade e a Guanabara,
Maravilhosa, rútila esmeralda,
Que, enorme joia, lhe rolou da espalda
Quando o horror da catastrophe a agitara.

III

Aponta para o céu, reprehensivo,
Da granitica mão o indice duro...
De que passado immenso a que futuro
Ha de eterno durar o gesto vivo!
Nós passaremos, hospedes de um dia,
Ephemeras visões nesta montanha,
E a quanta geração longinqua e estranha
Assombrarás, estranha penedia!

IV

Pulmões de pedra, os apices ligando,
Arfam, sorvendo os ares das alturas;
Nessas cavernas asperas e duras
Que respirar balsamico tão brando!
Logo acima, a cabeça se levanta
De um gallo informe; essa cabeça muda,
Para quem sabe ouvir, grita e saúda!
Para quem sabe amar, exulta e canta!

V

Em decubito grave e magestoso
A Cabeça do Frade se reclina;
Ao adunco nariz traz resupina
Feia verruga, sobranceiro pouso
Para as aves do céu, que o frio corta.
Dos olhos fundos quando o pranto escorre,
Entre as fechadas palpebras lhe morre,
Sem uma imprecação da bocca torta.

VI

Além, acima, dominando tudo,
Campo das Antas, cumiada tonta,
As altas nuvens insolente affronta,
Como um collosso esqualido e versudo.
— Serra dos Orgams, harpa grande e rude,
Ao bafejo das frias madrugadas,
Canta no espaço as musicas sagradas
Da alegria, da força e da saúde!

Therezopolis, 30 de abril, 1900.

A MINHA MULHER

(NO DIA DE SEUS ANNOS)

Annita, meu amor, passa anno e anno
E o derradeiro amor não envelhece ;
Antes, mais vivo e juvenil parece,
Qual se do tempo não soffresse damno.

Ou tens feitiço tal, tão soberano,
Que o sol da vida, que descamba e desce
No horizonte, que já se me entardece,
Fazes parar ?! Ambicioso engano !

O que nunca se extingue, e mais fulgura,
Se do negro infortunio o vento rude
Agita a vida em ondas de amargura,

É a luz que em tua alma encontrar pude,
E a unica eterna formosura,
Ó minha boa amiga, é a Virtude !

Paquetá, 30 de abril, 1901.

MUSA PEREGRINA

(1871-1901)

A MINHA FILHA

ANTITHESE

(H. MÜRGER)

E um asylo pobre, é um retiro austero,
Onde a estudar se encerra um solitario hospede.
Dorme ao dia; mal vem
A noite, se levanta a trabalhar; accende
Sobre a mesa truncada a fumegante lampada,
Que vela ahi tambem.

Na lareira apagada amontôa-se a cinza,
E o grillo friorento e de fagulhas ávido,
Não as vendo no lar,
Cessa de modular a costumada endeixa
Sobre a grade de ferro, onde a lenha em supplicio
Torcia-se a estalar.

No entanto, sopra, fóra, enregelado vento,
E quem passa na rua, agazalhado e tremulo,

As garras lhe sentiu.
Na esphera divinal tiritam as estrellas,
E a pelliça de arminho a mais e mais adensa-se,
Que o tecto já vestiu.

Na vidraça, resvala o vento pelas frestas,
E a geada, burilando os caprichos phantasticos,
Já fez dalli saltar
Um subtil arabesco onde em roscas se torce
A fronde tropical de flora imaginaria
Quasi a desabrochar.

A janella é estreita e nunca se alumia
Da alegria do sol nos ósculos esplendidos.
Pelas paredes vae
Do tecto até ao chão o suor de novembro,
Qual comprido collar de perolas e de ambares,
Que se debulha e cae.

Mas ao que mora alli, quando a cidade dorme,
E elle poz-se a velar a sublime vigilia,
Tudo se transverteu...
Um palacio encantado aos olhos se lhe ostenta,
Porque tem por amante uma divina Pieride,
Que canta ao lado seu!

S. Paulo, 1871.

NATUREZA IMPASSIVEL

(A. DAUDET)

Quando a illusão primeira esvaecida
O mortal deplorou,
Mãe, sentiu-se a natura commovida,
E com elle chorou.
Tudo triste! No espaço o astro occultou-se,
Murchou na terra a flor.
Velou-se a lua, o sol enclausurou-se,
E a selva os ramos retorceu de dôr.

Rubros poentes, auroras luminosas,
Foram-se a um tempo só.
Armou o hinverno as tendas vaporosas.
Cobriu-se o val de dó.
Arfou o lago em funebre lamento;
Na verde cathedral,

— Clerigos e organista, aves e vento
Rezaram seu primeiro funeral.

A dôr arrancou lagimas ás brenhas,
Gritos de ira aos vulcões.
Tiveram dó as escalvadas penhas,
E o abysmo, imprecações.
« Quero ter parte na amargura humana »,
Disse afinal o mar...
O homem tudo esqueceu numa semana,
E elle, ha quatro mil annos a chorar!

Quando a Mãe compassiva consolou-se,
Corou de haver chorado...
Compoz as dobras do seu vallc, ornou-se
Com florido toucado.
Depois ergueu-se, a resplender de encantos,
De verdes madrigaes,
E, certa do que valem nossos prantos,
Nos disse: « Agora, não me apanham mais!

Por mim, se alguma vez a dôr divina
De mim se apoderar,
E eu me prender á turba feminina,
Bella demais p'ra amar;
Ou se, morrendo-me adorado ente,
Eu succumbir tambem,
Pódes ficar, natura, indifferente;
Não quero condolencias de ninguem.

O louro trigo, o milho murmuroso
Poderão florescer;

Não lhes direi meu caso lamentoso,
Calado hei de soffrer.
Jubile a terra e a floresta fecunda
E o lago de crystal.
Cantae! não serei eu quem vos confunda
Pranto ou blasphemia ao sacro festival!

Minas, 1883.

SEREIA

(JEAN LAHOR)

Tinha a sereia esses teus olhos claros,
Teus claros olhos, vagos e inconstantes,
Olhos pallidos, sem lampejos, raros,
Olhos da côr das ondas palpitantes.

Tinha a sereia a tua mesma falla,
De ineffavel encanto menineiro,
Quando attrahia, ao gôzo de escutal-a,
Para o profundo mar o marinheiro.

E teu bom coração tambem teria,
Quando, adoravel, perfida sereia,
Com sorrisos de escarneo se sorria
Aos mortos estirados pela areia?

Rio, 1889.

ADORAÇAO

(SAINTE-BEUVE)

Palavras, vibrações de um peito meigo e timido,
Redobrae do mysterio e carinhoso accento,
E sêde juncto della um doce juramento!
Palavras, afagae-a!
E sê mais terno ainda, ó som de voz, mais limpido,
Revela occulto pranto a essa graça ingenua!
Olhar, subito brilha e languido desmaia;
Sê puro, sê bem casto, olhando-a, meu olhar:
Pois o pudico amor que desta vez me encanta,
Desta vez para sempre! escolheu para amar
A virgem de candura, a creatura sancta,
O tenro coração que acaba de accordar,
A alma que se ha de encher sem fazel-a ter medo,
Que se ha de commover e sem a perturbar!

S. Paulo, 1873.

BORBOLETAS

(TH. GAUTIER)

As brancas borboletas côr de neve
Vão a adejar em bando sobre o mar.
Ó borboletas brancas, que eu não possa
Seguir pelo caminho azul do ar!

Ó bayadera d'olhos de azeviche,
Bella das bellas, sabes me dizer
Aonde iria eu, se ellas quizessem
As azas emprestar-me? Sem perder

Um só beijo nas flores do caminho,
Por montes e por valles eu voaria,
Iria aos labios teus entrefechados,
Flôr de minh'alma, e nelles morreria.

S. Paulo, 1874.

MADRIGAL

(EUGÈNE LE MONEL)

Se a espuma é a flôr da vaga,
Quero ir muito além das brumas,
Para que ao collo lhe traga
Um ramalhete de espumas.

Se a nuvem é a flôr do espaço,
Subirei como um foguete,
Para trazer-lhe ao regaço
De nuvens um ramalhete.

Se a chamma é a flôr do fogo,
Abrasa-te, ó alma que amas,
Para lhe compormos logo
Um ramalhete de chammas.

Se o riso é a flor do rosto,
Quantos me serão precisos
Para a seus pés ver deposto
Um ramalhete de risos?

RECORDAÇAO

(DO ITALIANO)

Triste encanto ideal e commovente
Tem minha bella — que fallar o della!
Traz na pallida face a rosa doente
Da febre ardente. — O minha pobre bella!

Está para morrer, e eu, miserando,
Sem minha amiga — a mais fiel e antiga,
Ficarei seu semblante recordando,
Tão calmo e brando. — O minha pobre amiga!

Em tanta magua estava eu reflectindo,
E aquellu sancta — a quem restava tanta
Luz n'alma, dava-me um olhar infindo,
Ainda sorrindo. — O minha pobre sancta!

Em pranto me deixou: desde uma hora
Que estava morta... — atravessando a porta,
Entra uma alegre claridade agora...
Desponta a aurora... — O minha pobre morta!

Minas, 1880.

O REI, O MILHAFRE E O CAÇADOR

(LA FONTAINE)

Vivo, no ninho, um caçador pegou,
Uma vez, um milhafre, e o destinou
Ao principe por mimo. Era precioso,
Porque raro, o presente.
Timidamente dado ao poderoso,
O passaro, se o conto não nos mente,
Imprime logo a garra — ó impiedade! —
Bem no nariz de Sua Magestade.
— Como! no real nariz?! — Do proprio rei.
— Não trazia a coroa então, já sei...
— E que a trouxesse! O passaro não quiz
Investigar de quem fosse o nariz.
Renuncio a pintar, por não ter côres,
Dos cortezãos a lastima, os clamores.
Quieto o rei ficou, porque já vêem

Que á magestade os gritos não vão bem.
Quêdo tambem no olympico poleiro
O passaro ficou, muito lampeiro.
O dono o chama e grita e se afadiga,
Mostra-lhe o engodo, o punho, qual cantiga!
Parecia que ao bicho appetecia,
Embora o ruido, alli passar o dia
E pernoitar ainda empoleirado
No nariz inviolavel e sagrado.
Tentar tiral-o era o irritar. Emfim
Resolveu-se a largar o rei, e assim
Este fallou: —« Deixae que vão em paz
O milhafre e o rapaz.
Bem se sahiram, fosse como fosse,
Um, milhafre, outro, rustico mostrou-se.
E eu, que sei como um rei deve de obrar,
Do supplicio hei por bem de os alliviar! »
Pasmou a côrte. Os cortezãos não cessam
De exaltar feitos taes, não que os conheçam:
Muito poucos, e fossem reis até,
Fariam como este. O certo é
Que se livrou de boa o caçador;
E o seu erro maior,
O delle e o do animal, foi não saber
Que é máu do amo approximar-se tanto.
Se os tristes, entretanto,
Só com os do matto usavam de se haver!...

Diz Pilpay que se deu na India o caso.
Naquella terra, um respeito absoluto
Vota o homem ao bruto.

O proprio rei temeu tocar-lhe, acaso.
Pensavam entre si :
— E quem nos diz que esta ave de rapina
Não combateu em Troia, e que alta sina
De principe ou de heróe não teve alli?
E a ser o que já foi, póde tornar.
Pythagoras ensina
Que com os brutos a fórma permutamos :
Humanos ora estamos,
Logo voláteis recortando o ar.

Como o conto varia,
A segunda versão ora offereço.

Contam que certo caçador, um dia,
Um milhafre apanhou (raro successo)
E ao rei o foi levar
Como presente muito singular :
Uma vez em cem annos acontece ;
É o *cumulo* da caça.
Rompe de cortezãos cerrada massa
O caçador, acceso de interesse.
Já pensa que enriquece
Com tal presente, verdadeira mina ;
Mas a ave de rapina,
Nunca educada para estar no paço,
As rijas unhas d'aço
Ferra ao nariz do misero sujeito.
Eil-o a gritar, e eis em riso desfeito
Principe e cortezãos. Quem não riria?
Eu não me conteria.

Que um papa ria, isso, em boa fe,
Não me atrevo a jurar ; mas olhem que é
Bem desgraçado um rei que nunca ria :
É o prazer dos deuses. Apezar
Dos cuidados, ri Jove e os immortaes.
A crêr — deve-se crêr —
Nas velhas tradições de nossos paes,
Riu, riu a arrebentar,
Quando uma vez lhe trouxe de beber
Vulcano, o coxo. O que houve lá não sei,
Mas com razão a fabula variei ;
Pois, já que aqui se trata de moral,
A aventura não era original :
Um caçador simplorio é mais frequente
Do que um rei indulgente.

AD MAJOREM DEI GLORIAM

(VICTOR HUGO)

« Com effeito, o nosso seculo é admiravelmente melindroso. Imagina elle, porventura, que esteja completamente extincta a cinza das fogueiras ? que dellas não reste mais nem um tição que accenda ainda um archote ? Insentados ? chamam-nos *jesuitas*, julgando que nos cobrem de opprobrio ! Mas os *jesuitas* lhes reservam a excommunhão, uma mordaça e fogo... E, um dia, hão de ser os senhores de seus senhores. »

(O padre ROOTHAN, *geral dos jesuitas*, na conferencia de Chiéri.)

Elles disseram : « Nós vencedores seremos.
Padres pela sotaina e pelo ardil soldados,
Direitos, leis, progresso havemos derrocar,
E com os destroços disso erguer um forte havemos.
E lá pr'a nos guardar, quaes cães de fila irados,
Dos preconceitos crús a grey desaçaimar.

« O cadafalso é bom ; é necessaria a guerra ;
Povo, acceita a pobreza, a ignorancia acceita :
Para o inferno o tribuno em corpo e alma vae ;
O homem que nada sabe é o anjo da terra.
Ha de a nossa legião, de força e astucia feita,
Embrutecer o filho, amordaçar o pae.

« Nossa palavra, hostil ao seculo que passa,
Ás turbas choverá da tribuna sagrada ;
Os tibios corações, ella os regelará,
Matando o germen todo util e bom que nasça ;
Dissolver-se-á depois como no chão a geada,
E quem a procurar não mais a encontrará.

« Sómente... hão de ter frio as almas que escutavam
E não arderá mais nenhum dos fogos sanctos ;
E se aos homens de então alguem bradar-lhes mais :
— Salvae a liberdade : os vossos paes a amavam! —
Hão de rir (que virão de nossos negros antros)
Da liberdade morta e de seus mortos paes.

« Padres, havemos ter uns motes muito sabios :
—Ordem, Religião, Familia, Propriedade :
E se, judeu, pagão, mouro ou bandido, alguem
Vier nos ajudar, com o perjurio nos labios,
Archote e ferro em punho, ebrio de atrocidade,
A roubar e a matar, diremos : « Está bem ! »

« Vencedores, fataes, temidos, sem receio,
Havemos de viver, fortes no inaccessivel.

Mithra, Christo, Mahomet, bem pouco se nos dão!
Reinar é nosso fim, — desterrar, nosso meio.
E, se se ouvir um dia o nosso riso horrivel,
As trevas da alma humana em sustos tremerão.

« Amarraremos a alma em profunda caverna.
É o fellah do Nilo, ou é da Hispanha o frade,
O ideal de nação governada e servil.
Razão, direito, abaixo! a espada viva eterna!
Cadella sólta é a idéa, e mais nada, em verdade.
Cadeia com Rousseau! Voltaire para o canil!

« Se o espirito luctar, nós o suffocaremos.
Ao ouvido á mulher fallar baixinho vamos.
Teremos os pontões, a Africa, o Spielberg.
A fogueira morreu? — De novo a accenderemos;
Não podendo atirar-lhe o homem, lhe atiramos
O livro; em falta de Huss, queimamos Guttenberg.

« Quanto á razão, que estende a Roma a audacia sua,
Chamma accesa por Deus no humano craneo, aquella
Que a Socrates luzia e guiava a Jesus,
Nós, bem como o ladrão que roja e se insinúa,
E começa, ao entrar, por apagar a vela,
Furtivos, por detraz, sopraremos a luz.

« Na alma humana então será noite fechada.
Sobre o anniquilamento é que o poder se apura.
O que nos parecer faremos sem rumor.
Nem um respiro, nem um bater d'azas, nada

Se agitará na sombra, e torre mais escura
Do que a noite ha de ser nosso forte em negror.

« Reinaremos. A turba é onda que obedece.
O mundo ha de curvar-se á nossa força estranha;
Teremos o poder e a gloria no apogeu;
Sem medo algum, pois fé nem lei nos entorpece... »
— Quando habitasseis já das aguias a montanha,
De lá, disse o Senhor, vos arrancára eu!

Rio, 1872.

A ALMA DO OUTRO MUNDO

(VICTOR HUGO)

Quando a mãe chora o filho, o céu ouve os gemidos.
Deus, que na mão encerra os passaros perdidos,
Manda, ás vezes, que volte a pomba foragida
Ao mesmo ninho seu, que abandonado fica.
Ha intima união entre a morte e a vida;
Com a sepultura, ó mães, o berço communica.
Mais de um mysterio assim na eternidade ha.

A mãe de que vos fallo aqui morava em Blois;
Em tempo mais feliz que o de hoje, conheci-a:
Com a casa de meu pae a sua vizinhava.
Todos os bens que Deus permitte ou dá, possuia.
O homem que desposára era o mesmo que amava.
Teve um filho; meu Deus! que alegria ineffavel!

Tinha um berço de seda a criança adoravel;
Se era o primeiro filho! a mãe o amammentava;
Que suave rumor fazia á cabeceira
Do leito nupcial! Durante a noite inteira
Estava a idear a mãe chimeras que a encantavam,
Pobre mãe, e na sombra os olhos lhe brilhavam,
Quando, sem respirar, sem voz, renunciando
Ao somno, se inclinava, e naquella attitude
Escutava o dormir tão socegado e brando
Da criança gentil corada de saúde.
E, logo cedo, estava, orgulhosa, a cantar.

Na poltrona, pr'a traz, ia se recostar,
Entremostrando o chale o seio intumescido,
A sorrir para o filho, a chamar-lhe querido
Anjo, thesouro, amor, e outras tantas loucuras.
E beijava-lhe os pés, rosadas miniaturas,
E fallava-lhes muito! e o pequenino ria,
Encantador e nú, e, por baixo dos braços,
Dos joelhos á bocca a mãe o suspendia.

Tremulo como um gamo, ao qual assusta os passos
Uma folha, cresceu. Crescer é cambalear
Para a criança. Entrou a andar, a fallar,
Tres annos completou; edade suave e boa,
Em que a palavra já bate as azas e vôa,
Como um passaro novo ainda. E a mãe dizia
A estremecer de amor: « Meu filho! » e proseguia:
« Como elle está tão grande! Olhem como cresceu!
« Já está aprendendo; e já conhece o seu
« A B C. Isto é um demoninho! Já

« Quer calças, não quer mais saber dos vestidinhos ;
« São já bastante máus estes taes homenzinhos !
« Mas, emfim, já lê bem ; ha de ir longe ; é bem agil
« E vivo ; no Evangelho o ensino a solettrar. »
E adorava-o, olhando essa cabeça fragil,
E, mulher venturosa, e mãe de altivo olhar,
Sentia o coração no filho palpitar.

Um dia, — e quem não tem o seu funesto dia ? —
A *coqueluche*, o monstro, a negra ave sombria,
Sobre a casinha branca, eis, subito, desceu.
Contra a doce criança, horrenda arremettou,
Agarrou-lhe a garganta : ó negra enfermidade !
Do ar, com que se vive, infame deslealdade !
Quem não viu debater-se um meigo e pobre ente
Que ella feroz constringe em seus dedos, suffoca !
Lucta ; os olhos lhe invade a sombra lentamente,
Um estranho estertor sahe-lhe da fria bocca,
E tão mysterioso e tal que nos parece
Ouvir cantar no peito, onde o alento fallece,
O gallo do sepulcro á sua aurora escura.
Qual fructo que sentiu da geada a mordedura,
A criança morreu. Entrou como um ladrão
A morte e a carregou. — Mãe, pae, toda a afflicção,
O esquife, a cabeça a bater na parede,
Lugubre soluçar que da entranha se expede,
Oh ! a palavra expira onde começa o grito ;
Silencio, lingua humana.

A mãe de seio afflicto,
Emquanto ao lado seu, sombrio, o pae chorava,

Tres mezes conservou-se ella immovel no escuro,
Fixo o olhar, murmurando o quer que era obscuro,
Sinistra, e o mesmo canto olhando como olhava.
Não comia; de febre, eis do que ella vivia;
Não fallava a ninguem; a bocca lhe tremia;
Ouviam-na, e o pavor chegava d'alma ao imo,
Repetir em voz baixa a alguem: « Restitui-m'o! »
Disse o medico ao pae: « Cumpre dar distracção
« Áquella angustia d'alma, e ao morto um irmão. »
E o tempo passou: dia, semana, mez.

Esta sentiu-se mãe pela segunda vez.

Do ephemero anjo ante a caminha fria,
Lembrava-se da voz com que elle lhe dizia:
« Mamãe », a meditar, muda, no leito seu.
Quando em seu seio emfim o ente estremeceu,
Que á nossa luz mortal mandou Deus que surgisse,
Ella empallideceu. « Que estranho é este? » disse.
De joelhos se prostrou, no olhar sombrio lume:
« Não, não, não quero! não! tu terias ciume
« Meu filho adormecido a quem a terra gela!
« Dirias: « Tomou outro o meu logar; e ella
« Esquece-se de mim; ella o ama, e sorri;
« Acha-o bonito e abraça, e eu, gelado aqui! »
« Não! não! » —

Assim chorava aquella dôr sombria.

Dá outro filho á luz, quando é chegado o dia,
E exclama alegre o pae: « É menino tambem! »

Mas só o pae se alegra em casa, mais ninguem.
A mãe está triste ainda; a pallida senhora
Sobre a lembrança antiga ainda se inclina agora
E medita; no entanto alguem trazer-lhe veio
O filho; não se oppoz e lhe entregou o seio;
Nisto, e quando, a pensar, feroz e succumbida,
Não no filho que tem, mas nessa alma fugida,
Não na faixa infantil, porém sim no sudario,
Diz: « No tumulo o anjo está tão solitario! »,
— O milagre de Deus! ó mãe recompensada!
Ouve fallar, com um som de voz bem conhecido,
Na sombra, no seu collo, o seu recemnascido,
E baixo murmurar: « Sou eu. Não digas nada. »

S. Paulo, 1874.

HONTEM Á NOITE

(VICTOR HUGO)

Hontem, a brisa da noite,
Cujo sôpro acaricia,
Das flores que tarde se abrem
O perfume nos trazia.

A noite cahia. O passaro
Dormia na escuridade.
Trescalava a primavera,
Mais, a vossa mocidade.

Mais o vosso olhar brilhava
Do que os astros — luz perenne,
E eu fallava baixinho...
Porque era a hora solemne

Em que a alma cantar costuma
Seu hymno mais doce della.
Ao vêr a noite tão pura,
Ao vêr-vos a vós tão bella,

« Vertei o céu sobre esta ! »
Eu disse aos astros, e após
Aos vossos olhos eu disse ;
« Vertei o amor sobre nós ! »

S. Paulo, 1871.

AVE, DEA, MORITURUS TE SALUTAT

(VICTOR HUGO)

Belleza e morte são duas cousas profundas,
Que contêm tanto azul e tanta sombra, quaes
Fôram duas irmãs, terriveis e fecundas,
Encerrando um enigma e um segredo eguaes.

Morenas, louras, ai ! bellas visões jucundas,
Vivei, eu morro ! Amae, brilhae cada vez mais,
O perolas que estaes do mar nas ondas fundas,
O passaros de luz que em negra selva andaes !

Judith, nosso destino é bem mais similhante
Do que se pensa, ao vêr o vosso e o meu semblante:
Todo o divino abysmo em vosso olhar está,

E eu sinto em minh'alma o abysmo estrellado;
Perto do céu, senhora, hemos ambos chegado,
Por isso que sois bella e eu sou velho já.

Rio, 1872.

PLENITUDE

(VICTOR HUGO)

Eu, que nos labios tive a tua taça cheia,
Que já nas tuas mãos pousei a fronte triste;
Que te respirei da alma, e tanto! o doce alento,
Perfume que na sombra occulto e casto existe;

Eu, que já pude ouvir de ti essas palavras
Que um coração começa e o outro adivinha;
Eu, que juncto dos meus já vi chorar teus olhos,
E sorrir tua bocca ao alcance da minha;

Eu, que já recebi sobre a cabeça em extase
Um raio de teu astro, ai! sempre tão velado;
Eu, que já vi cahir na onda de minha vida
Um pétalo de rosa aos dias teus roubado;

Posso agora dizer para os rapidos annos :
« Passae ! passae ! p'ra mim não ha envelhecer !
Levae, levae comvosco as vossas murchas flôres ;
Tenho n'alma uma flôr que não podem colher !

De vossa aza ao roçar não cahe nem uma gotta
Do vaso por que bebo, e eu enchi-o bem !
Meu coração tem mais amor que vós olvido !
E mais que cinza vós, minh'alma fogo tem ! »

S. Paulo, 1873.

A TEMPESTADE

(CH. FOLEY)

Sobre a noite do mar a do céu se esborôa.
Torva lucta ! como um canhoneio, reboa
A trovoada, esmagando as nuvens na oppressão,
Bombardeiando a tréva.
Um rubido clarão,
Como sangrento riso, abre o cariz do espaço.
Mas é um palpitar de luz rapido e escasso ;
E do ephemero incendio a terra volta a estar
No escuro. Comprimido entre a agua e o nimbus, o ar
Dilata-se afinal com furia aterradora,
Fende o céu, cava a onda ; a tempestade estoura,
E o raio, que se torce através do negror,
Parece ferro em brasa entre o laminador.
Bramem raivas triumphaes, e nas fortes lufadas
Ao infinito o vento atira bofetadas.

Das ondas que percorre um fremito febril,
Erigem-se de horror os vivos seios mil.

Nesse revolto chaos, entre as quatro oscillantes
Táboas dum barco, impresso o assombro nos semblantes,
Offuscados, feições crispadas, espectraes,
O marinheiro e o filho, immoveis, estão quaes
Presas que acúa e morde e envolve de tormentos
A matilha feroz das vagas e dos ventos.
Ao mastro, ainda de pé, se agarra o pae, e ao pae
Prende-se o filho, e sobre os dois trémula cahe
A vela esfarrapada — um sudario pendente;
Parecem, no batel, onde lugubremente
Retumba do naufragio o surdo canto-chão,
Dois mortos que de pé se erguessem no caixão.

Geme o mastro, na augustia os costados estalam,
E o barco ainda resiste ás ondas que o encurralam;
Mas entra um vagalhão, logo outro surge após,
E a matilha infernal ruge, innumera o atroz.
Mil guelas alli estão para tragar e pobre...
Um pé de vento o afunda, um rôlo d'agua o cobre,
Abre-se um precipicio e sorve a embarcação.

O homem, com um braço aperta o filho ao coração,
Com o outro, uma táboa ainda ao vórtice arranca;
Atordoado ao bater da espumarada branca,
Avalanche que o arrasta e quasi o afoga, mal
Póde a criança suster a principio; afinal
Já lucta, já respira, e tem o busto fóra.
Era horrivel ha pouco. Ainda é peior agora;

Resistindo, entre o céu escuro e o escuro mar,
Aos despojos atem-se, e lá vão, a nadar;
Como que por cruel e covarde ironia,
O Oceano prolonga, a brincar, a agonia
Dos miseros, que vê no combate sem voz.
Os pedaços do barco, um agora, outro após,
Leva-os, e um após outro os naufragos os colhem.
O espolio diminue, por mais que afflictos olhem;
Vae-se o fragil arrimo; eis que só restam dois
Pedaços do batel, depois um só, depois
Nada!

Aos hombros do pae atira as mãos a criança.
Naquelle apoio, sim, póde-se ter confiança.
« Coragem! diz-lhe, longe a tempestade vae;
« Parece que não tarda a amanhecer. »

O pae
Pergunta-lhe em voz baixa, angustiada, arquejante:
« Avistas terra? » E então, num grande esforço ovante,
Nos braços o ergue ácima. O menino estendeu
A vista para o longe, e alegre prorompeu:
« Amanhece. Lá vejo o morro, a praia cheia
« De cabanas, e a egreja! ó pae, é a nossa aldeia!
« Vamos dormir em casa ainda, se Deus quizer.
« Anda; avisto sentada além uma mulher...
« Mas tu deves estar cançado... » — « Vae olhando »,
Diz-lhe o pae, num esforço extremo o sustentando.
« É mamãe! é mamãe! é ella! vejo que é! »
— « Tarde! » murmura o pae; falta-lhe a voz até.
Oh! como horrivelmente o filho lhe pesava!

Os braços do infeliz a caimbra inteiriçava ;
Exhauria o vigor nos arrancos finaes,
Batia na agua, sim, mas não seguia mais.

A criança reflectiu então : « Sou eu que o prendo ;
« Meu pêso é muito ; o mar agora vae cedendo ;
« Clareia o céu ; que bello o dia vae ficar !
« E que tumulo este, enorme e frio, o mar !
« Mas quem ha de cuidar dos irmãos ? Sou covarde,
« Já o devia ter largado ; faz-se tarde.
« Sósinho, poderá chegar. Oh ! que prazer,
« Quando o abraçarem lá ! Se eu pudesse morrer
« Sobre os joelhos teus, ó minha mamãesinha !... »

Rubra, por traz da serra, a madrugada vinha ;
Do hombro do pae tirou a pequenina mão
E em silencio afundou.

A hora em que se vão
Os pequenos deitar, o alegre e meigo bando
Assustado repara : « Olha papae chorando ! »
E, pallida, sem ter um riso para dar
Aos seus risos, sem ter ao menos um olhar
Para as frontes gentis, no aposento sombrio,
A mãe vae se assentar juncto a um berço vasio.

Valença, 1886.

MORTA

(A. DE MUSSET)

Era bella, se a Noite adormecida
No ádyto sombrio da capella,
Onde lhe fez o leito Miguel Angelo,
Póde, immovel, ser bella.

Era boa, se basta que, passando,
A mão se abra e dê, sem que, em verdade,
Deus nada veja ou diga: se é esmola
Ouro sem caridade.

Pensava, se sómente o vão murmurio
De harmoniose, de suave accento,
Como um arroio que sussurra e geme,
Denota o pensamento.

Orava, se é verdade que dois olhos
Bellos, ora fitando-se no chão
E ora para o céu se levantando,
Se chamam oração.

Ella houvera sorrido, se a flôrinha,
Que não desabrochou nunca, pudesse
Á frescura, uma vez, se abrir do vento,
Que a beija, passa e esquece.

Ella houvera chorado, se algum dia
Friamente levada ao peito seu
Sentisse sua mão na argila humana
Os orvalhos do céu.

Ella teria amado, se o orgulho,
Egual á triste luz que inutil mão
Juncto a um tumulo põe, lhe não guardasse
O esteril coração.

Está morta, sem nunca ter vivido,
Esteve só fingindo que viveu.
De suas mãos cahiu emfim o livro
Em que ella nada leu.

S. Paulo, 1871.

A LAMPADA

(ANDRÉ CHÉNIER)

Ó noite! eu protestara amar essa traidora;
Jurava-me um amor eterno, a seductora;
E na jura commum cada qual te invocou.
Aos braços de outro amante a ingrata se entregou.
Promette amal-o muito, e lh'o diz, e lh'o jura,
E invoca-te ainda, a ti mesma, a perjura!

Tu, lampada nocturna, astro amigo do amor,
Até o amanhecer, posta no velador,
Dessa tua prisão de vidro alumiavas
O nosso terno enleio, e lhe testemunhavas
O doce prometter; mas comtigo, ai de mim!
Seu amor se gastava, e extinguiu-se por fim;
Toda a jura tambem dessa bocca adorada,
Como tu, em fumaça eil-a já dissipada.

P'ra nos alumiar, ao pé do leito seu,
Quem te queria alli, ó lampada, era eu;
E não te apagas tu, ao vêr tamanho crime!
E prestas-te ao prazer de um rival que me opprime!
Falsa como essa falsa, e tão sem fé assim,
Para outro estás sendo o que foste p'ra mim,
Revelando a outro olhar, que levas para ella,
Que perfida que é, mas tambem quanto é bella!

— Ó poeta infeliz, não me accuses assim!
Para t'a conservar, fiz o que estava em mim.
Olhando a persegui, na hora do delicto,
Até que me matasse o seu cuidado afflicto:
Hontem, tão fatigada ella mostrava estar
Que apenas arrastava e a falla e o andar.
Extincta já no espaço a lampada celeste,
Accenderam-me então; deitou-se, e lhe disseste
Que de seu corpo enfermo a frouxa languidez
Um somno longo e casto implorava talvez.
Abraçaste-a, partiste, ao vêl-a adormecida.
Mal sahiste, essa porta alli falsa escondida
Abriu-se: loura fronte apresentou-se, vi
Pela primeira vez um outro amante aqui.
Então ella a tremer com a falla e carinhosa
Dizia-lhe: « Não, vá-se; eu sou bem criminosa. »
E os braços lhe estendia, ao lhe fallar assim.
O moço caminhava, e chegou perto emfim.
Vi unirem-se então as duas boccas pérfidas.

. . . . . .

Dos flancos della vi o puro jaspe ardente,
Lirio, ébano, coral, um sangue azul e quente,

Tal qual tu m'a mostraste outr'ora tanta vez,
Mais formosa e gentil só com a sua nudez,
Quando, em noites de febre, o travesseiro a via
Entre beijos dormir e accordar, e a alegria
Gritos teus arrancava ao vêres-me luzir
Complacente, e ella então maldizia-me, a rir.
Embalde ao deus do amor, que te julguei propicio,
Pedi da voz, que tenho agora, o beneficio.
Queria lhe exprobrar teus prantos, á infiel,
Chamar-lhe ingrata e má, criminosa e cruel.
P'ra ao menos lhe accordar em o seio impudente
O remorso, o terror, me agitei de repente,
E da torcida a arder em ruidoso estalar,
Fiz saltar chispas mil da chamma a crepitar.
Descorou e tremeu, e, para mim olhando,
Com voz desfallecida assim disse: « Pois quando,
« Cedendo-te ao desejo, eu consinto em calar,
« Ha de essa testemunha os perjurios contar! »
Ia-se levantar; nos braços a apertando.
« Oh! não apagues! não! » disse elle, a segurando.

Eu já cessei de arder: imitar-me convem.
Ella ama a outro, busca outra amante tambem.
Sopra esse amor infame, eu t'o aconselho, amigo,
Como, para apagar-me, o fez ella commigo.

S. Paulo, 1873.

VOLTANDO DO MAR

(MÉRY)

Era a hora em que o céu se constella de mundos,
Em que Deus, adornando ao que queremos bem,
Sumiu com uma das mãos o sol nos mares fundos,
Com a outra a lua ergueu lá dos montes além!

Casta recordação de uma noite ditosa!
O mar dir-se-ia vir do horizonte sem fim,
Para manso beijar com a onda amorosa
Teus pequeninos pés calçados de setim.

Brilhava o astro da noite, o seu disco inclinando,
E, para te mostrar, accendia o fulgor
Do dia; qual sultão a odalisca olhando,
Por elle promettida ao seu fogoso amor.

Com sua argentea gaze a atmosphera suave
Ameigava-te o corpo e luzia-te ao pé;
E, tapiz de velludo em que rainha grave
Anda, a areia a teus pés amimava-os até.

Eu, com a força toda e com toda minh'alma,
Oh! como desejára em minhas mãos pegar
Esse instante fugaz de paixão e de calma
Que me passava alli para não mais voltar!

S. Paulo, 1873.

MARMOREA

(GUIDO Y SPANO)

Marmorea, triste, enferma, desmaiada
Qual salgueiro que a verde face inclina
E na lagôa a espelha consternada,
E de luar se veste e de neblina,

Já mal sabe sorrir ; do olhar sómente
Um vago e terno anhelo transparece,
E volve aos céus os olhos, inconsciente,
Qual se, num templo, erguesse intima prece.

Em extase, talvez, escuta um canto
Divino, doce e merencoria reza,
Hymno talvez de amor ou voz de pranto
De alguma alma captiva de tristeza.

Quem sabe? Envolta em harmoniosas brumas,
Do espaço os espiritos alados
Com tenues leques de alvejantes plumas
Agitam-lhe os cabellos perfumados.

Mórbida languidez; d'antes não tinha
Esta alvura! e que luz no olhar, coada
Por sonhos ideaes! quando caminha,
Parece pelos zephyros levada.

Colhendo as brancas azas como uma ave,
Adormeceu-lhe n'alma o sentimento,
E só aspira á paz serena e grave,
A paz da ausencia, á paz do esquecimento.

E vêl-a, candidissima camelia,
Com seu vestido branco de ampla fralda,
Similhante a Desdemona ou Ophelia
Esfolhando nas ondas a grinalda.

Se toca ao piano, o instrumento anceia;
Se canta, é murmurando uma elegia
Com suave expressão que exalta e enleia...
E ella sempre indifferente e fria!

Como extinguiu-se-lhe a celeste chamma
Que o seio lhe nutria? que atroz pena
Nesse angelico espirito derrama
O opio que a acalma e que a envenena?...

Enferma, quasi exanime!... Traidora
A febre lentamente a vae minando,

E a vida as seu ardor se lhe evapora
Em leves ondas de perfume brando.

Brisas do mar, alentos da esplanada,
Effluvios da floresta, auras do monte,
Vivas exhalações da madrugada,
Rapidas vinde e refrescae-lhe a fronte.

Da formosura o esplendido rosado
Dae-lhe, dae-lhe, e a saúde que lhe expira,
Para que pulse o seio enregelado
E vibre do seu ser a interna lyra.

Está na edade em que o amor floresce;
Que a proteja o amor, cuja alva estrella
Em seus divinos olhos resplandece...
Nunca se apague ao reflectir-se nella!

Minas, 1870.

OS DOIS ESPELHOS

(CAMPOAMOR)

No crystal de antigo espelho
Aos quarenta annos me olhei,
E achando-me feio e velho,
De raiva o crystal quebrei.

Da alma na transparencia
Meu rosto então contemplei,
E tal me vi na consciencia
Que meu coração rasguei.

Porque, perdendo o mortal
Crença, juventude e amor,
Se se olha ao espelho, mal!
Se se vê n'alma, peior!

Rio, 1891.

A SOMBRA DOS MORTOS

(GUTIERREZ)

Á porta fui bater de um que era amigo,
E a voz logo expirou-me na garganta,
Porque de ti saudade não habita
Onde delira a dansa e a orgia canta!
Mas vamos, minh'alma, além:
Que a sombra dos que morreram
Na terra ingrata amigos já não tem!

Á porta fui bater do amor primeiro,
E para traz volvi angustioso,
Porque a adorada mão de tua amante
Acariciava a fronte de um esposo!
Mas vamos, minh'alma, além:
Que a sombra dos que morreram
Na terra ingrata amores já não tem!

A porta fui bater do lar paterno,
E cahiu-me da aldraba a mão tremente:
Ai! onde o ruido do festim resôa
Já lembranças não moram mais do ausente!
Mas vamos, minh'alma, além:
Que a sombra dos que morreram
Na terra ingrata a casa já não tem!

No dia melancolico dos mortos,
Fui ao pé de um sepulcro abandonado,
E por teu nome ergui a minha prece,
Por sobre o musgo delle prosternado.
Não fujas, minh'alma, já:
Que o nome dos que morreram
Só na pedra dos tumulos está!

Rio, 1871.

QUADROS

(CÓPIAS DE ORIGINAES CASTELHANOS)

A GUERRA

Descamba a tarde, ao seu clarão incerto,
Com a redea solta ao peito malferido,
Solitario corsel cruza, perdido,
O campo de batalha já deserto.

De sangue e lodo e de suor coberto,
Cravando os olhos e apurando o ouvido,
Interroga o montão donde um gemido
Ouviu de moribundo; está bem perto.

Estaca alli então, e, dilatando
A entreaberta narina, o ar aspira.
Chegam os corvos p'ra o festim nefando;

Apaga o sol a funeraria pyra;
Remexe o bruto a sarça resfolgando,
A fronte lambe ao paladino e expira.

A PAZ

O alvor da aurora, meigo de carinho,
De luz inunda o morro e a varzea inteira,
E, de amor e consôlo mensageira,
Ouve-se a alegre voz de um sinosinho.

Espadanam as aguas no moinho;
Busca o zagal a bella companheira;
E a chusma dos passaros palreira
Anda ufana a vôar de ninho em ninho.

Tudo é repouso e calma e harmonia;
Na curva azul do céu immaculada,
Convidando ao prazer, desponta o dia;

E, rica de esperanças e abastada,
Bençams d'alma feliz a Deus envia
A mãe, juncto de um berço ajoelhada.

S. Paulo, 187[illegible].

O GONDOLEIRO

(C. DELAVIGNE)

« Vamos, bello gondoleiro,
Até Rialto, diz ella :
Dou-te este collar que trago.
Tem cada pedra tão bella ! »
Mas recusa-lhe o rapaz :
« Pelo peior dos collares
Na minha gondola entrares !
Não, Giannetta ; que me dás ? »

« Eu sei um doce *lamento ;*
Posso cantal-o, diz ella,
Em caminho de Rialto ;
E a musica é tão bella ! »
Mas recusa-lhe o rapaz :
« Ora ! só por uns cantares

* * *

Na minha gondola entrares!
Não, Giannetta; que me dás? »

Com seu rosario nos dedos,
« Olha, quérel-o? diz ella:
O bispo benzeu-lhe as contas;
E tem uma cruz tão bella! »
Mas recusa-lhe o rapaz:
« Por uns benzidos de altares
Na minha gondola entrares!
Não, Giannetta; que me dás? »

Canal em fóra, entretanto,
Vi-o remar juncto della
E olhal-a entresorrindo.
Que teria dado a bella?
Sahiu confusa. O rapaz,
Fiel á palavra dada,
Voltou á gondola, e nada,
E nada lhe pediu mais.

S. Paulo 1873.

ANALYSE

(J. RICHEPIN)

Ó lagrimas, em que se vão nossos rancores,
Qual procelloso céu, fuliginoso, troante,
Electrico, e que em chuva esvaece num instante;
Ó lagrimas, ó mais suave dos licores,

Quando vos bebe o amante a beijos vencedores,
Qual bebe o sol, passado o chuveiro, anhelante,
Pelas nuvens que enxuga, o arco-iris brilhante;
Ó lagrimas, que assim cahis de nossas dôres,

Como o orvalho, da flor cahe do quebrado calice;
Vauquelin e Fourcroy fizeram-vos a analyse,
Ó lagrimas, e os dois, no crysol, afinal,

Encontraram, por juncto, o que aqui vae escripto:
Agua, sal, soda, muco e phosphato de cal.
Ó lagrimas, ideal rócio d'alma!... Bonito!

Minas, 1885.

ME, ME, ADSUM

(J. SOULARY)

Eil-os perante o magistrado,
Que lhes diz : « Casados estaes
« Em nome da Lei ; quanto ao mais,
« Lá vos fica ao vosso cuidado. »

Diz depois no templo sagrado
O padre : « Abençoadas sejaes
« Eu nome da Fé ; ora entraes
« No grande mysterio ignorado. »

Mas eis que no limiar divino
Surge um formoso deus menino
E assim ao par exclama : « Eu sei,

« Loucos, que não contaes commigo !
« Pois sou o Amor, e vos desligo,
« Eu não conheço Fé, nem Lei. »

Valença, 1885.

SONHOS AMBICIOSOS

(J. SOULARY)

Se eu tivesse algum chão: montanha, valle ou seára,
Quizera um pouco d'agua: arroio, ôlho ou cachoeira;
Uma arvore plantára: ipê, cedro ou palmeira;
Erguéra um tecto: telha-vã, côlmo ou coivara.

Na arvore um ninho bom: frouxel, palha ou taquara,
Reteria um cantor: sabiá, melro ou colleira;
Sob o tecto um bom leito: estrado, rêde ou esteira,
Reteria uma huri: parda, morena ou clara.

Basta um pequeno chão; para que o demarcasse,
Pediria á mulher que mais me enamorasse:
Fica em frente do sol que vem rompendo; espera;

Até onde na selva a tua sombra avance,
Apenas até lá meu horizonte alcance:
Ventura que na mão se não colhe, é chimera!

Rio, 1893.

* * *

O SAPATO VELHO

(F. COPPÉE)

Em maio, por um dia esplendido e calmoso,
Andava eu marginando o rio vagaroso
Que de uma nuvem branca espelhava o passar.
Seguia lentamente o trilho irregular
Que desce para o porto, entre flores e viços.
Alamos á direita, e á esquerda canni os;
Em frente, magestoso, o rio a collea',
E a ponte, um arco só, traçando-se no ar.
Murmurava, vergando os juncos, a corrente;
E os peixes, no saltar, lhe iam continuamente
Orbes de chamalote abrindo na extensão.
A toutinegra viuva e o bello verdelhão
Cantavam no arvoredo espesso, ao desafio;
E dos ninhos a festa e da agua o murmurio
Iam-me acompanhando o lento divagar.

Eis, subito, na relva inflorada, ao passar
Pelo trilho aldeião, de botões-de-ouro ufano,
A meus pés avistei — primeiro indicio humano
Que aos olhos me surgiu naquella solidão —
Sob a relva e já quasi incorporado ao chão,
Um sapato deixado alli, de algum mendigo.
Era um sapato immundo, indecoroso, antigo,
Acalcanhado, abrindo a sola com desdem,
Feio como a miseria, e sinistro tambem.
Outr'ora pertenceu, decerto, a algum soldado;
Depois, no remendão, cahido em triste estado,
Algum vil vagabundo ainda o viu e quiz.
Um tal sapato vae de paiz a paiz,
E um dia, escalavrado, esmagado da carga,
Larga afinal o pé: não é o pé que o larga.

E que pungente poema este despojo é!
O ferro do captivo e o grilhão do galé
Pesarão mais que tu, sapato do mendigo?
Porque ficaste assim dessa ponte ao abrigo?
Neste logar a agua é profunda? Talvez
Aconselhasse o rio alguma hediondez
Ao misero viajor de tão longe chegado?
Dize! Foi, arrastando o pé descalço e inchado,
Ao mais proximo albergue uns sóccos mendigar?
Ou, depois de te haver perdido no logar,
O mesquinho, que até os trapos abandonam,
Foi vêr alli, aonde as aguas turbilhonam,
Se quem dorme acolá já não precisa mais
Uma roupa decente e uns sapatos eguaes?

Embalde uma aversão invencivel combato
Deante do aspecto máu deste horrivel sapato,
Que neste campo, só, se me depara aos pés.
É infame, o seu geito é de vir das galés;
Vermelho está, lavou-lhe o couro a tempestade;
E imagino um assassinio, e alguem que se evade
Para longe de um outro arquejante no chão,
Com a face pisada a pregos de tacão!

Abominavel resto a meus pés encontrado,
Refugo do bandido ou do desesperado,
Fazes-me estremecer! Tudo em ti vem lembrar,
Ante as flôres, e ante a natura sem par,
E ante os céus onde corre uma aura de bondade,
E ante o esplendido sol, do mal a eternidade.
Ante elles tu depões, ó testemunha má,
Que de miseria e vicio o mundo cheio está,
E que esses cujos pés sangram pelas estradas
Estão prestes a ter as mãos ensanguentadas.
— Instrumento de crime ou de tortura, ó vil,
Sê maldicto! E, afinal, que podes contra abril?
Vede! a relva crescente encobre a coisa abjecta;
É medonho, e sobre elle ondula a borboleta;
Recupera-o a terra em musgo encantador,
E no sapato velho abre o campo uma flôr.

ELEGIA

(MIÇKIEWICZ)

Oh ! se um só dia... um dia inteiro é muito..
Se uma hora só, pudesses tu viver
Dentro em minh'alma !... Então é que verias,
Creatura feliz, o que é soffrer !

O pensamento perturbado trago ;
Tempestuosos tenho os sentimentos ;
Morde-me a raiva o coração, nos olhos
Põe-me olhares sombrios, por momentos ;

E, por momentos, intima saudade
Engolfa-me num mórbido scismar,
Ou do remorso as lagrimas ardentes
Vêm-me os languidos olhos arrasar !

* * *

E tu... extremos do insensato evitas,
E do importuno o lamentar constante!
Não me conheces! da paixão, é certo,
Crestou-me o fogo o viço do semblante;

Mas olha-me bem n'alma. Ahi thesouros
Verás de amor e de bondade, e mais
A phantasia, com que a sorte ingrata
Se mitiga dos miseros mortaes.

Hoje não pódes enxergal-os... Quando
Ruge no occano a tempestade, e ardentes
Raios o abrasam, quem avista as conchas
Nacaradas e as perolas luzentes?

Antes de me julgares, olha, deixa
Que volte o claro sol e ao céu a côr
Cerulea da bonança. Mas que, ao menos,
Bem certo esteja eu de teu amor;

Que de tua inconstancia maltratado
Não mais o coração venha a dôer-me!...
Já tão medroso está!... feliz eu seja
Um só momento, e has de conhecer-me!

Como um genio captivo dos encantos
De poderosa feiticeira, eu
Viverei p'ra cumprir os teus desejos,
P'ra adivinhar o pensamento teu.

Se, de orgulhoso, alguma vez o escravo
Tiver caprichos de senhor e altivo,

Tu sorrirás, e has de vêr que logo
Torna o senhor a se humilhar captivo.

E que te havia de mandar? Que um pouco
Retardasses a hora de partir...
Que o penteado ao gosto seu trouxesses...
Que a occupação deixasses para ouvir

Novas canções e juramentos velhos...
E bem podias lh'o fazer, querida,
Com um quarto d'hora de paciencia ou tédio
E alguns instantes de attenção fingida.

Quando eu julgar que escutas os meus versos,
Tu poderás dormir; e se outro fôr
O sentimento que nos olhos mostres,
Eu nelles, crente, só verei amor.

Dona do meu futuro, has de guardar-me
A razão e a vontade no teu seio.
E do passado esquecerei saudades,
Para que nada em mim te seja alheio.

Então este selvatico delirio,
Que até agora se apossou de mim,
Cahirá de minh'alma: de uma barca
Sossobra um malfeitor e cahe assim,

Um malfeitor, que com a sinistra fronte
Subleva as vagas e a procella envida.

* * *

Placidamente vogaremos ambos
Por sobre o manso lago azul da vida.

E se ainda a sorte má de nós em torno
Bravas tormentas despenhar alli,
Eu, me elevando acima dellas calmo,
Aéreo cysne, cantarei p'ra ti!

S. Paulo, 1873.

O REI HARALDO HARFAGAR

(H. HEINE)

O rei Haraldo Harfagar
Está no fundo do Oceano
Com bella fada do mar;
Passa o tempo, anno, anno, anno, anno.

Pela ondina enfeitiçado,
Nem bem vive, nem bem morre;
E o delicioso peccado
Ha duzentos annos corre.

No seio da feiticeira
Traz a fronte a repousar;
Olha-a em languida quebreira:
Nem cança nunca de a olhar.

Os cabellos d'ouro tomam
Tom de prata; ao macerado
Semblante as maçãs assomam;
O corpo é gasto e alquebrado.

Ás vezes, rompe a cadeia
Do sonho de amor fatal,
Quando, acima, a onda estrondeia
E arfa o paço de crystal.

Ás vezes, ouvir parece
Grito de guerra normando;
Ergue-se rijo, estremece,
Torna a cahir, miserando.

Ás vezes, vozes estranhas
Ouve de lobos do mar,
Que celebram as façanhas
Do rei Haraldo Harfagar.

Então geme o rei, soluça
E chora, em voz cava e rouca.
A fada então se debruça
E beija-o, rindo, na bocca.

Rio, 1901.

NUMEROS DO « INTERMEZZO »

(H. HEINE)

I

Na ridente primavera,
Quando o botão abre em flôr,
Minh'alma, de esteril que era,
Engrinalda-se de amor.

Na ridente primavera,
Quando entra o melro a cantar,
Á que em mim sorrindo impera
Ousei meus votos confiar.

II

Minhas lagrimas entornam
Flores que brilham ao sol,
E meus suspiros se tornam
Em cantos de rouxinol.

Se me quizeres, ó bella,
Tens dessas flores o escol,
E defronte da janella
Os cantos de rouxinol.

XXXIII

Como é formosa a terra e azul o céu festivo!
Doce brisa estival
Sopra; por toda parte o sólo é um jardim vivo,
E nas flores scintilla o orvalho matinal;
Uma luz de alegria anda no ar, e á porta
De cada habitação ha risos e folguedo;

Ah ! quem me dera já no meu tumulo, quêdo,
Morto, estreitando ao peito a minha amada morta !

XXXIV

Ó doce amada minha, quando um dia,
Tu te fores deitar na campa fria,
Irei nella deitar-me ao lado teu.

Beijo, abraço-te muito, ardentemente,
E tu, pallida, muda, indifferente...
Grito, estremeço, morro tambem eu.

Ouve-se meia-noite ; os enterrados
Erguem-se e dansam, grupos nebulosos...
E, estreitamente unidos como esposos,
Ficamo-nos no tumulo deitados.

Eis o dia da ira ; convocados,
Erguem-se os mortos para a dôr e os gozos...
E nós, do eterno premio descuidosos,
Deixamo-nos ficar, bem abraçados.

XXXVII

Diz a cabeça : « Venturoso o mocho
Onde a querida pousa os pés pequenos ! »
Podia em mim tripudiar, se o fosse ;
Nem uma queixa me ouviria, ao menos.

Suspira o coração : « Afortunada
A almofadinha em que as agulhas crava ! »
Fosse eu, e bem podia trespassar-me
A sua mão, que mais a abençoava.

Geme a canção : « Feliz a folha branca
Que em papelotes ella despedaça ! »
Fosse eu, e murmurava-lhe aos ouvidos
Tudo que dentro em mim canta e esvoaça.

Rio, 1853.

UMA MULHER

(H. HEINE)

Elle e ella se amavam ternamente,
Ambos ladrões. Quando elle commettia
Uma das costumadas ligeirezas,
Cahia ella no leito, e ria e ria.

Em festas se passava o dia inteiro,
No peito delle á noite ella dormia.
Quando á cadeia o conduziram preso,
Ella poz-se á janella, e ria e ria.

Elle escreveu-lhe que viesse vêl-o,
Que de saudades della se morria.
Quando ella recebeu a carta delle,
Sacudiu a cabeça, e ria e ria.

De manhã, ás seis horas, o enforcaram,
E ás sete na valla apodrecia;
Mas, uma hora depois, ella sem elle
Bebia rubro vinho, e ria e ria.

S. Paulo, 1874.

SONETO

(FÉLIX D'ARVERS)

Tenho um mysterio n'alma e um segredo na vida :
E um eterno amor nascido em um momento.
E mal que não tem cura : assim, nenhum lamento
Jámais o revelou á candida homicida.

Por ella passarei, sombra despercebida,
Sempre a seu lado, sempre, e em mudo isolamento
E ha de chegar assim meu ultimo momento,
Sem nenhuma ventura ousada ou recebida!

Creou-a meiga Deus, e boa e carinhosa,
Mas distrahida segue, e surda á voz anciosa
Deste amor que murmura a seus pés, onde está.

Fiel ao seu dever, que austeramente zela,
Dirá talvez, ao ler meus versos cheios della :
» Que mulher será esta ? » e não comprehenderá.

Minas, 1881.

A CANÇÃO DO MOÇO MONTANHEZ

(UHLAND)

Sou o moço pastor da montanha;
Os castellos do valle domino;
Dá-me o sol sua luz desde a aurora,
E commigo é que mais se demora;
Sou o moço pastor da montanha!

Da torrente este é o berço materno;
Bebo-a fresca ao jorrar do rochedo;
Ella brame a saltar pelas brenhas,
E eu recebo-a nos braços sem medo;
Sou o moço pastor da montanha!

A montanha é o meu livre dominio;
Pelos lados a cercam procellas;
Quando rugem do sul e do norte,

Canto um canto mais alto do que ellas;
Sou o moço pastor da montanha!

Tenho aos pés o trovão e o raio,
Pois que móro no céu azulado;
Eu conheço-os de perto e lhes brado:
Respeitae de meu pae os penates!
Sou o moço pastor da montanha!

E no dia em que ouvir o rebate,
E vir fogos nos montes brilhando,
Descerei e entrarei nas fileiras,
A brandir minha espada, e cantando:
Sou o moço pastor da montanha!

S. Paulo, 1873.

A COROA SUBMERGIDA

No alto da collina
Uma casinha ergue-se;
Um panorama esplendido
Dalli se descortina;
Livre trabalhador
Lá móra, que, ao crepusculo,
Afia a foice, e canticos
Entôa ao Creador.

Embaixo, ha um sombrio
Pantano; alli submerge-se
Coroa em que já viram-se
Fulgor e poderio;
A noite, ha a brilhar
Saphiras e carbunculos;
Alli está ella ha seculos,
Ninguem a vem buscar!

S. Paulo, 1874.

A MENINA DO POUSO

(UHLAND)

Pela margem do Rheno vão tres moços
Voltando alegres ao paterno lar,
E já no pouso costumado param
Um pouco, a descançar.

— Traze-nos, velha, o transparente vinho,
A espumante cerveja aqui nos dá.
Que é da menina de cabellos louros?
Onde a menina está? —

— Boa cerveja nesta casa tendes,
Ha na adega tambem vinho demais.
Minha filha... ai de mim! pallida e fria
Já no féretro jaz! —

E quando entraram no quartinho humilde
Onde estava seu leito virginal,
Entre dois cirios, no ataúde negro,
A viram glacial.

Um delles ergue o lenço que a velava,
No angelico semblante pousa o olhar :
— Se viveras ainda, linda moça,
Mais te havia de amar! —

Outro deixa cahir o véu no resto,
E volta-se com trémulo gemer :
— Eu, que tanto te amei, ó bella criança,
Assim te hei de vêr? —

Abeirou-se o terceiro, e, desvelando-a,
Nos labios della os labios foi pousar
Num doce e casto beijo : — Amei-te, amo-te
E sempre te hei de amar! —

Rio, 1872.

OS CANTOS DOS MORIBUNDOS

(UHLAND)

I

A SERENATA

« Que sons tão doces, ó mamãe, me accordam !
Mas que vem a ser isto a tal deshora ? »
« Eu nada oiço, nem vejo. Fiha minha,
Dorme teu somno socegado ! Agora
Já não ha serenatas para ti,
Coitadinha de filha, ai ! tão doente ! »
« Não foi terrestre musica que ouvi,
Par que me tornasse tão contente ;
Era bem lá de de cima que ella vinha ;
São os anjos que cantam me chamando ;
Boa noite, querida mamãesinha ! »

II

O ORGAM

» Inda mais uma vez tocae-me orgam,
Meu respeitavel e meu bom vizinho!
E que as maguas do peito me adormente
A piedosa musica! » Assim pede
A doentinha, e o vizinho lhe obedece;
E nunca assim tocou tão docemente!
Já nem seu modo de tocar conhece!
E um estranho canto venturoso,
Que debaixo dos dedos lhe suspira.
Pára subitamente horrorisado...
A alma de sua amiga se esvahira.

III

O PASSARINHO

« Bem! não irei ao jardim; eu fico
Aqui deitada este verão inteiro,

Comtanto que oiça o passarinho alegre
Que está cantando agora no terreiro. »
Para a menina o passarinho pegam,
Numa gaiola o prendem; mas agora
Eil-o que, triste, já não quêr cantar,
E a pequenina cabecinha inclina.
Olha a criança ainda uma vez, implora
Com um ternissimo olhar.
Eis, commovida, a ave
Sólta um canto dulcissimo, suave,
E eis que os olhos da menina brilham
E apagam-se p'ra nunca mais brilhar.

DESEJO

(LUIZ RODRIGUEZ, VELASCO)

Quizera dessa bocca purpurina.
Ser um labio e beber do outro a ambrosia;
Mas, se esta aspiração te contraria,
Quizera de teus olhos ser menina,
Para viver comtigo noite e dia.

Rio, 1901.

O BEIJO

(E. ROSTAND, « CYRANO DE BERGERAC », ACT. III, SC. IX).

Um beijo, mas, emfim, que grande coisa é essa?
Jura que de mais perto é jurada, promessa
Mais clara, confissão que quer confirmação,
Ponto roseo no *i* da palavra paixão,
Segredo que se diz á bocca em vez da orelha,
Instante de infinito em sussurro de abelha,
Com resaibo de flôr intima communhão,
Modo de respirar um pouco o coração,
E de provar um pouco, á flôr dos labios, a alma

Rio, 1901.